



# **CULTURA E RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA**

Autora: Bruna Scheifer

**UNIASSELVI-PÓS**  
Programa de Pós-Graduação EAD



CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI  
Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito  
Cx. P. 191 - 89.130-000 – INDAIAL/SC  
Fone Fax: (47) 3281-9000/3281-9090

Reitor: Prof. Ozinil Martins de Souza

Diretor UNIASSELVI-PÓS: Prof. Carlos Fabiano Fistarol

Coordenador da Pós-Graduação EAD: Prof. Norberto Siegel

Equipe Multidisciplinar da  
Pós-Graduação EAD: Profa. Hiandra B. Götzinger Montibeller  
Profa. Izilene Conceição Amaro Ewald  
Profa. Jociane Stolf

Revisão de Conteúdo: Profº. Gilberto Poncio

Revisão Gramatical: Profa. Camila Thaisa Alves Bona

Diagramação e Capa:  
Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Copyright © UNIASSELVI 2012

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri  
UNIASSELVI – Indaial.

306

S319c Scheifer, Bruna

Cultura e religiosidade afro-brasileira / Bruna Scheifer.

Indaial : UNIASSELVI, 2012.

141 p. : il.

ISBN 978-85-7830-649-6

1. Cultura. 2. Religião – afro-brasileira.  
I. Centro Universitário Leonardo Da Vinci.



**Bruna Scheifer**

Bacharel em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestre em história com concentração em História, Poder e Práticas Sociais pela UNIOESTE. Professora de História no Ensino Fundamental e Médio. Professora de sociologia e Práticas Pedagógicas no Ensino Superior e pós-graduação. Autora de material didático de história para Ensino Fundamental e médio. Possui projetos de extensão na área cultural; publicação de artigos como A arena da história das Ideias: entre a filosofia e a história; e pesquisa com bolsistas de Iniciação Científica.



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
<b>CAPÍTULO 1</b>	
CONCEITOS DE CULTURA E RELIGIOSIDADE .....	9
<b>CAPÍTULO 2</b>	
MÚSICA: INFLUÊNCIAS DA MÚSICA AFRICANA NO BRASIL.....	45
<b>CAPÍTULO 3</b>	
CONTRIBUIÇÕES AFRICANAS NA LINGUAGEM E NA CULINÁRIA ..	75
<b>CAPÍTULO 4</b>	
RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE AFRICANA .....	95
<b>CAPÍTULO 5</b>	
ALGUMAS FORMAS DE RESISTÊNCIA .....	119



# APRESENTAÇÃO

Caro(a) pós-graduando(a):

Gostaríamos de deixar claro que a pretensão desse estudo é levantar questões acerca das contribuições da cultura afro, dos processos, das conquistas e muitas vezes também dos retrocessos, salientando que esse caderno não é um fim e sim o início de uma longa e inacabada discussão.

Prova disso são as várias obras que estão sendo publicadas sobre a temática, seminários, mesas redondas e leis que estão sendo feitas a partir desse assunto. Trata-se de uma temática pouco ainda debatida e que apresenta um leque inesgotável de possibilidades.

Portanto, esse estudo não tem a pretensão de esgotar a temática ou de trazer questões prontas e acabadas, porque dentro do próprio processo histórico, isso seria impossível. O objetivo é apresentar algumas nuances dessa influência, pois ela é muito mais ampla e complexa.

Somente um estudo demorado e apurado daria conta, ainda de forma bastante restrita, em citar ou discutir tanto cabedal cultural que se apresenta quando falamos em cultura afro-brasileira.

O que esse caderno de estudos está propondo é embarcar nesse mundo cultural que é fascinante de maneira didática e contextualizada. Precisamos nos despir de qualquer juízo de valor ou de qualquer intenção de julgar se uma cultura é melhor ou pior do que outra, se fizermos esta comparação ou esse julgamento estamos usando a mesma lente etnocêntrica que perdurou durante muito tempo na historiografia de maneira equivocada e hoje, bastante criticada.

Para facilitar nosso estudo e organizá-lo de maneira didática dividimos o caderno em 5 capítulos.

O primeiro capítulo apresentará rapidamente as diferentes correntes teóricas acerca da história da África bem como os conceitos de cultura e religiosidade.

No capítulo dois, o conceito de hibridismo cultural será discutido bem como algumas influências da cultura africana na nossa cultura, como o samba e a congada.

No capítulo seguinte, atentaremos para a influência da língua africana na nossa cultura e da culinário pela força que representam e pela temática do nosso estudo. No capítulo IV, observaremos a importância das instituições religiosas também

como espaço de cultura onde se constroem relações, normas de comportamento, solidariedade e concepções de mundo.

E por fim, no capítulo V, abordaremos algumas formas de resistência utilizadas pelos afro-descendentes aqui no Brasil. Uma delas, a capoeira, mostra como eles foram construindo e mantendo a sua cultura em um país distante de sua terra de origem.

Essas formas de resistências também apontam caminhos para que observemos que mesmo que uma ideologia dominante pretenda ser hegemônica, de fato, ela não o é. Pois sempre vão aparecer, outras vozes, outros discursos, outros personagens, que também escrevem a história, que também fazem parte da construção da cultura brasileira, mesmo que a contrapelo como dizia Benjamin.

Caro pós graduando, convido-o então a embarcar nesse mundo fascinante e revelador.

Bons estudos.

A autora



# CAPÍTULO 1

## CONCEITOS DE CULTURA E RELIGIOSIDADE

**A partir da perspectiva do saber fazer, neste capítulo você terá os seguintes objetivos de aprendizagem:**

- ✓ Reconhecer a historicidade dos conceitos de cultura e religiosidade.
- ✓ Compreender como se deu o encontro entre duas culturas: a brasileira e a africana.
- ✓ Analisar as diferentes correntes teóricas da cultura africana no Brasil.



## CONTEXTUALIZAÇÃO

Caro pós-graduando, quando falamos em história da África, surgem ainda muitas incógnitas, principalmente quando falamos em uma cultura africana.

Durante muito tempo, a cultura africana foi relegada a segundo plano na historiografia e, quando aparecia, era escrita sob a visão do europeu que via o continente africano como atrasado e seu povo como inferior.

Esse pensamento possui uma explicação histórica, uma vez que as primeiras obras sobre a África foram escritas por cronistas no século XV quando, juntamente com as expansões marítimas, se lançaram para o além mar e o conceito de superioridade europeia permeava a mentalidade da época.

Falar de uma cultura africana é terreno pantanoso e perigoso, pois é necessário refutar uma história que durante muito tempo teve a ideia de que o sujeito que habitava o continente africano era inferior. Esse conceito perdura ainda em muitos escritos e discussões sobre a temática. Obviamente que muitos avanços estão sendo conquistados na historiografia, rebatendo esses estudos preconceituosos e etnocêntricos, como veremos neste capítulo.

A ideia deste primeiro capítulo é apresentar, de maneira sucinta, as diferentes correntes teóricas acerca da história da África, bem como os conceitos de cultura e religiosidade. Esses conceitos são importantes para que possamos entender o mote desse capítulo que trata da cultura africana.

Vamos lá?

## O QUE É CULTURA?

Todos os povos possuem cultura, uma das principais características humanas. Vários são os elementos formadores da cultura: costumes, sistemas, leis, religiões, crenças, valores morais e éticos, comportamentos, preferências, apenas para citar alguns.

A cultura é um elemento social, portanto se desenvolve coletivamente e se transforma historicamente ao longo do tempo. Não existe apenas um conceito para definir cultura, mas diversos historiadores, sociólogos, antropólogos e filósofos se debruçam sobre o tema.

Na Antiguidade, por exemplo, o termo cultura significava tudo aquilo que o homem vinha produzindo ao longo do tempo como o conhecimento, o seu interesse pela filosofia e pelas artes. Em várias sociedades ao longo da história, o termo cultura assumiu significados diferentes. Vamos analisar alguns desses sentidos e alguns conceitos que são importantes para o desenvolvimento de nosso estudo.

---

### Atividades de Estudos:



E agora vamos parar para pensar um pouco.

- 1) Você deve conhecer o termo cultura, portanto responda nas linhas abaixo: o que você entende por cultura?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

- 2) Na tirinha da Mafalda apresentada na sequência, podemos observar que o conceito de cultura assume características próprias. Analise a tirinha e escreva seus comentários nas linhas abaixo.

Figura 1- Tirinha da Mafalda



Fonte: Disponível em: <[http://blogs.odiario.com/odiarionaescola/files/2011/12/quino-mafalda\\_-\\_tv\\_-\\_quino.jpg](http://blogs.odiario.com/odiarionaescola/files/2011/12/quino-mafalda_-_tv_-_quino.jpg)>. Acesso em: 10 set. 2012.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

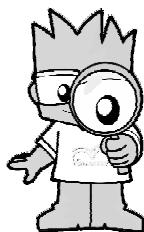
---

---

---

Se pensarmos historicamente, o termo cultura no século XVIII, segundo Raymond Willians (1979), significava a cultura de alguma coisa em geral, um exemplo: a cultura de produtos agrícolas, a cultura de animais.

A partir dessa data, ainda segundo o mesmo autor, o termo se refere à civilização em uma proposta francesa. Com o advento do romantismo alemão, essa proposta passa a ser questionada e o termo cultura, “*kultur*”, contrapõe a ideia de civilização e se concentra na ideia da razão. O pensamento inicial era resgatar valores morais alemães, comportamentos e costumes, para criar uma cultura nacional que legitimasse o Estado Nação da Alemanha.



**Curiosidade:** em 1870, a Alemanha era formada por 38 estados independentes. Ao longo do tempo, por diversas questões, principalmente econômicas, cogita-se a ideia de unificação do povo alemão. Cabe ao chanceler Otto Von Bismark dar início a essa unificação ainda em 1864. Para que a ideia de unificação fosse efetivada, era necessário fazer o povo acreditar que fazia parte da mesma nação. Precisavam reconhecer-se como alemães. Portanto, a identidade do povo alemão unificado foi construída com base na língua, nos costumes, nas práticas, enfim, na cultura desse povo, para que se reconhecessem como tal.

No século XIX, o termo cultura passou a significar algo ligado às artes, à religião, às práticas e valores.

Já no século XX essa concepção continua em voga e a ela é acrescentada a ideia de que a cultura também se refere ao eruditio, ao conhecimento, ao homem de letras, portanto, um conceito baseado no elitismo.

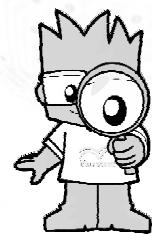
Podemos observar que o termo cultura se transforma ao longo do tempo e assume significados diferentes em diversos contextos históricos, portanto é dinâmico, construído e (re) construído.

Após as duas grandes guerras mundiais, o conceito de cultura se alarga e não mais pode ser visto com algo regional ou de uma única cultura. Nesse contexto, o termo não estava mais dando conta de um único padrão explicativo e não era mais possível falar em cultura, mas sim em culturas.

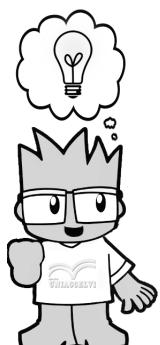
Podemos observar que o termo cultura se transforma ao longo do tempo e assume significados diferentes em diversos contextos históricos, portanto é dinâmico, construído e (re) construído. Passa pelas diversas correntes teóricas como o marxismo, a nova esquerda

inglesa e a história nova.

A história nova, ou Nouvelle Historie, surge na contramão de uma história que era fundamentada em grandes nomes políticos. Surgiu a partir de debates entre várias vertentes das ciências sociais, como historiadores, sociólogos, geógrafos e filósofos no século XX. Antes dessa interação a história era centrada nos “grandes heróis”, “grandes” fatos feitos por algum líder político. Com a Nova História, essa visão se modifica e a história passa a ser vista de vários pontos de vista: a história dos vencidos, dos excluídos. Os pensadores da história nova propagam suas ideias na Revista Análise da História, economia e sociedade. A criação dessa revista, em 1929, na universidade de Estrasburgo, por Lucien Febvre e Marc Bloch, foi o marco inicial dessa corrente. Os historiadores dessa vertente conseguiram dar uma “nova roupagem” na maneira de pensar, trabalhar e escrever a história e seus acontecimentos.



Vários autores discutem o conceito de cultura dentro das diversas áreas do conhecimento: a Filosofia, a Sociologia, a História, a Antropologia... ou seja, trata-se de uma construção sócio-histórica, um conceito construído ao longo do tempo e de acordo com a evoluções de cada área, portanto, não é algo dado. Desse modo, possui suas especificidades em cada área do conhecimento.



Observaremos abaixo alguns conceitos de cultura: das várias interpretações que o termo cultura levanta, podemos citar algumas, iniciando pela definição encontrada no dicionário Aurélio.

1. Ato, efeito ou modo de cultivar.
2. Cultivo.
3. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade: civilização.
4. O desenvolvimento de um grupo social, uma nação etc., que é fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento desses valores; civilização, progresso.
5. Apuro, esmero, elegância.
6. Criação de certos animais, em particular os microscópicos (FERREIRA, 1999).

Perceba que a própria definição do dicionário nos mostra a abrangência do termo cultura na modernidade, na citação aparecem várias vertentes da cultura:

complexo de padrões de comportamento, crenças, desenvolvimento de um grupo social de uma nação, para citar alguns.

O conceito de cultura implica em associações diferentes segundo o desenvolvimento de um indivíduo, de um grupo ou classe, ou de toda uma sociedade.

Para Eliot (1962), o conceito de cultura implica em associações diferentes segundo o desenvolvimento de um indivíduo, de um grupo ou classe, ou de toda uma sociedade.

Para Raymond Willyams (1979, p.113), a cultura “é todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente”.

Na obras de Tompson (1987), além de o autor definir o termo cultura como algo “popular”, define e “resgata” vários sujeitos que fazem parte dessa cultura e que foram excluídos da historiografia por muito tempo:

Estou procurando resgatar o pobre descalço, o agricultor ultrapassado, o tecelão do tear manual obsoleto, o artesão utopista e até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado moribundas. Sua hostilidade ao novo industrialismo pode ter-se tornado retrógrada. Seus ideais comunitários podem ter-se tornado fantasias. Suas conspirações insurrecionais podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesses períodos de extrema perturbação social, e nós, não (THOMPSON, 1987, p.42).

Não podemos reduzir o conceito de cultura construído por Eliot (1962) e Williams (1979), ou conceito de cultura que inclui diversos sujeitos de Thompson (1987) ao longo de suas trajetórias em simples citações, mas ao menos podemos ter uma ideia de como esses teóricos pensavam e discutiam a “cultura” ou as “culturas”.

Se observarmos, para Williams (1979), cultura está presente no dia a dia, o que Thompson (1987) vem confirmar quando cita que quer incluir na sua história o pobre descalço, o agricultor ultrapassado... É a partir dessa mudança de pensamento de não existir somente uma cultura elitista, mas diversas culturas, que foi possível incluir na historiografia vários sujeitos que foram silenciados ao longo do tempo, aparecendo na história apenas sob o ponto de vista eurocêntrico: a história das mulheres, dos oprimidos e principalmente, a do negro.

Embora Williams (1979) e Eliot (1962) concordem em muitos pontos sobre a cultura, divergem em um ponto essencial. Para Eliot (1962), a cultura comum deveria ser gestada de forma elitista, autoconsciente e, nesse caso, a elite seria naturalmente a principal criadora do processo cultural que se disseminaria.

Já para Williams a cultura deve ser gestada naquilo que realmente importa para o autor, nas camadas populares, que conscientemente se organizariam em um movimento de classe. Enquanto Eliot subestima o que não é da aristocracia, Williams valoriza a participação comum e inclusiva de todos os sujeitos históricos, independente de classes sociais.

Portanto, é nessa perspectiva de Williams (1979) que podemos abordar a cultura afro, através de uma participação do negro na história como sujeito que faz parte e transforma o processo histórico.

Normalmente, quando ouvimos falar de uma cultura afro-brasileira, basicamente pensamos na capoeira, no samba, no candomblé. Nesse estudo já observamos que o termo cultura vai muito além disso. Ele trata da maneira pela qual compreendemos e agimos na sociedade a que pertencemos, aprendemos padrões de comportamento, maneiras de diversão, formas de vestir, de educação, de hábitos alimentares, como lidar com a morte e explicações para a origem da vida.

Durante muito tempo a condição do negro no Brasil foi a de escravo. Homens, mulheres e crianças eram retirados de suas comunidades e escravizados, passando a conviver com o europeu e populações indígenas aqui no Brasil.

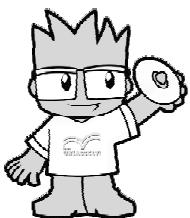
*Durante muito tempo a condição do negro no Brasil foi a de escravo. Homens, mulheres e crianças eram retirados de suas comunidades e escravizados, passando a conviver com o europeu e populações indígenas aqui no Brasil.*

O encontro desses povos foi marcado por tensões, conflitos e adaptações. A cultura africana, nesse contexto, não era reconhecida, pois só era considerada cultura o que o europeu criava.

Isso não significa que os africanos não produziram cultura, aliás, ao contrário, de modo decisivo colaboraram para a formação da cultura brasileira, resistindo e persistindo às tentativas de “silenciamento” impostas pelos europeus.

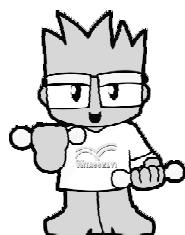
Os negros africanos trouxeram para cá saberes relacionados às técnicas de cultivo, construção de casas, dança, música, culinária, religiosidade, entre outras coisas.

O contato entre a cultura africana, europeia e indígena vai criar de forma ímpar a cultura afro-brasileira.



**Sugestão de filme:** **Kiriku e a feiticeira**, direção de Michel Ocelot. *Kirikou et la sorcière*, França/Bélgica, 1998. Kiriku é um menino que já falava quando ainda estava na barriga da mãe. A história faz parte da cultura africana e trata da determinação na luta pela liberdade. “Kiriku nasce para ser livre, tanto que quando ainda está na barriga da mãe ele diz: ‘Mãe, dê a luz a mim!’ Segundo o diretor e roteirista Michel Ocelto, foi também uma grande oportunidade para mostrar o povo africano e alguns de seus valores. O roteiro foge do óbvio, ao contrário do que acontece em outras produções do gênero. E conta ainda com boa trilha sonora e personagens cativantes” (pode ser encontrado nas Livrarias Paulinas).

[http://comitedehistoria.wordpress.com/2008/01/28/  
filmes-sobre-a-historia-da-africa/](http://comitedehistoria.wordpress.com/2008/01/28/filmes-sobre-a-historia-da-africa/)



#### **Atividade de Estudos:**

- 1) Agora que você já conheceu alguns conceitos de cultura, mesmo que de forma sucinta, agregado aos seus conhecimentos responda: você concorda com a visão de cultura de Willians e de Thompson? Qual a principal diferença entre Willians e Eliot em relação ao conceito de cultura?

---

---

---

---

---

O texto seguinte, de Marilena Chauí (1941 -), professora e historiadora de Filosofia brasileira, trata de uma questão fundamental no que tange à concepção de naturalização do ser humano. Naturalização de comportamentos, ideias, valores, formas de viver e agir. Ainda trata de uma questão fundamental da abolição da escravatura no Brasil, sob um viés econômico.

Caro pós-graduando, bem vindo à leitura!

### A cultura

Marilena Chauí. Convite à Filosofia. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

[...]

Com frequência ouvimos dizer: “os homens são fortes e racionais, feitos para o comando e a vida pública”, donde, como consequência, esta outra frase: “fulana nem parece mulher. Veja como se veste! Veja o emprego que arranjou!”. Não é raro escutarmos que os negros são indolentes por natureza, os pobres são naturalmente violentos, os judeus são naturalmente avarentos, os árabes são naturalmente comerciantes espertos, os franceses são naturalmente interessados em sexo e os ingleses são, por natureza, fleumáticos.

Frases como essas, e muitas outras, pressupõem, por um lado, que existe uma natureza humana, a mesma em todos os tempos e lugares e, por outro lado, que existe uma diferença de natureza entre homens e mulheres, pobres e ricos, negros, índios, judeus, árabes, franceses ou ingleses. Haveria, assim, uma natureza humana universal e uma natureza humana diferenciada por espécies, à maneira da diferença entre várias espécies de plantas ou de animais.

Em outras palavras, a Natureza teria feito o gênero humano universal e as espécies humanas particulares, de modo que certos sentimentos, comportamentos, ideias e valores são os mesmos para todo o gênero humano (são naturais para todos os humanos), enquanto outros seriam os mesmos apenas para cada espécie (ou raça, ou tipo, ou grupo), isto é, para uma espécie determinada.

Dizer que alguma coisa é natural ou por natureza significa dizer que essa coisa existe necessária e universalmente como efeito de uma causa necessária e universal. Essa causa é a Natureza. Significa dizer, portanto, que tal coisa não depende da ação e intenção dos seres humanos. Assim como é da natureza dos corpos serem governados pela lei natural da gravitação universal, como é da natureza da água ser composta por H<sub>2</sub>O, ou como é da natureza da abelha produzir mel e da roseira produzir rosas, também seria por natureza que os homens sentem, pensam e agem. A Natureza teria feito a natureza humana



como gênero universal e a teria diversificado por espécies naturais (brancos, negros, índios, pobres, ricos, judeus, árabes, homens, mulheres, alemães, japoneses, chineses etc.).

Que aconteceria com as frases que mencionamos acima se mostrássemos que algumas delas são contraditórias e que outras não correspondem aos fatos da realidade?

Assim, por exemplo, dizer que “é natural chorar na tristeza” entra em contradição com a ideia de que “homem não chora”, pois, se isso fosse verdade, o homem teria que ser considerado algo que escapa das leis da Natureza, já que chorar é considerado natural. O mesmo acontece com a frase sobre o medo e a coragem: nelas é dito que o medo é natural, mas que uma certa pessoa é admirável porque não tem medo. Aqui, a contradição é ainda maior do que a anterior, uma vez que parecemos ter admiração por quem, misteriosamente, escapa da lei da Natureza, isto é, do medo.

Em certas sociedades, o sistema de alianças, que fundamenta as relações de parentesco sobre as quais a comunidade está organizada, exige que a criança seja levada, ao nascer, à irmã do pai, que deverá responsabilizar-se pela vida e educação da criança. Em outras, o sistema de parentesco exige que a criança seja entregue à irmã da mãe. Nos dois casos, a relação da criança é estabelecida com a tia por aliança e não com a mãe biológica. Se assim é, como fica a afirmação de que as mulheres amam naturalmente os seus filhos e que é desnaturalizada a mulher que não demonstrar esse amor?

Em certas sociedades, considera-se que a mulher é impura para lidar com a terra e com os alimentos. Por esse motivo, o cultivo da terra, a alimentação e a casa ficam sob os cuidados dos homens, cabendo às mulheres a guerra e o comando da comunidade. Se assim é, como fica a frase que afirma que o homem foi feito pela Natureza para o que exige força e coragem, para o comando e a guerra, enquanto a mulher foi feita pela Natureza para a maternidade, a casa, o trabalho doméstico, as atividades de um ser frágil e sensível?

Os historiadores brasileiros mostram que, por razões econômicas, a elite dominante do século XIX considerou mais lucrativo realizar a abolição da escravatura e substituir os escravos africanos pelos imigrantes europeus. Essa decisão fez com que o mercado de trabalho fosse ocupado pelos trabalhadores brancos imigrantes e que a maioria dos escravos libertados ficasse no

desemprego, sem habitação, sem alimentação e sem qualquer direito social, econômico e político.

Em outras palavras, foram impedidos de trabalhar e foram mantidos sem direitos, tais como viviam quando estavam no cativeiro. Além disso, sabe-se que quando os colonizadores instituíram a escravidão e trouxeram os africanos para as terras da América, fizeram tal escolha por considerarem que os negros possuíam grande força física, grande capacidade de trabalho e muita inteligência para realizar tarefas com objetos técnicos como o engenho de açúcar. Se assim é, se a escravidão foi instituída por causa da grande capacidade e inteligência dos africanos para o trabalho da agricultura, se a abolição foi realizada por ser mais lucrativo o uso da mão-de-obra imigrante para um certo tipo de agricultura (o café) e para a indústria, como fica a afirmação de que a Natureza fez os africanos indolentes, preguiçosos e malandros?

Poderíamos examinar cada uma das frases que dizemos ou ouvimos em nosso cotidiano e que naturalizam os seres humanos, naturalizam comportamentos, ideias, valores, formas de viver e de agir. Veríamos como, em cada caso, os fatos desmentem tal naturalização. Veríamos como os seres humanos variam em consequência das condições sociais, econômicas, políticas, históricas em que vivem. Veríamos que somos seres cuja ação determina o modo de ser, agir e pensar e que a ideia de um gênero humano natural e de espécies humanas naturais não possui fundamento na realidade. Veríamos – graças às ciências humanas e à Filosofia – que a ideia de natureza humana como algo universal, intemporal e existente em si e por si mesma não se sustenta cientificamente, filosoficamente e empiricamente. Por quê? Porque os seres humanos são culturais ou históricos.

[...]

Fonte: Disponível em: <[http://www.nossaversao.pro.br/liturgia\\_detalhes.php?numero=64&clicou=S](http://www.nossaversao.pro.br/liturgia_detalhes.php?numero=64&clicou=S)>. Acesso em: 10 set. 2012.

## O QUE É RELIGIOSIDADE?

As civilizações ao longo do tempo apresentam de alguma forma algum tipo de manifestação religiosa, por exemplo, para os egípcios a religiosidade estava ligada à ideia de vida após a morte. Toda sua vida era pensada em torno dessa questão. Aos gregos, os deuses do Olimpo. Para os persas, a religião era dualista, baseada no bem e mal.

Podemos pensar na nossa crença religiosa. Qual é? No que acreditamos? O que dá sentido à nossa vida? Mesmo o ateu, aquele que não crê em Deus, faz uma escolha, define um conceito de religião, ou de contrarreligião. Portanto, de certa forma, todos nós nos organizamos em grupos religiosos ou atribuímos alguma religiosidade para nossas vidas, certo?



### Atividade de Estudos:

Para pensar e argumentar:

- 1) A partir do questionamento acima, se pensar na sua crença religiosa, como ela rege sua vida? Quais de seus comportamentos são gerenciados pela religião? Ou você fez sua escolha a partir do seu modo de vida? Até que ponto a questão religiosa interfere na nossa vida no cotidiano? Quais são as nossas crenças? Somos tolerantes com a religião e a escolha do outro? Todas essas questões nos fazem pensar sobre um tema bastante delicado, pois muitas vezes temos como base que a nossa crença é a correta e que os outros precisam entender Deus a partir de nossos conceitos. Você concorda com essa afirmativa ou você acredita que consegue respeitar a crença do outro? Após pensar sobre esses questionamentos, pesquise sobre a tolerância religiosa e, a partir disso e dos questionamentos acima, construa um texto sobre essa temática. Mais tarde esse texto pode ser utilizado para discussão em fóruns organizados pelo professor tutor.

---

---

---

---

---

---

---

---

Historicamente, as civilizações se organizam em torno da religião e da religiosidade, conceitos esses que muitas vezes são atribuidores de sentido e de orientação no tempo.

Precisamos entender o conceito de religiosidade e, para que isso seja facilitado, podemos tentar diferenciar religião e religiosidade. Embora esses conceitos compartilhem da mesma temática, possuem diferenças significativas.

Vamos utilizar o pensamento do sociólogo Durkheim (1991) para definir religião. Segundo esse autor, a religião está necessariamente ligada a uma instituição, uma estrutura formal, hierarquizada, dogmática e com questões relacionadas principalmente ao *pós-mortem*, é um sistema de crenças e de práticas. O termo religião para esse autor está ainda ligado inseparavelmente a um sistema de dogmas, crenças e rituais institucionalizados.

Já a religiosidade possui um caráter não institucionalizado, é anticlerical, antidogmático e anti-hierárquico. Segundo Berger (1985), na modernidade há uma busca por essa religiosidade desprendida de religião, porque ela atribui sentido e de certa forma orienta a vida através de valores morais e éticos definidos e construídos socialmente, mas não institucionalizados. Ainda para esse autor, para uma pessoa ter religiosidade e crenças não precisa necessariamente compartilhar de uma religião. E uma pessoa religiosa pode possuir religiosidade.

*Historicamente, as civilizações se organizam em torno da religião e da religiosidade, conceitos esses que muitas vezes são atribuidores de sentido e de orientação no tempo.*

*Já a religiosidade possui um caráter não institucionalizado, é anticlerical, antidogmático e anti-hierárquico.*

#### Atividade de Estudos:

- 1) Você concorda com a ideia de religião de Durkheim? Apresente argumentos que sustentem a sua resposta.

---



---



---



---



---



---



---



---



---

---

---

---

### a) Tipos de religião:

Para compreendermos as diferentes religiões existentes, e em capítulo posterior discutir a religião africana, observemos algumas religiões.

- **Panteísta:** presente em povos das Américas, África e Oceania, uma das primeiras formas de crença da humanidade. Nessa crença, DEUS é o próprio mundo. A natureza, as pessoas estão necessariamente interligadas em um equilíbrio. Procura manter a harmonia com a natureza. Algumas religiões panteístas: Religiões célticas, Xamanismo, Druidismo, Indígenas, Amazônicas, Norte-americanas e Africanas.
- **Politeístas:** predominante na Idade Antiga, crença em vários deuses que criam e regem o mundo. Para alguns povos, os deuses se relacionam de forma tensa com os seres humanos e muitas vezes seus deuses se assemelham aos seres humanos, com sentimentos de raiva, amor. Algumas religiões Politeístas: romana, grega, egípcia, xintonismo, mitologia nórdica, asteca e maia e algumas religiões africanas.
- **Monoteístas:** surgiram por volta do último milênio a.C, sendo predominante na Idade Média e na atualidade. Nessas religiões apenas um ser transcendente criou o mundo e o ser humano possui uma relação paternal entre criador e criatura. Crença em um único Deus. Algumas religiões Monoteístas: Bhramanismo, Judaísmo, Zoroastrismo, Cristianismo, Islamismo e Sikhrismo, muitas dessas religiões vão influenciar as religiões africanas, como veremos em capítulo posterior.

Os africanos veem a religião como o sustentáculo de sua estrutura social. Percebem um mundo de espíritos naturais e ancestrais que poderiam influenciar o cotidiano de forma positiva ou negativa. A religião africana ao longo do tempo sofreu influências do islamismo, do cristianismo, como veremos em capítulo específico que tratará do assunto.

Como se deram os primeiros contatos entre brasileiros e africanos?

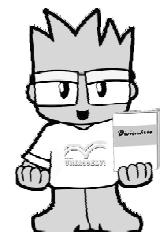


Os primeiros africanos desembarcaram no Brasil no contexto da expansão marítima européia, entre os séculos XV e XVI. Com esse contato, as relações culturais, sociais e econômicas tanto dos africanos quanto dos europeus e dos indígenas que aqui habitavam foram se alterando.

A primeira viagem portuguesa aconteceu em 1415, com a conquista de Ceuta no norte da África. A partir dessa viagem, várias se sucederam, até que, em 1460, o monopólio do comércio de escravos africanos passou a ser do governo português.

Com a inserção do Brasil no sistema colonial em 1500, começa o contato entre o africano e os portugueses que viviam no Brasil, embora efetivamente os escravos sejam trazidos para cá por volta de 1530, com o advento das lavouras de cana de açúcar. Os portugueses, no início, utilizavam mão de obra indígena, mas por razões comerciais (já que os portugueses dominavam o tráfico de escravos) e religiosas (a **Companhia de Jesus** não permitia a escravização do indígena), passaram a optar pela mão de obra escrava negra.

**A Companhia de Jesus** foi criada em 1534 por Inácio de Loyola. O objetivo principal dessa organização era combater o protestantismo que ganhava força no século XV e XVI. Os jesuítas também se ocuparam da educação em colégios e universidades, de退iros espirituais e de pesquisas teológicas. Sua organização era análoga a uma organização militar. Os padres jesuítas consideravam-se soldados da Igreja e entendiam que deveriam participar de todas as organizações sociais e culturais, colocando fim a tudo o que apresentasse risco aos princípios do catolicismo. No Brasil, os jesuítas agiam usando como argumento a evangelização dos infiéis indígenas, que poderiam ser salvos quando convertidos ao catolicismo.





### Atividades de Estudos:

- 1) A partir dos conhecimentos adquiridos no material de estudos, responda: quais as razões para que a mão de obra escrava negra fosse implantada no Brasil?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

- 2) Para aprimorar seus estudos e enriquecer seu conhecimento, pesquise as diversas razões e motivos que levaram os portugueses a implantar a mão de obra escrava negra no Brasil, além das presentes no material de estudos.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Cerca de 4 milhões de africanos (FRAGA e ALBUQUERQUE, 2009, p.11) vieram escravizados para o Brasil.

Calcula-se que, desde a primeira metade do século XVI até 1850, cerca de 4 milhões de africanos (FRAGA e ALBUQUERQUE, 2009, p.11) vieram escravizados para o Brasil. Eram marcados com ferro quente e vinham acorrentados no navio para evitar rebeliões. Quando aqui chegavam, depois de uma viagem que variava entre 40 dias e dois meses em péssimas condições, eram vendidos como objetos em leilões nos portos brasileiros, separados de suas famílias.

O primeiro contato entre africanos e europeus, foi um contato de dominação, pois o negro escravizado era visto como “coisa”, sem direitos e com muitos deveres. Os escravos da lavoura, por exemplo, eram vigiados constantemente por um feitor e trabalhavam em média 15 horas por dia, sendo explorados ao extremo. A expectativa de vida de um escravo era pequena, pois durante sua vida sofria muitos castigos, que variavam de um xingamento verbal até a utilização de instrumentos de tortura, como o tronco, por exemplo.

### Arquitetura no Brasil

Nireu Cavalcanti

Arquiteto, professor e diretor da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense



[...]

O terceiro segmento humano que veio para a formação do Brasil colonial tem origem no continente africano, então secular e tradicional fornecedor de escravos negros. Em 1460, portugueses chegaram ao golfo da Guiné e no último quartel daquele século já haviam instalado o comércio negreiro regular.

Ao longo da costa atlântica da África foram instituídos os postos de vendas dos escravos trazidos por comerciantes locais. Eram adquiridos aos chefes de nações africanas que tinham estoque à venda de prisioneiros de guerra, ou de condenados que infringiram códigos daquelas sociedades.

Compravam-se aos governantes africanos e a seus comerciantes associados aos estrangeiros, ouro, diamante e outros produtos comerciáveis internacionalmente, quanto escravos. Era o ser humano tratado como qualquer mercadoria de exportação.

Na África, muitos viviam em cidades populosas e dominavam sistemas construtivos em pedra, tijolo, barro, taipa, adobe, muito semelhantes aos europeus. Eram sociedades com longa tradição de contato comercial e cultural com os estrangeiros. Contudo, chegado ao Brasil, o escravo passava por perverso processo de perda de identidade pessoal e da origem africana. Perdiam, em consequência,

as relações familiares e, sobretudo, culturais. Batizado para tornar-se católico, recebia nome não-africano, era obrigado a aprender a língua portuguesa e a servir o senhor que o comprou. Passava a morar nas senzalas, de concepção arquitetônica totalmente estranha à sua cultura.

O injurioso e indigno Estatuto da Escravidão vigorou no país até 13 de maio de 1888, quando foi extinta a escravidão pela Lei Áurea, determinada pela princesa Isabel.

Aos aculturados índios e africanos e seus descendentes, nascidos no território colonial brasileiro, para serem aceitos e sobreviver, restava-lhes mimetizar-se num típico súdito da monarquia portuguesa. Portanto, apagados seus traços culturais, deviam conceber e realizar obras arquitetônicas típicas dos cânones dos colonizadores europeus.

[...]

Fonte: Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/redememoria/arquitetura.html>>. Acesso em: 12 set. 2012.

---

## CULTURA AFRO-BRASILEIRA: PRINCIPAIS CORRENTES TEÓRICAS

A literatura europeia sobre a África tem início no século XV, com as grandes navegações. Vários cronistas relataram suas visões de além mar, como Camões, Fernão Mendes Pinto, Damião de Góis, João de Barros... Cronistas que se baseavam em relatos feitos durante suas viagens pela costa da África e para a América.

É recorrente na literatura encontrarmos algumas divisões para a escrita e as correntes teóricas da cultura afro-brasileira. Segundo Lopes (1995), grande estudioso da historiografia africana, essas correntes podem ser divididas em três vertentes principais:

Corrente da inferioridade africana, século XIX e virada do século XX: segundo essa abordagem, os povos africanos eram sociedades tradicionais e “primitivas” que possuíam uma cultura inferior à do europeu. Não

possuíam papel de destaque na história universal. Os relatos que aparecem são de cunho eurocentrista.

Encontramos em Hegel (1770-1831), filósofo alemão, um exemplo da África como a-histórica:

A África não é uma parte histórica do mundo. Não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela. Quer isso dizer que sua parte setentrional pertence ao mundo europeu ou asiático. Aquilo que entendemos precisamente pela África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições naturais e que deve ser aqui apresentado apenas como no limiar da história do mundo (HEGEL *apud*, SANTOS, 2011, p.62).

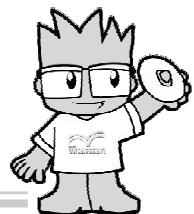
Esse pensamento pode ser uma das causas da dominação e espoliação do continente africano, que encontra em Hegel e outros autores que analisaremos em seguida seu paradigma teórico, que é responsável por uma visão marginal de contribuição africana.

É importante lembrar que o contexto histórico do período é o do Imperialismo e que o interesse do europeu era o de divulgar a ideologia do “Fardo do Homem Branco”. Usava essa ideia como desculpa para explorar as terras africanas e asiáticas, em busca de matéria prima, mão de obra barata e um mercado consumidor.

---

Cultura Africana, 1972, (documentário completo) do Italiano Alfredo Angelo Castiglioni, in: [http://www.youtube.com/watch?v=jZzdKCTsn\\_4](http://www.youtube.com/watch?v=jZzdKCTsn_4).

---



A literatura colonial do período retrata a vivência dos portugueses em outros territórios. A maioria desses escritos é de cunho eurocêntrico, racista, que retratava o negro como um ser “inferior”, a África era vista apenas como uma linda paisagem fornecedora de riquezas, mas o protagonista era o homem europeu. Nessa concepção podemos citar autores como o cientista Gobineau (1816-1882) e o filósofo e sociólogo francês Levy Bruhl (1816-1882), com sua obra “As funções mentais nas sociedades inferiores” (1910).

Para o cientista Gobineau, em seu livro “Ensaio sobre a Desigualdade Humana” (1985), o negro seria uma raça inferior. Essa obra virou referência obrigatória para aqueles que defendiam a superioridade de algumas raças sobre

*Essa obra virou referência obrigatória para aqueles que defendiam a superioridade de algumas raças sobre outras.*

outras. Além disso, o autor desempenhou importante papel de cargo diplomático no Brasil na corte de D. Pedro II, descrevendo o Brasil como o “uó” por ter tanta miscigenação.

Para Gobineau, a miscigenação degenera as sociedades porque acaba piorando as limitações das raças que ele considerava inferiores, ou seja, as raças não brancas. Essa obra por muito tempo passou a sustentar e a legitimar o tráfico negreiro no Brasil. Infelizmente, sua tese foi bastante aceita, e ainda hoje, em determinadas circunstâncias, ainda percebemos um discurso da superioridade.

Observados a partir dessa perspectiva histórica, os povos africanos não tinham papel de destaque na história. Duas questões podem explicar essa afirmação:

- 1) Os povos abaixo do Saara careciam de códigos escritos, predominando a tradição oral.
- 2) Os povos africanos eram vistos como sociedades tradicionais, portanto, imóveis ao longo da história.

Para esses historiadores, a história da África só tem seu início com a chegada do europeu ao continente. Predominam a ideologia do Darwinismo social, de cunho etnocêntrico, que pregava que assim como espécies animais e vegetais, somente as civilizações mais preparadas sobreviveriam e deveriam dominar as menos preparadas.

Essa corrente, da inferioridade africana é bastante criticada e pouco ou nada aceita na academia, mas infelizmente em muitos casos ainda permeia o imaginário coletivo ocidental.

O racismo como discurso está presente na mentalidade da época, mas alguns escritos apontavam para uma preocupação em entender a mentalidade do homem negro, como os de João de Lemos – **Almas Negras** (1937), e José Osório de Oliveira – **Roteiro da África** (1936), com uma visão mais humanística.



Lemos, João de. **Almas Negras**: contos da África misteriosa. Lisboa: Clássica, 1937.

OLIVEIRA, José Osório de. **Roteiro da África**. Lisboa: Ed. Brasiliense, 1936.

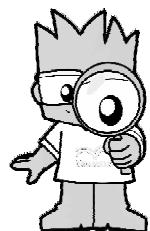
Corrente da superioridade africana, segunda metade do século XX: momento de repensar a historiografia africana, de modificar as diversas visões sobre a história da África, colocando-a como ponto de partida para explicar a história ocidental e super valorizando o argumento de que a África também tinha a sua história.

Essa corrente começou a se organizar um pouco antes das lutas de independência, nos anos de 1950 e 1960, estendendo-se até 1970. Após o processo de descolonização da África e a fragmentação de seu território, os africanos tiveram a necessidade da elaboração de “identidades” africanas perante o restante do mundo.

Nessa visão, o território africano possuía uma história tão rica e tão diversificada quanto a europeia. Para o filósofo africano Kwame Appiah, pelas características históricas do continente, sempre pensando do ponto de vista da dominação do europeu, era necessário ressignificar a identidade africana através do pan-africanismo e a negritude que, guardadas as suas especificidades, buscavam em comum enfatizar a existência de uma identidade africana.

---

### Pan-africanismo



Dessa corrente podemos citar o intelectual Ki-Zerbo (1922-2006), que estudou na Sorbone, em Paris, mas volta para seu país de origem, Burkina Faso, onde publicou várias obras como “L’Histoire de l’Afrique Noire” (1972). Boa parte dos historiadores ligados a esse movimento supervalorizou o argumento de que a África também possuía sua história, tão importante quanto a europeia. Lopes (1995) chama esse grupo de “Pirâmide Invertida”, ou “Corrente da Superioridade Africana”. Isso significa que os historiadores estavam dispostos a reescrever a história, colocando a África como ponto de partida para explicar a história ocidental. Os valores se invertiam do etnocentrismo para o afrocentrismo.

---

A literatura africana passa a se constituir como um conjunto de obras literárias, que traduzem o espírito da africanidade. Nessas obras o centro deixa de ser o homem europeu e passa a ser o homem africano.

*A literatura africana passa a se constituir como um conjunto de obras literárias, que traduzem o espírito da africanidade.*

*Nessas obras o centro deixa de ser o homem europeu e passa a ser o homem africano.*

Nesse caso, a supervalorização receberá várias críticas de várias correntes historiográficas, pois era necessário que a África tivesse também uma história, como processo, como construção juntamente com outras história, outras culturas e não uma história, como superior a qualquer outra.

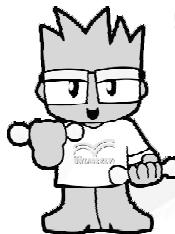
Nova Escola de Estudos Africanos, final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX: em 1995, Lopes (1995) aponta para o “nascimento” dessa nova corrente, ainda que de forma tímida frente ao desafio de buscar as complexidades das historicidades africanas.

Passada a euforia do afrocentrismo, surge uma nova “escola de historiadores africanos”. Cabia a esse grupo deixar de lado as paixões para com o continente africano e ampliar os estudos e pesquisas para que passassem a integrar as inovações da historiografia mundial.

Essa corrente percebe que os escritos sobre a África não eram tão escassos quanto se pensava. Vários arquivos foram encontrados no exterior, como os ultramarinos europeus, na própria África, além de inúmeras fontes em árabe, que facilitaram o processo de investigação da história desse povo.

Nos últimos tempos, a história africana passou a se caracterizar também por estudos ligados às epidemias, às novas tendências da economia da política, ao cotidiano, à escravidão e à literatura.

Estudos e pesquisas realizados por africanos e africanistas sobre a África têm procurado desvendar e entender o continente, explicando-o sob a ótica diversificada da reflexão histórica.



#### Atividade de Estudos:

- 1) Segundo Lopes (1995), existem três correntes historiográficas sobre a história da África. Cite-as, apontando as principais diferenças entre elas. Ao final, responda: em qual das três correntes está arraigado o conceito de que o negro é inferior?

---

---

---

---

---

---

---

---



---



---



---



---



---

### a) A historiografia africana no Brasil

As produções do século XIX no Brasil tinham em comum e seguiam as correntes históricas mundiais, a ideia de inferioridade do negro e sua contribuição negativa para a formação do povo brasileiro, conforme afirma Queiróz (1998). Um dos primeiros movimentos no Brasil de literatura da escravidão negra pode ser observado na fase de transição do trabalho escravo para o trabalho livre a partir de 1888.

Nesse momento, a historiografia segue a mentalidade da época e teorias raciais do século XIX estarão presentes nos escritos. As ideias do chamado “racismo científico”.

Outra análise da presença do negro no Brasil vai se consolidar nos anos de 1930, a partir de obras de Gilberto Freyre (1900-1987), Donald Pierson (1900-1995) e Thales de Azevedo (1904-1995). Dentre esses autores, temos a obra de Gilberto Freyre, “Casa Grande e Senzala”, que apresenta uma sociedade de tipo paternalista e uma relação senhor-escravo menos violenta.

*Nesse momento, a historiografia segue a mentalidade da época e teorias raciais do século XIX estarão presentes nos escritos. As ideias do chamado “racismo científico”.*

Freyre lança em sua obra a ideia de democracia racial, devido à miscigenação do povo brasileiro. Esse conceito seria a grande matriz teórica das relações raciais até meados do século XX. Uma das grandes críticas à obra de Freyre é justamente a ideia de que a escravidão foi mais branda e menos violenta. Segundo seus críticos, a escravidão no Brasil tinha sido tão violenta quanto em outros países.

#### Atividade de Estudos:

- 1) Pesquise mais sobre a obra de Gilberto Freyre, “Casa Grande e Senzala”, e aponte as principais contribuições dessa obra para a historiografia brasileira e as principais críticas recebidas por Freyre.



---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Após as duas grandes guerras, a queda do nazismo, a intensificação das lutas dos negros norte-americanos por igualdade, alguns historiadores norte-americanos passaram a defender a peculiaridade das diversas escravidões existentes no mundo, inexistindo um sistema mais brando que outro, mas sim com algumas diferenças.

Aparecem autores como o cientista social Clovis Moura, que iniciou seus estudos sobre a resistência negra no Brasil escravista a partir de 1948, aos 23 anos. Sua primeira obra foi “Rebeliões na Senzala”, concluída em 1952.

O cientista social Clovis Moura, que iniciou seus estudos sobre a resistência negra no Brasil escravista a partir de 1948, aos 23 anos. Sua primeira obra foi “Rebeliões na Senzala”, concluída em 1952.

Nesse contexto surge no Brasil, em 1950, uma nova visão histórica sobre a temática, com autores como Florestan Fernandes (1920-1995), Roger Bastide (1898-1974), Otávio Ianni (1926-2004), Emília Viotti da Costa (1928 - ) e Fernando Henrique Cardoso (1931- ).

Esses autores se envolveram com as questões raciais no Brasil e combateram a ideia de Freyre de uma escravidão mais amena. Eles reafirmaram o caráter violento da escravidão que resultaria na “coisificação subjetiva” do cativo (QUEIRÓZ, 1998).

Esses pensadores centraram suas pesquisas no enfoque sociológico, incorporando conceitos e interpretações marxistas, tendência que se manteve na historiografia até a década de 1960.

Em sua obra, Jacob reafirma a violenta escravização do negro aqui no Brasil.

Na geração a partir de 1960, os historiadores “revisionistas” continuaram a debater as ideias de Freyre, entre eles podemos citar Jacob Gorender (1923 - ), com sua obra “Escravismo Colonial” (1978). Em sua obra, Jacob reafirma a violenta escravização do negro aqui no Brasil.

Na década de 1980 com o crescimento da mobilização social e da pós-graduação no país, outras contribuições apareceram na escrita da história do negro no Brasil.

O interesse em geral foi pela história dos trabalhadores e do trabalho. Passa-se a incluir os movimentos de resistência, as produções culturais, as vivências do dia a dia, diferentes sujeitos históricos passam a permear a escrita da história, as relações familiares, o lazer, a religião.

Nosso caderno de estudos, que trata da questão cultural africana, é possível graças às novas tendências historiográficas sobre a escrita da história do negro no Brasil.

Autores como Gorender (1923 - ), Ciro Flamarión Cardoso (1942 - ) e Fernando Novais (1933 - ), influenciados pelos conceitos de cultura de historiadores como Thompson (1924-1993), que trata da cultura como experiência social, já analisada nesse capítulo, e Foucault (1926-1984), que discute as relações de poder, incluíram em seus estudos essas concepções: a social e a do poder. Uma das principais obras nessa nova perspectiva foi a "Ser escravo no Brasil", de Kátia Mattoso, publicada em 1982.

### **Ser escravo no Brasil**



Kátia Mattoso, em sua obra "Ser escravo no Brasil", nos transporta para o momento das perseguições na África, dos acordos entre os diversos líderes africanos e europeus. Fala a respeito das trocas de mercadorias, das repugnantes viagens, ajudando a criar uma sensação de compreensão dos elementos históricos que compõe tal processo.

Kátia realiza um trabalho mais restrito às histórias da vida cotidiana e das estruturas da categoria escravo na sociedade, suas solidariedades, seus preconceitos, seus comportamentos.

Em suma, é visível a essência para os cativos em viverem dentro de comunidades. Para a autora, os laços de solidariedade eram fortificados por meio do grupo e não da família, uma vez que a vida enquanto grupo familiar estava comprometida devido à grande proporção do poder comercial que transformava o negro em mercadoria de venda, compra e troca comercial.

Podemos analisar que o número de famílias nucleares era muito pequeno, tornando possível a não constituição da personalidade. Assim, os negros buscavam os seus valores nas comunidades, pois a constituição de uma organização comunitária entre os escravos

só ocorria se houvesse uma expressiva quantidade de negros agrupados em grandes unidades produtivas.

Nas pequenas escravarias era possível ver uma ameaça, pois a sua pequena sociedade negra estava sujeita a incorporar a cultura dos brancos e perder de vez as suas tradições africanas.

A autora trabalha a comunidade como um conjunto formado por um bom número de pessoas que compartilham da mesma cultura e tradições. Em meio à constituição destes laços, os negros utilizavam os ritos sagrados do matrimônio e do batismo cristão para ampliarem as suas uniões conjugais e parentais com outros escravos de outras propriedades, visando fortalecer seus elos de sociedade que haviam sido rompidos ao saírem da África para o Brasil na condição de escravos. É possível ver a importância do casamento entre escravos, que se tornou um mecanismo que promovia uma rede de sociabilidade dentro das inúmeras propriedades.

Na aurora da análise da obra de Kátia Mattoso podemos perceber que as relações sociais e de solidariedade visavam demonstrar as multiplicidades das formas de experiências, estratégias de resistência e de sobrevivência da cultura dos negros africanos em meio a várias sociedades contemporâneas.

Portanto, podemos compreender que Kátia Mattoso descobriu uma nova forma de trabalhar o tema “ser escravo”. Uma análise quantitativa que nos remete à história de Fernand Braudel em “O mediterrâneo”. O trabalho de Kátia força a sociedade atual a imaginar a distância ou o tempo para estruturação do termo “ser escravo” em meio aos longos processos que se constituíam de modelos, padrões, normas e regras raciais. Como diria Weber, um “tipo ideal” ao qual a cultura africana sobreviveu, passando da condição de “coisa” para sujeito do processo histórico social.

Fonte: Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/ser-escravo-no-brasil-na-perspectiva-de-katia-mattoso/39232/#ixzz2EEgq8pXO>>. Acesso em: 15 set. 2012.

---

Inúmeras obras surgiram a partir dessa:

Os letRADOS e a sociedade do Brasil colonial”, de Ronaldo Vainfas (1986), que analisa a produção de letRADOS do período colonial acerca da escravidão, procurando identificar o discurso ideológico presente nos escritos de homens que pensaram o escravismo entre o final do Século XVII e o final

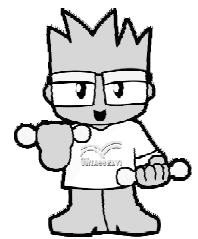
do XVIII; “Campos da violência”, de Silvia Lara (1988), em que analisa processos judiciais de Campos dos Goitacazes, RJ, para o período 1750-1808; “O feitor ausente: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro”, de Leila Algranti (1988), um dos primeiros estudos sobre escravidão urbana e que contribui para desmistificar a ideia de que esta teria sido mais branda ou constituiria uma fissura no sistema escravista; “Visões da Liberdade”, de Sidney Chalhoub (1990), em que analisa processos criminais e de obtenção de alforria, na cidade do Rio de Janeiro, nas últimas décadas da escravidão (SANTOS, 2011, p. 59-92).

Há ainda no Brasil um avanço nas pesquisas sobre o negro a partir do centenário da abolição da escravidão no Brasil, em 1988. A partir dessa data e das revisões da historiografia da África, temas como estudos sobre a família, as irmandades negras, resistência, temas culturais passam a ser recorrentes.

Há ainda no Brasil um avanço nas pesquisas sobre o negro a partir do centenário da abolição da escravidão no Brasil, em 1988.

## **Atividade de Estudos:**

- 1) Cite as principais obras da historiografia africana que modificaram a forma de pensar o negro como sujeito na história e a história cultural desse povo.





## Assimilação marginal ao mundo do trabalho livre

MARIA ARMINDA ARRUDA

Especial para a Folha

“A Integração do Negro na Sociedade de Classes”, de Florestan Fernandes, publicada em 1965 e, originariamente, sua tese de cátedra em sociologia, representa um momento de viragem nas análises sobre a questão racial no Brasil, além de ser obra importante no interior da produção intelectual do autor. Expressa, ao mesmo tempo, a persistência do seu interesse no tema das relações interétnicas, já demonstrado na pesquisa “Brancos e Negros em São Paulo”, realizada em colaboração com Roger Bastide.

Situando a problemática na transição “da ordem social escravocrata e senhorial” para o “desenvolvimento posterior do capitalismo”, o sociólogo constrói uma forma particular de tratar o assunto, evidenciando a condição de marginalidade dos negros e dos mulatos.

Ao eleger a cidade de São Paulo como universo empírico privilegiado, realça-se uma situação paradigmática de exclusão social dos negros, por tratar-se do “primeiro centro urbano especialmente burguês”, regido por mentalidade mercantil, iniciativa individual e liberalismo econômico, ingredientes que respaldavam o progresso encetado no período em questão.

Nesse quadro, a obra analisa os impasses vivenciados por negros e mulatos no esforço de inserção na nova ordem social, pontuada pelo “estilo de vida individualista e competitivo”, construído pelo “novo regime de relações de produção”. O problema racial, focalizado no prisma da dinâmica global de modernização da sociedade brasileira, evidente em São Paulo, revela a natureza do recorte temático escolhido.

A rápida transformação ocorrida na cidade de São Paulo, entre o fim do século 19 e o começo do 20, teria impossibilitado, segundo o estudo, a inserção do negro e do mulato no estilo urbano de vida. Ou, nos termos do autor, a heteronomia presente na “situação de castas”, típica da condição escrava, impediu aos ex-escravos a assimilação das

potencialidades presentes na “situação de classes”.

Profundos desajustamentos resultaram desse processo, respondendo pela desorganização de negros e mulatos no novo contexto social. A extinção da escravatura não promoveu a reintegração dos egressos, relegando-os ao seu próprio destino, desterrados para as sombras da sociedade que se modernizava.

Paralelamente a esse posicionamento social ambíguo ao qual eram empurrados, desenhavam-se os contornos do Brasil moderno e as direções que se pretendiam imprimir na sociedade de classes.

### Ressocialização

O estatuto de pessoas juridicamente livres não significou, portanto, mudança substancial na condição de excluídos dos antigos escravos, impedindo-os de alçarem-se categoria de cidadãos que, de resto, era o apanágio dos dominantes.

Ausentes a democratização efetiva e os direitos e deveres fundamentais dos indivíduos no plano concreto, a realidade instaurada alijou o negro do mercado de trabalho e da “ordem social competitiva”, corroendo os fundamentos jurídicos e morais das relações contratuais, acirradíssimas em São Paulo pela competição desigual com o imigrante europeu.

O segundo capítulo da obra ilustra, contundentemente, a trajetória percorrida pelos negros no momento crucial da transformação urbana. Marcados pela pauperização e desorganização, “viveram dentro da cidade, mas não progrediram com ela e através dela”, por não dominarem as regras intrínsecas da sociedade em emergência.

A ressocialização exigida pela realidade urbana e industrial requeria o afastamento dos fundamentos do passado, impossível de se efetivar naquele contexto, cerceando a construção de nova identidade, que exigia requisitos de outra natureza. Os afro-brasileiros reiteraram um padrão de comportamento pontuado por “tradicionalismo tosco e inoperante”, deixando entrever os impasses dos ajustamentos e acomodações oriundos da antiga vivência.

Nesse compasso, o andamento da reflexão destaca o período de 1880 a 1960, assinalado pela ruptura da escravidão e pelo

advento da ordem social competitiva, que possibilitou a reavaliação das formas de reabsorção do negro no âmbito do desenvolvimento industrial. Em todas as etapas, a problemática da marginalização tece o fio condutor da análise e o autor localiza e expande a compreensão do preconceito e da discriminação racial, originários da preservação das formas sociais arcaicas.

O ritmo da história em São Paulo criou forte descompasso entre a ordem social (mais sincronizada com as alterações econômicas) e a ordem racial (de ajustamento mais lento às mudanças). O atraso da última é sintomático da ausência de democracia racial e a desmontagem do que Florestan Fernandes denomina por “mito” é passagem eloquente que arremata parte dos seus pontos de vista.

#### Fidelidade do olhar

Por tudo isso, “A Integração do Negro” é obra de clivagem no âmbito dos estudos sobre as relações raciais. A problemática dos negros, inaugurada no final dos 800, vincada pelas teses raciais e mesmo racistas, encontra-se presa ao evolucionismo e ao darwinismo social, cujo autor mais representativo foi Nina Rodrigues.

Em “Casa Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre, a questão racial é focalizada no prisma do culturalismo, deslocando a orientação haurida na sociobiologia, criando-se um novo cânon interpretativo. Esse livro, ao romper com as vertentes dominantes, renovou os estudos sobre o tema, mas solidificou, em contraface, o chamado mito da democracia racial, ao inserir no mesmo amálgama, e de modo equivalente, as diversas “contribuições” da nossa cultura.

Florestan Fernandes, quando rediscute o problema, imprime nova inflexão e redireciona os estudos na área. Os próprios trabalhos de Fernando Henrique Cardoso —“Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional”— e de Octávio Ianni —“As Metamorfoses do Escravo”—, apesar de terem sido escritos anteriormente, foram, em larga medida, tributários das investigações de Florestan sobre os impactos da escravidão na constituição da sociedade brasileira.

A reinterpretação do sociólogo paulista manifesta um ponto de vista que percorre praticamente toda sua obra. Desde seus primeiros estudos sobre o folclore, passando pela análise dos índios e dos negros cujo coroamento ocorre em “A Revolução Burguesa no Brasil”,

o autor tematiza a sociedade brasileira na perspectiva da exclusão e da impossibilidade de se eliminarem os traços sociais do passado que se encontram mesclados às novas realidades, embaraçando a plena realização da ordem social competitiva.

Possivelmente convivem nessas inquietações elementos da sua própria biografia e que, talvez, possam iluminar a fidelidade do olhar de Florestan, construído na vivência das camadas populares.

Muito das suas posições políticas prende-se a essa visão original da sociedade brasileira. No conjunto, a obra de Florestan Fernandes é indispensável para a compreensão da nossa modernidade.

“A Integração do Negro na Sociedade de Classes” é texto imprescindível na fixação de uma imagem não conservadora sobre os negros e no andamento de sua reflexão arguta sobre o Brasil.

MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA é professora do departamento de sociologia da USP e autora de “Mitologia da Mineiridade”.

Fonte: Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/zumbi\\_29.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/zumbi_29.htm)>. Acesso em: 10 set. 2012.

---

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nesse capítulo procuramos apresentar as principais diferenças do conceito de cultura e religiosidade, bem como as principais teorias sobre a historiografia africana ao longo do tempo.

Pudemos analisar que, para estudar a cultura africana, precisamos em um primeiro momento entender o conceito de cultura, seu dinamismo e suas mudanças ao longo do tempo. Entendemos, com a leitura do capítulo, que uma cultura não é superior a outra, mas diferente.

Estudamos as diversas correntes teóricas da escrita da história da África e de seus sujeitos. A partir dessa análise, pudemos compreender que as mudanças na escrita da história da África aconteceram de maneira lenta e que, embora a historiografia tenha avançado bastante, nos estudos culturais, por exemplo, ainda possui muitas permanências que precisam ser vencidas.

Por fim, esse capítulo dará início a uma discussão bastante empolgante e elucidadora sobre a cultura africana, que discutiremos com mais demora nos próximos capítulos.

## REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1971.
- BERGER, P.L. **O dossel Sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Pulus, 1985.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 4ª Edição, Lisboa: Presença, 1991.
- ELIOT, T. S. (1962). Notes Towards The Definition of Culture. London: Faber, 1962; ed. ut.: **Notas para uma Definição da Cultura**, Lisboa: Século XXI, 1996, trad. de Ernesto Sampaio.
- FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128p.
- FLORENTINO, Manolo. Introdução. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 52, dez. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882006000200002&lng=pt&nrm=iso&tlang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000200002&lng=pt&nrm=iso&tlang=pt)>. Acesso em: 08 jun. 2012.
- LEMOS, João de. Almas negras: contos da África Misteriosa. Lisboa: Clássica, 1937.
- LOPES, Carlos. A pirâmide invertida – historiografia africana feita por africanos. In: **Actas do Colóquio “Construção e Ensino da História da África”**. Lisboa, Portugal: Linopazas, 1995.
- OLIVEIRA, José Osório de. **Roteiro da África**. Lisboa: Ed. Brasileira, 1936.
- PAULA e SILVA, André Marcos. **História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**. Curitiba: editora Gráfica Expoente, 2008. Volume 1.

QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. Escravidão negra em debate. In:  
**Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

SANTOS, Lorene dos. **Cadernos de História**. Ensino de História e a Lei  
10.639/03: diálogos entre campos do conhecimento, diretrizes curriculares e os  
desafios da prática. Portal de Periódicos PUC, v 12 n 17, 2011.

THOMPSON, Edward. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de  
Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.





# CAPÍTULO 2

## MÚSICA: INFLUÊNCIAS DA MÚSICA AFRICANA NO BRASIL

A partir da concepção do saber fazer, neste capítulo você terá os seguintes objetivos de aprendizagem:

- ✓ Reconhecer as diversas manifestações culturais no Brasil que contenham vestígios da cultura africana.
- ✓ Perceber de que forma a música e a dança influenciaram a cultura brasileira bem como foram instrumentos de resistência utilizados pelos negros no Brasil.



## CONTEXTUALIZAÇÃO

Quando falamos em história e cultura da África, não podemos pensá-la somente a partir da vinda do europeu, com a escravização do povo africano aqui para a América.

De antemão e pela historiografia sabemos que a África tinha sua própria cultura em seu continente e que os habitantes do nosso país também possuíam sua própria cultura.

Portanto, neste capítulo vamos estudar algumas influências da cultura africana na nossa cultura. Algumas já nos são conhecidas, pois estão presentes no nosso dia a dia, como o samba. Outras fazem parte apenas do nosso folclore, embora sejam danças e músicas tradicionais de rituais africanos, como a congada.

Gostaria de deixar claro que nesse estudo teremos apenas algumas nuances dessa influência, ela é muito mais ampla, complexa e apresenta muito mais detalhes do que esse capítulo comporta. Somente um estudo demorado e apurado daria conta, ainda de forma bastante restrita, de citar ou discutir tamanho cabedal cultural que se apresenta quando falamos em cultura afro-brasileira.

Várias obras estão sendo publicadas sobre a temática, seminários, mesas redondas e leis estão sendo feitas a partir desse assunto. Trata-se de uma temática ainda pouco debatida e que apresenta um leque inesgotável de possibilidades.

Embarcar nesse mundo cultural é fascinante. Precisamos nos despir de qualquer juízo de valor ou de qualquer intenção de julgar se uma cultura é melhor ou pior do que outra. Se fizermos esta comparação ou esse julgamento, estamos usando a mesma lente etnocêntrica que perdurou durante muito tempo na historiografia. Já aprendemos no início do nosso estudo que essa visão está equivocada e é bastante criticada.

Partindo dessa premissa, convido-o, pós graduando, a conhecer e (re) conhecer-se na influência da cultura africana aqui no Brasil, entendendo que todas as “culturas” tem o mesmo valor, tem uma história e umas não são melhores que outras, apenas possuem as suas diferenças e particularidades.

Vamos nessa?

## HIBRIDISMO CULTURAL

Quando os negros foram trazidos da África como escravos, passamos a falar de uma cultura afro-brasileira, que na verdade é a união dessas culturas, chamadas por alguns historiadores de hibridismo.

Para o antropólogo Clanclini (1939 -), o hibridismo cultural fundamenta-se em um processo sociocultural em que estruturas e/ou práticas, que existiam de formas separadas, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas.

A noção de híbrido surge na crítica teórica a partir da problematização de alguns autores da questão da representação. Como exemplos, podemos citar Michel Foucault (1926-1984), Jacques Derrida (1930-2004), Gilles Deleuze (1925-1995), Edward Said (1935-2003) e Canclini (1939-).

Para o antropólogo Clanclini (1939 -), o hibridismo cultural fundamenta-se em um processo sociocultural em que estruturas e/ou práticas, que existiam de formas separadas, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas.

É necessário demolir essa divisão em três pavimentos, essa concepção em camadas do mundo da cultura, e averiguar se sua hibridação pode ser lida com as ferramentas das disciplinas que os estudam separadamente: a história da arte e a literatura se ocupam do “culto”; o folclore e a antropologia, consagrados ao popular; os trabalhos sobre comunicação, especializados na cultura massiva. Precisamos de ciências sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos. Ou melhor: que redesenhem esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente (CANCLINI, 2003, p.19).

Ao contrário do que muitos pensam, o continente africano não é um grande bloco homogêneo. Para se ter uma ideia mais clara da heterogeneidade do continente, a África possui mais de dois mil povos, como o povo Bérbere, os Bantos, os Sonikés e os Tuaregues, com suas particularidades e culturas, aproximadamente mil línguas, como as línguas afro-asiáticas, Khoisam, Nigero-Congolesas e Nilo-Saarianas e uma infinidade de crenças religiosas, como o Candomblé e a Kwanza.

No imaginário coletivo, ainda é comum observarmos em alguns momentos que a África é vista como desorganizada e seu povo sem cultura, tradição ou conhecimento. A historiografia vem sendo reescrita, provando o contrário, e mostrando principalmente que a cultura africana tem valor e influencia imensuravelmente a brasileira.

Com efeito, a história da África, como a de toda a humanidade, é a história de uma tomada de consciência. Nesse sentido, a história da África deve ser reescrita, isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camouflada, desfigurada, mutilada (KI-ZERBO, 1982, p.21).

Quando o negro foi trazido para o Brasil, tinha sua cultura, ou melhor dizendo, suas “culturas”, que aqui foram consideradas inferiores e, muitas vezes, proibidas. Dessa forma, para manter sua identidade, os negros escravizados procuravam uma maneira de manter viva as suas crenças, suas línguas, danças em meio aos costumes locais para que pudessem continuar mantendo os seus costumes.

### Atividade de Estudos:

- 1) Para responder essa atividade de estudos, você vai precisar dos conhecimentos já estudados no capítulo 1 desse caderno sobre cultura.

Para pensar: Por que usamos o termo “culturas” e não “cultura”?




---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

## MÚSICA: INFLUÊNCIAS DA MÚSICA ÁFRICANA NO BRASIL

Na África, as músicas não utilizavam partituras nem notas musicais, eram tocadas de ouvido. A música tradicional africana possui um tempo forte e um tempo fraco, é baseada na improvisação e a presença de percussão é constante. Outra característica interessante é a polirritmia, isso significa que uma mesma composição pode ser usada em dois ou mais ritmos diferentes. Os ritmos africanos muitas vezes são dados pelas palmas das mãos e dos pés.

*Na África, as músicas não utilizavam partituras nem notas musicais, eram tocadas de ouvido.*

Essa forma de se fazer música vai, ao longo do tempo, influenciar a música brasileira.

A diversidade de instrumentos na África é imensa, embora sejam mais simples, devido às condições muitas vezes precárias, na sua maioria são feitos de peles, madeira, fibras vegetais, cabaças, pedras e, com menos frequência, ferro.

Diferentemente de muitas sociedades, na africana a música está estreitamente ligada a ritos sociais e religiosos. O instrumento musical não possui apenas a função de tocar, mas também serve para invocar entes espirituais com fins curativos, por exemplo.



### Atividade de Estudos:

- 1) A partir da leitura acima, responda: como o negro fez para manter a sua cultura aqui no Brasil, uma vez que ela era considerada inferior e muitas vezes era proibida?

---

---

---

---

---

Nesse processo, a música se tornou fundamental como apontam Ferreira e Galdino:

Na cultura africana, a música está vinculada ao cotidiano do trabalho, da religião e do entretenimento. Para o africano a música não é um luxo, mas um modo de vida, presente do nascimento à morte, do plantio à colheita. Atividade rotineira como caça, pesca, preparação de alimento são invariavelmente realizadas ao som de músicas (FERREIRA e GALDINO, 2009, p. 5).

Duas matrizes africanas marcam a influência na música brasileira:

- 1) **A conguesa:** sustenta a espinha dorsal da música e tem como exemplo o samba.

Estava relacionada às festas de coroação dos “reis do congo”, personagens que eram projetados simbolicamente aqui no Brasil.

Esses festejos eram uma recriação das celebrações que marcavam a entronização dos reis da África como uma sobrevivência dos costumes desse povo aqui no Brasil.

Esses cortejos dos “reis do Congo”, na forma de congadas, constituíram o início dos maracatus, dos ranchos e das escolas de samba.

- 2) **A iorubana:** influencia sobremaneira a música religiosa afro-brasileira – as canções dessa matriz fazem referência às chamadas ORIKIS, ao panteão dos orixás, deuses dessa tradição, cultuados nas religiões afro-brasileiras.

Embora existam muitos ritmos no Brasil influenciados pelos ritmos africanos, nesse estudo analisaremos o mais conhecido deles, o samba.

### a) O Samba

Muitos estudiosos comprovaram ao longo do tempo que o samba brasileiro tem origem africana.

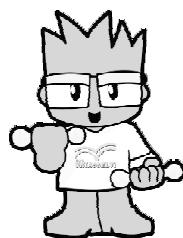
O samba de origem africana pode ser pensado a partir da vinda dos primeiros negros para o Brasil, mais precisamente na Bahia. Conta a lenda narrada pelo cronista Francisco Guimarães (1978) que o vocábulo teria nascido da língua ioruba: san, pagar, e gbà, receber. Mas em relação específica à origem, há controvérsias entre os estudiosos do tema.

*O samba de origem africana pode ser pensado a partir da vinda dos primeiros negros para o Brasil, mais precisamente na Bahia.*

No Brasil, os primeiros registros do samba como ritmo musical e dança foram feitos na Bahia, no século XVIII. Daí se dizer que o “samba nasceu na Bahia” – embora em lugares como o Rio de Janeiro e Recife existissem os batuques (termo também usado na Bahia) e os ceteretês, muito semelhantes ao samba. Talvez fossem apenas nomes diferentes para denominar formas parecidas de tocar e dançar; mas o fato é que o samba foi apresentando variações de região para região, fazendo com que tenhamos até hoje, dentro desse mesmo gênero musical, várias maneiras de dançá-lo e tocá-lo.

Para Oneyda Alvarenga (1950), o samba tem origem banta, pois várias coreografias trazem resquícios dessa origem como as afinidades com a massembará, com expressões muito parecidas nas danças de países como Luanda e a Província de Benguele, em Angola. Embora haja divergências entre os estudiosos sobre o povo africano que deu origem ao samba, a origem africana é ponto convergente.

No Rio de Janeiro, a modalidade mais tradicional do samba é o partido-alto, um samba cantado em forma de desafio por dois ou mais participantes e que se compõe de uma parte coral e outra solada. Essa modalidade tem raízes profundas nas canções do batuque angolano, em que as letras são sempre improvisadas de momento e consistem geralmente na narrativa de episódios amorosos, sobrenaturais ou façanhas guerreiras (LOPES, 2005, pp. 1-30).



### Atividade de Estudos:

- 1) Sobre as origens do samba, quais são os dois autores citados no capítulo e que divergências apresentam?

---

---

---

---

---

---

O escritor Aluísio de Azevedo, em sua obra “O Cortiço”, retrata uma roda de pagode na casa de Rita Baiana, personagem do livro.

Durante muito tempo, no Brasil, no período da escravidão, os donos dos escravos, a polícia e a Igreja em determinados momentos proibiam e em outros permitiam o samba.

Como justificativa para proibi-lo, as autoridades pregavam o medo de que a reunião de negros através do samba colaborasse para que os mesmos se organizassem e se revoltassem, como havia acontecido na Revolta dos Malês em 1835, iniciada em dia festivo.

Outro motivo para a proibição é que essa cultura era vista como diabólica, pois o samba poderia servir como pretexto para o candomblé, proibido pelas autoridades. As leis eram tão severas que em muitos momentos permitiam às autoridades prender quem promovesse ou participasse das rodas de samba:

Geralmente os batuques eram encarados como divertimentos estrondosos, arruaças e uma oportunidade de organização de revoltas dos negros, além de serem considerados imorais e obscenos, comprometendo a boa convivência e o sossego

das ‘pessoas de bem’. Os batuques incomodaram a elite e os grupos dirigentes durante todo o século XIX, havendo constantes proibições legais atualizadas a fim de combatê-los. Assim como os batuques, os sambas eram qualificados como “refúgio da pior gente” (SILVA, apud SANTOS, 1997, p.22), sendo relacionados a quem aderia à malandragem, pessoas indecentes e imorais, fanfarrões e trapaceiros, que deveriam ser afastadas das pessoas de bem. Inicialmente os sambistas se reuniam na região portuária do Rio de Janeiro, conhecido como a ‘Pequena África’, nesta região viviam migrantes vindos da Bahia, na maioria negros, que trabalhavam no porto. Este espaço era reduto das tias baianas, entre elas Tia Ciata. Em sua casa se reunia três universos musicais diferentes: música sagrada, tocada e cantada nos rituais de candomblé; encontro instrumental com flauta, violões e cavaquinho, o chorinho e ainda a roda de samba. Neste contexto viveram músicos como Donga, Pixinguinha, João da Baiana, entre outros.

Esse pensamento perdurou até mais ou menos os anos 30, quando Getúlio Vargas “nacionalizou” o samba, ou seja, se apropriou dessa cultura africana para transformá-la em cultura brasileira, buscando criar uma identidade nacional.

Essa transformação do samba em música brasileira ainda precisa ser bastante estudada pelos historiadores. Ela aparece na obra de Hermano Vianna, “O Mistério do Samba”, em 1995. Em sua obra, Vianna estuda a vinculação entre a música popular e a construção da identidade nacional, prevista no contexto da época e na plataforma de governo de Getúlio Vargas.

Ainda para esse autor, o encontro que aconteceu em 1926 entre membros da elite intelectual e músicos populares para uma “roda de violão” é emblemática na interação da cultura popular e da cultura erudita.

Segundo o historiador André Marcos de Paula e Silva, em sua obra “História e Cultura afro-brasileira e indígena”, o samba como conhecemos hoje é bastante atual, assim como a apropriação do samba como cultura nacional:

O samba carioca, tal como se conhece atualmente, consagrado em todo o país (e mesmo no exterior) como o ritmo nacional por excelência, parece ter se constituído como tal muito recentemente. Entretanto, ainda que o samba seja aceito internamente como um símbolo nacional, é duvidoso que tenha conquistado plena aceitação. A legitimação desse símbolo, processo ainda em curso, não é clara, como não o é

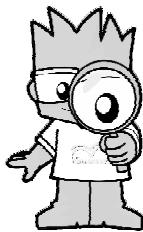
Quando  
Getúlio Vargas  
“nacionalizou” o  
samba, ou seja,  
se apropriou  
dessa cultura  
africana para  
transformá-la em  
cultura brasileira,  
buscando criar  
uma identidade  
nacional.

O encontro  
que aconteceu  
em 1926 entre  
membros da  
elite intelectual e  
músicos populares  
para uma “roda  
de violão” é  
emblemática  
na interação da  
cultura popular e  
da cultura erudita.

também o lugar do negro e das manifestações culturais negras na sociedade brasileira (PAULA e SILVA, 2008).

---

### CURIOSIDADE!!!



A imagem que temos hoje de **Tia Ciata** surgiu em maio de 1949, quando o radialista e pesquisador **Almirante** realizou na Escola Nacional de Música (Rio de Janeiro) a conferência *O Samba Não Nasceu no Morro*, com o apoio musical de **Aracy de Almeida** e **O Pessoal da Velha Guarda**. Almirante buscou demonstrar que era uma lenda afirmar que o samba teria nascido no morro; ele seria, ao contrário, o resultado de uma série de manifestações de origem negra que se concentrariam, particularmente, na Cidade Nova. Citou como exemplo que o “Pelo Telefone”, que considerava o primeiro samba gravado, nasceu em 1916 na casa de tia Ciata, na rua Visconde de Itaúna, 117, frequentada por músicos que nunca haviam morado no morro. As festas na casa de tia Ciata serviam ainda para a divulgação de sambas novos, pois o rádio ainda não existia, as festas da Penha aconteciam apenas nos domingos de outubro e era difícil o acesso dos compositores mais humildes aos empresários do teatro de revista para colocar suas músicas.

Fonte: Disponível em: <<http://vamosfalar-journalismocultural.blogspot.com.br/2012/11/brasileirinho-tia-ciata.html>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

---

Em 1965, segundo relata Vinícius de Moraes em uma crônica, surgiu um grupo chamado os Afro-sambas, influenciados diretamente pelos sambas de roda da Bahia, do candomblé e do berimbau. Em 1966 gravaram um disco com 8 faixas, contendo músicas que trazem uma mistura de instrumentos do candomblé e da umbanda. As 8 faixas gravadas por Baden Powell e Vinícius de Moraes são:

- 1) Canto de Ossanha
- 2) Canto de Xangô
- 3) Bocoché
- 4) Canto de Iemanjá
- 5) Tempo de amor
- 6) Canto do Caboclo Pedra-Preta
- 7) Tristeza e solidão
- 8) Lamento de Exu

Para seu conhecimento:

<b>Canto de Ossanha</b> <b>Vinicius de Moraes</b>	A tristeza de um amor Que passou Não! Eu só vou se for prá ver Uma estrela aparecer Na manhã de um novo amor... Amigo sinhô Saravá Xangô me mandou lhe dizer Se é canto de Ossanha Não vá! Que muito vai se arrepender Pergunte pr'o seu Orixá O amor só é bom se doer Pergunte pr'o seu Orixá O amor só é bom se doer... Vai! Vai! Vai! Vai! Amar! Vai! Vai! Vai! Vai! Sofrer! Vai! Vai! Vai! Vai! Chorar! Vai! Vai! Vai! Vai! Dizer!... Que eu não sou ninguém de ir Em conversa de esquecer A tristeza de um amor Que passou Não! Eu só vou se for prá ver Uma estrela aparecer Na manhã de um novo amor... Vai! Vai! Vai! Vai! Amar! Vai! Vai! Vai! Vai! Sofrer! Vai! Vai! Vai! Vai! Chorar! Vai! Vai! Vai! Vai! Dizer!...(2x)
--	---



Fonte: Disponível em: <<http://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86520/n>>. Acesso em: 15 nov. 2012.



Para ouvir a música acesse o *site*:

<http://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86520/n> .

## INSTRUMENTOS MUSICAIS DE ORIGEM AFRICANA

- a) **Afoxé**: instrumento de origem africana, percussivo, inicialmente tocado em centros de umbanda e no samba. Tem origem irobá e significa “a fala que faz”. Atualmente esse instrumento é utilizado no *reggae* e na música *pop*.

É composto por uma cabeça envolta em miçangas, ligadas por uma “rede”.

Figura 2 - Afoxé



Fonte: Disponível em: <[http://www.colegiolacordaire.conexaopitagoras.com.br/CF/antenado/especiais/cultura\\_afro/cultura.html](http://www.colegiolacordaire.conexaopitagoras.com.br/CF/antenado/especiais/cultura_afro/cultura.html)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- b) **Agogô**: de origem africana, instrumento percussivo, feito de metal. Utilizado principalmente na capoeira e no candomblé.

Figura 3 - Agogô

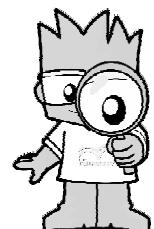


Fonte: Disponível em: <[http://www.colegiolacordaire.conexaopitagoras.com.br/CF/antenado/especiais/cultura\\_afro/cultura.html](http://www.colegiolacordaire.conexaopitagoras.com.br/CF/antenado/especiais/cultura_afro/cultura.html)>. Acesso em: 10 nov.2012

- c) **Balafon:** originário do oeste africano. Acredita-se que o povo Mali seja o precursor desse instrumento. Possui poucas teclas de diversos tamanhos, exigindo uma amarração especial feita de couro, bambus e cordas. Também recebe outros nomes: marimba, balangui, kalanba entre outros.

#### **Curiosidade:**

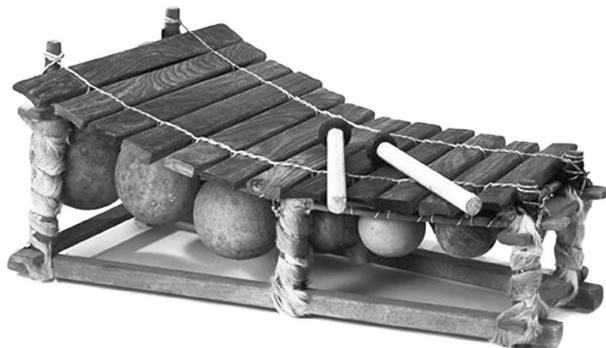
**Sacrifícios:** antes que um balafon possa ser retirado de seu local sagrado, um sacrifício ritual precisa ser feito; isto pode consistir em derramar cerveja de painço ou sacrificar uma galinha sobre o fetiche. Este sacrifício é um meio de obter permissão dos espíritos para usar o balafon e “dar-lhe voz”. Igualmente, quando um novo balafon é feito, um sacrifício ritual é também realizado na ocasião. O fetiche é consultado, para saber o tipo e quantidade dos sacrifícios requeridos.



**Cerimônias Rituais:** seria impossível enumerar todas as cerimônias rituais em que o balafon toma parte. As mais representativas incluem celebrações (casamentos, cerimônias de circuncisão, o final da colheita etc.), funerais, cerimônias para propiciar a lavoura etc.

Fonte: Disponível em: <<http://instrumentosmusicais.ning.com/forum/topics/balafons-africanos>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

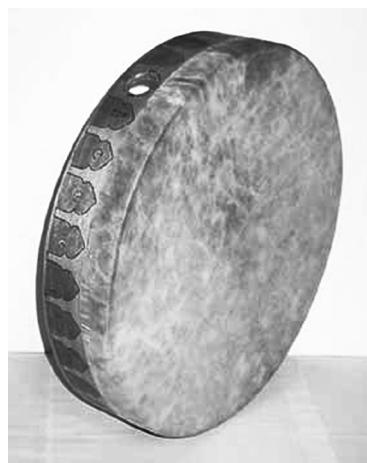
Figura 4 – Balafon



Fonte: Disponível em: <<http://www.gambiabeachholidays.co.uk/activities.html>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- d) **Bendir:** com origem no Norte de África, no Marrocos, é uma espécie de tamborim, com cordas esticadas no interior, junto à pele.

Figura 5 – Bendir



Fonte: Disponível em: <<http://www.meloteca.com/imagens/instrumentarium/bendir.jpg>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- e) **Berimbau:** instrumento de percussão de origem angolana. Possui forma de arco com um arame e uma pequena cabaça de ressonância.

Utilizado tradicionalmente aqui no Brasil na capoeira, na África também era utilizado em rituais fúnebres.

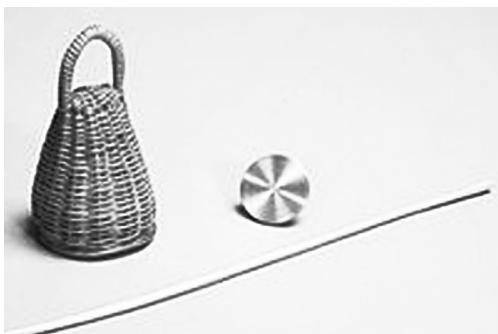
Figura 6 – Berimbau



Fonte: Disponível em: <<http://www.meloteca.com/imagens/instrumentarium/berimbau.jpg>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- f) **Caxixi**: usado juntamente com o berimbau na capoeira.

Figura 7 – Caxixi



Fonte: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Caxixi>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- g) **Conga ou Atabaque**: membranofone tradicionalmente utilizado para convocar os orixás Nikisis e Voduns. Nos terreiros, os três atabaques utilizados recebem o nome de “rum”, “rumpi” e “Le”. São tambores altos com sonoridade grave, de altura regulável. Podem ser tocados com os dedos e as mãos.

Figura 8 – Conga ou Atabaque



Fonte: Disponível em: <<http://axesenzala.webnode.com.br/products/instrumentos/>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- h) **Cuíca:** instrumento de fricção. Foi trazido para o Brasil pelo povo banto. A partir de 1930, passou a ser utilizado nas baterias de escolas de samba aqui no Brasil.

Figura 9 – Cuíca



Fonte: Disponível em: <<http://gianzinho-culturabrasil.blogspot.com.br/2011/08/cuica.html>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- i) **Ganzá:** tocado por agitação. Instrumento musical de percussão, semelhante a um chocalho. Instrumento utilizado na capoeira. Seus tubos podem ser duplos ou triplos.

Figura 10 - Ganzá



Fonte: Disponível em: <[http://insanos-insanoss.blogspot.com.br/2010/08/instrumentos-utilizados-na-capoeira\\_6707.html](http://insanos-insanoss.blogspot.com.br/2010/08/instrumentos-utilizados-na-capoeira_6707.html)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- j) **Ghaita:** aerofone de palheta dupla originário do Norte da África, usado tradicionalmente pelos encantadores de serpentes. Al ghaita ou al ghaida designa um instrumento semelhante ao surnay, uma espécie de oboé usado em dias festivos.

Figura 11 – Ghaita



Fonte: Disponível em: <<http://musica8ano.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- k) **Korá:** originário da África Ocidental, com caixa de cabaça e pele esticada, com braço de madeira, duas pegas e cordas de *nylon* dedilhadas.

Figura 12 - Korá



Fonte: Disponível em: <[http://orrivem.blogspot.com.br/2011/01/world-music\\_04.html](http://orrivem.blogspot.com.br/2011/01/world-music_04.html)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- n) **Lira Africana:** mais frequente na África Oriental, cordofone dedilhado, é um instrumento tribal bastante antigo construído de modo rudimentar.

Figura 13 – Lira Africana



Fonte: Disponível em: <[http://6a6grupodeestudos2011.blogspot.com.br/2011\\_06\\_01\\_archive.html](http://6a6grupodeestudos2011.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

**m) Reco-reco:** idiófone tradicional de percussão. Há reco-recos de madeira, de metal e mistos.

Figura 14 – Reco-Reco



Fonte: Disponível em: <[http://resgatocultural.com.br/cienciasdacapoeira/index.php?option=com\\_content&view=article&id=73&Itemid=80](http://resgatocultural.com.br/cienciasdacapoeira/index.php?option=com_content&view=article&id=73&Itemid=80)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

Figura 15 - Uffataha: flauta africana



Fonte: Disponível em: <<http://conhecimentodamusica.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

**Atividade de Estudos:**

1) Sobre os instrumentos musicais de origem africana responda:

- a) Esses instrumentos são utilizados em ritmos brasileiros?  
Em quais?

---



---



---

- b) Como esses instrumentos ficaram conhecidos aqui no Brasil?

---



---



---



## DANÇA: INFLUÊNCIAS DA DANÇA ÁFRICANA NO BRASIL

É nas aldeias que a dança africana se originou. Normalmente a dança africana é uma atividade realizada em grupo, inferindo o espírito de unidade de suas tribos. Na maioria das vezes, participam do ritual: homens, mulheres e crianças.

A maior parte dos momentos da vida africana é comemorada com rituais de danças, como o nascimento, a morte, o plantio a colheita. Muitas festas são realizadas para agradecer ao deus da colheita quando esta é farta.

*A maior parte dos momentos da vida africana é comemorada com rituais de danças, como o nascimento, a morte, o plantio a colheita.*

As danças variam conforme a região da África, mas possuem alguns pontos em comum: os bailarinos, amadores ou profissionais, dançam em filas ou círculos. Não é comum na cultura africana existirem danças em par ou solo.

Os bailarinos podem usar máscaras e pintar o corpo com tinta. Uma música pode ter até seis ritmos, para serem coreografados e dançados ao mesmo tempo. Assim como a música, a dança faz parte do cotidiano dos povos africanos.



### Atividade de Estudos:

- 1) Qual a importância da dança para os povos africanos?

---

---

---

Essas danças africanas influenciaram as danças aqui no Brasil e trazemos nesse capítulo alguns exemplos dessas influências:

#### a) O Maracatu:

*Nos maracatus a principal atração é a dama do paço, que rodopia a calunga, depois vem o príncipe e a princesa, recebendo os cumprimentos de quem assiste.*

Em Pernambuco, o maracatu é a expressão da cultura africana e afrodescendente. Essa dança cortejava os reis do Congo, eleitos pelos escravos, que eram coroados nas igrejas. Logo depois do cortejo, eram feitos batuques em homenagem à padroeira, em especial Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos homens negros.

Nos maracatus a principal atração é a dama do paço, que rodopia a calunga, depois vem o príncipe e a princesa, recebendo os cumprimentos de quem assiste.

No Brasil, os maracatus tem ligação direta com as irmandades negras do Rosário. As Irmandades são instituições religiosas compostas por leigos que tinham como objetivo ajudar os seus membros e as comunidades.

É dança típica de Pernambuco, com suas apresentações acontecendo durante o carnaval, principalmente em Recife. Os participantes desfilam com trajes coloridos e brilho de lantejoulas. Essa dança tem referências de várias tradições culturais ibéricas e africanas.

A dança tem coreografias parecidas com as danças do candomblé, em que os personagens representam reis, rainhas e personagens históricos de maneira geral. O maracatu possui duas divisões, o maracatu nação e o maracatu rural.

- **Maracatu Nação:** mais antigo que o maracatu rural, como, por exemplo, o grupo de Maracatu de Leão Coroado, de 1863, que possui vínculos com a tradição de coroação do rei do Congo. O uso do termo nação pode demonstrar a existência do grupo que se reúne para reafirmar tradições que lhes garantissem uma “identidade” cultural.
- **Maracatu rural:** a partir de 1940, também conhecido como o maracatu de orquestra ou baque solto. Diferencia-se do de nação por ter um conjunto musical com instrumentos de sopro e apresenta em sua execução um destaque para o caboclo. O divertimento das pessoas nesse maracatu é “escapar” das investidas do caboclo, que tenta atingi-las com uma lança de madeira.

A tradição religiosa foi se perdendo com o tempo e os grupos das irmandades religiosas acabaram convergindo para o carnaval, formando grupos ou blocos carnavalescos. Nesses blocos não há enredo. O desfile é feito ao ritmo dos tambores.

### O QUE É: Maracatu de Baque Solto (Rural)

#### Caboclos de Lança

Muitos confundem maracatu de baque solto com o maracatu de baque virado e alguns até acham que é a mesma coisa, ledo engano, pois há diferenças gritantes entre eles. Tais diferenças vão desde a história de seu surgimento, a métrica do ritmo e seus instrumentos como também seus personagens. Se você ainda confunde estes dois folguedos, aqui tentarei lhe ajudar a diferenciá-los.



O maracatu de baque solto é criado posteriormente ao maracatu de baque virado. Surge na zona da mata pernambucana (mais especificamente na mata norte) já nos séculos XIX e XX, quando trabalhadores rurais do interior migram para a zona da mata a fim de encontrar trabalho. O maracatu de baque solto sofreu uma mescla de outros folguedos provenientes de todo território pernambucano, tais como pastoril, cavalo marinho, bumba-meuboi, folia de reis, caboclinho e outros mais. O maracatu rural sofreu influência no que diz respeito a todo o conjunto da obra. Em relação aos instrumentos, o maracatu rural, também conhecido

como maracatu de orquestra, é diferenciado do maracatu nação. A sua orquestra é composta por tarol (ou caixa), surdo, ganzá, chocalhos, porca (cuíca), zabumba, gonguê e a orquestra em si, com clarinete, saxofone, trombone e corneta (pistom). Outra diferenciação é que no rural o coro é exclusivamente feminino. Tais mudanças instrumentais ocasionaram uma acelerada no ritmo, se comparado ao maracatu nação, o rural ritmicamente falando é mais rápido, não tendo a marcação lenta que o maracatu de baque virado tem.

O maracatu rural tem como personagens o rei, a rainha, a porta-bandeira, também chamada de baliza, a dama do passo (ou paço), o Mateus, a Catirina, a burra e o caçador, as portas-buquê, as baianas, a boneca Aurora, os caboclos de pena (que não usam lança e sim machado), também chamados Tuxau ou Arreimá, carregam na cabeça um grande cocar de penas (na maioria das vezes de pavão), como no maracatu nação também há o vassalo ou “menino da sombrinha”, e por fim o personagem principal: o caboclo de lança. O caboclo de lança é o guerreiro de Ogum, dá vida e alma ao folguedo. Formado por trabalhadores rurais (cortadores de cana) que durante a brincadeira trocam suas enxadas e foices por lanças de madeira adornadas com fitas coloridas e seus chapéus de palha por volumosos, coloridos e exuberantes capacetes. Durante todo o ano economizam um pouco mais a fim de confeccionar seus mantos de cores tão psicodélicas quanto as do capacete. Os mantos representam a armadura na encenação da batalha, alguns também usam grandes óculos e um cravo branco na boca.

#### Cortejo de Maracatu Rural

Há relatos de que algumas batalhas entre as agremiações ocorriam de verdade, e quando não matava, feria gravemente o guerreiro. A música “bringa” cantada por Siba e a Fuloresta do Samba relata bem uma dessas sangrentas batalhas reais em que os caboclos se deslocavam até tal cruzeiro para duelar até a morte. Felizmente hoje a batalha é fictícia, porém de maneira tão realista que às vezes chegamos a pensar que a qualquer momento irá começar um daqueles antigos duelos de vida ou morte.

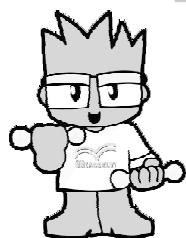
No maracatu de baque solto não há cortejo real, quem comanda a brincadeira é o apito e/ou a bengala do mestre, que orienta a

movimentação do maracatu. O mestre também é responsável pela cantoria das toadas. Quatro personagens abrem a brincadeira: Mateus, Catirina, a burra e o caçador. A dança é realizada em dois círculos (um dentro do outro). Os caboclos de lança correm pelo círculo de fora encenando a batalha e golpeando suas lanças para cima e para baixo, para um lado e para o outro, segurando-a firme com as duas mãos, enquanto correm, carregam uns chocalhos nas costas dando a marcação acelerada do maracatu rural. Enquanto isso, no círculo interior dançam as damas de buquê e baianas, de forma que podemos observar ao centro da roda os caboclos de pena, a boneca e o estandarte (que também pode ficar na frente do maracatu).

Algumas prefeituras fornecem subsídios às agremiações, algo como transporte e/ou dinheiro para a compra dos enfeites e confecções das roupas, porém a ajuda, por mais que seja “de bom coração”, ainda é pouco, pois as agremiações “sobrevivem” com suas apresentações (quando tem local onde se apresentar) e das economias dos brincantes. O movimento mangue também não esqueceu o maracatu de baque solto e se fez influenciar por tal folguedo, juntando as guitarras de rock com esse efervescente ritmo pernambucano.

No maracatu nação houve uma abertura no que tange o campo dos participantes no folguedo, hoje em dia não são mais os escravos que se apresentam em terreiros ou igrejas, mas sim a sociedade em geral. Um bom exemplo disso é o fato de hoje haver nas nações integrantes de várias classes sociais. Ainda há sim descendentes de escravos, mas também médicos, engenheiros, advogados, dentre outras profissões classificadas como elite em nossa sociedade. Infelizmente não observamos isso acontecer no maracatu rural, não sei se pelo fato da distância entre a zona rural e urbana ou recusa dos brincantes rurais em aceitar brincantes urbanos. Só sei que o apoio é menor se comparado ao maracatu nação. Sei que o nação é mais antigo, mas não custa nada aos poderes públicos do nosso estado apoiarem a luta do nosso povo humilde (economicamente falando). Povo guerreiro por essência, que se mata de trabalhar para ganhar uma ninharia, sustenta todos seus filhos com o maior sacrifício e ainda tenta economizar um pouco do pouco que ganham no esforço de não deixar um de nossos expoentes culturais simplesmente desaparecer.

Fonte: Disponível em: <<http://njpe.wordpress.com/2010/11/22/o-que-e-maracatu-de-baque-solto-rural/>>. Acesso em: 10 nov. 2012.



### Atividade de Estudos:

1) A partir do texto de apoio, responda:

- a) Quais são as principais diferenças entre o maracatu rural e o maracatu nação?

---

---

---

- b) Quais são os personagens do maracatu rural?

---

---

---

- c) Quais são os personagens do maracatu nação?

---

---

---

- d) Como o maracatu era apresentado no princípio e como é apresentado hoje?

---

---

---



Para saber mais sobre o Maracatu acesse: <http://maracatu.org.br/>.

Leia: Os maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (960-1990), disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum14\\_art03\\_guillen-lima.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum14_art03_guillen-lima.pdf).

**b) Congada:**

É uma mescla da cultura africana, branca e índia. Ocorre nas igrejas, portanto um evento essencialmente urbano. Seu enredo tem basicamente três temas: o encontro de Nossa Senhora do Rosário, a vida de São Benedito e a representação de Carlos Magno contra as invasões mouras. Lembrando que esse último se converteu ao cristianismo. A congada, assim como outras danças africanas, é uma tentativa do resgate da identidade do povo africano.

É uma mescla da cultura africana, branca e índia.

Ocorre nas igrejas, portanto um evento essencialmente urbano.

A dança tem origem na espiritualidade de religiões trazidas da África como os candomblés e a umbanda, inclusive os instrumentos utilizados para acompanhar a congada são originários dessas duas crenças africanas.

Surgida no Brasil com a vinda forçada de povos africanos de origem banto, oriundos das regiões do Congo (daí o nome congada), Moçambique, Angola, entre outras, a congada é uma manifestação característica da cultura afro-brasileira, que encontrou no sincretismo religioso um meio de resistir ao domínio e a imposição etnocêntrica dos valores culturais e religiosos do homem branco. Com expressões como a congada, os povos negros africanos sustentaram sua fé e sua cultura com a manutenção de seus rituais religiosos e culturais (TOMAZ, 2000, p. 1-60).

No início, alguns rituais africanos, assim como a congada, eram considerados profanos e normalmente eram proibidos. Alguns homens brancos, considerados pelos negros como homens bons, convidavam os congadeiros para dançar em suas casas e em troca ofereciam banquetes, doces.

Com o passar do tempo essa prática colaborou para que os congadeiros saíssem da “clandestinidade” e ganhassem as ruas. As primeiras apresentações chegavam até as portas das igrejas, mas ainda continuavam do lado de fora. Os santos adorados pelos congados eram principalmente os santos negros, Santo Agostinho e Santa Ifigênia.

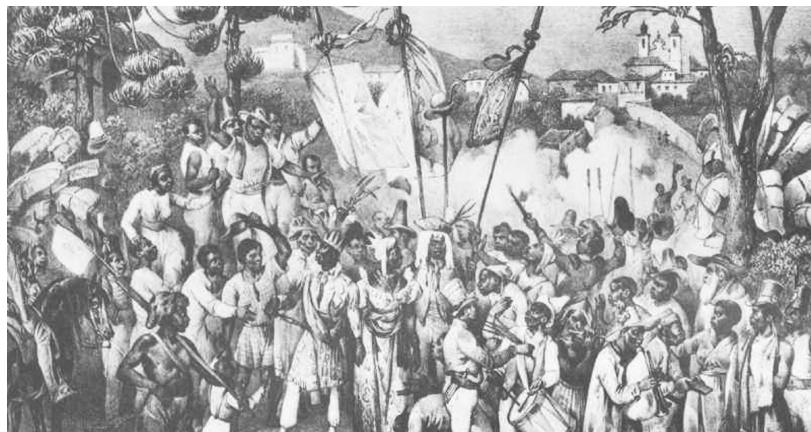
As congadas representavam as lutas travadas em território africano ao som de tambores. Muitos reis na África foram reduzidos a escravos. Portanto, esses reis, embora fossem escravos aqui no Brasil, eram representados nas congadas, porque eram reis de fato que não governavam na nossa terra. Ficaram conhecidos como rei do Congo.

As congadas representavam as lutas travadas em território africano ao som de tambores.

A congada representa simbolicamente os momentos de glórias desses reis. Até os inimigos do rei são representados. No ritual estão presentes bastões e

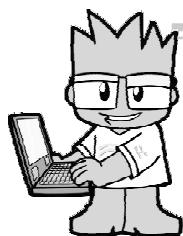
espadas, simulando as guerras ocorridas na África. Mas nas congadas imaginárias a vitória é sempre do rei.

Figura 16 - Congado em litografia de Rugendas

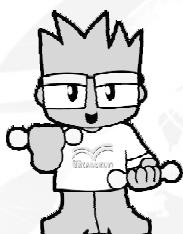


Fonte: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rugendascongada.jpg>>. Acesso em : 10 nov. 2012.

Atualmente, segundo Tomaz (2000), a congada tem sido vista como “atraivo turístico”, tem sido apresentada a uma plateia que assiste a tudo passivamente, deixando de lado seu verdadeiro objetivo como manifestação cultural e tem dado lugar ao mero espetáculo.



Sobre danças específicas africanas, verificar o *site* e os vídeos:  
<https://sites.google.com/site/paginasdocaderno/home/dancas-africanas>.



#### Atividade de Estudos:

- 1) Faça uma pesquisa sobre as apresentações das Congadas no Brasil como atrativo turístico, anote os dados nas linhas abaixo. Os resultados podem ser discutidos com o professor tutor no *chat*.

---

---

---

### c) Maculelê:

A origem do Maculelê é controversa. Alguns estudiosos afirmam ser uma dança com origens estritamente africanas, enquanto outros afirmam ser de origem indígena e outros ainda que é afro-indígena. Essas controvérsias aparecerem em várias questões que envolvem a cultura africana.

Acredita-se que tenha se originado de uma festa popular africana no século XVIII e aqui no Brasil tenha se desenvolvido nos canaviais de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano.

Essa dança é de expressão dramática e reservada ao sexo masculino. É dançada em grupos, batendo os bastões no ritmo dos atabaques, a música é em dialeto africano ou em linguagem popular africana.

Essa dança é de expressão dramática e reservada ao sexo masculino. É dançada em grupos, batendo os bastões no ritmo dos atabaques, a música é em dialeto africano ou em linguagem popular africana.

O maculelê era o clímax dos folguedos (são festas de caráter popular cuja principal característica é a presença de música, dança e representação teatral) nas comemorações profanas locais, comemorativas de Nossa Senhora da Purificação, santa padroeira da cidade, em 2 de fevereiro.

O maculelê pode ser considerado uma expressão teatral que através da dança e cânticos conta a história de um jovem guerreiro que conseguiu defender sua tribo de outra tribo rival sozinho, usando apenas dois pedaços de pau. Obviamente tornou-se o herói da tribo.

### Maculelê

Conta a lenda que a encenação do Maculelê baseia-se em um episódio épico ocorrido numa aldeia primitiva do reino de Ioruba, em que, certa vez, saíram todos juntos os guerreiros para caçar, permanecendo na aldeia apenas 22 homens, na maioria



idosos, junto das mulheres e crianças. Disso aproveitou-se uma tribo inimiga para atacar, com maior número de guerreiros. Os 22 homens remanescentes teriam então se armado de curtos bastões de pau e enfrentado os invasores, demonstrando tanta coragem que conseguiram pô-los em debandada. Quando retornaram, os outros guerreiros tomaram conhecimento do ocorrido e promoveram grande festa, na qual os 22 homens demonstraram a forma pela qual combateram os invasores. O episódio passou então a ser comemorado frequentemente pelos membros da tribo, enriquecido com música característica e movimentos corporais peculiares. A dança seria assim uma homenagem à coragem daqueles bravos guerreiros.

No início do século XX, com a morte dos grandes mestres do Maculelê de Santo Amaro da Purificação, o folguedo deixou de constar, por muitos anos, das festas da padroeira. Até que, em 1943, apareceu um novo mestre – Paulino Aluísio de Andrade, conhecido como Popó do Maculelê, considerado por muitos como o “pai do Maculelê no Brasil”. Mestre Popó reuniu parentes e amigos, a quem ensinou a dança, baseando-se em suas lembranças, pretendendo incluí-la novamente nas festas religiosas locais. Formou um grupo, o “Conjunto de Maculelê de Santo Amaro”, que ficou muito conhecido.

É nos estudos desenvolvidos por Manoel Querino (1851-1923) que se encontram indicações de que o Maculelê seria um fragmento do Cucumbi, dança dramática em que os negros batiam roletes de madeira, acompanhados por cantos. Luís da Câmara Cascudo, em seu “Dicionário do Folclore Brasileiro”, aponta a semelhança do Maculelê com os Congos e Moçambiques. Deve-se citar também o livro de Emília Biancardi, “Olelê Maculelê”, um dos mais completos estudos sobre o assunto.

Hoje em dia, o Maculelê se encontra integrado na relação de atividades folclóricas brasileiras e é frequentemente apresentado nas exibições de grupos de capoeira, grupos folclóricos, colégios e universidades.

Fonte: Disponível em: <<http://www.senzala.org.br/historia/3-historico-do-maculele.html>>. Acesso em : 10 nov. 2012.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nesse capítulo procuramos apresentar as principais influências da cultura africana na nossa cultura, sem a pretensão de esgotar um tema tão vasto.

Observamos que vários elementos da nossa cultura advêm da cultura africana e que, se quisermos compreender a nossa cultura, precisamos conhecer a cultura africana.

Aprendemos que o samba durante algum tempo foi proibido, era visto como imoral, mas ao longo do tempo, mais especificamente nos anos 30, foi apropriado pelo governo para colaborar na construção de uma identidade nacional brasileira.

Entendemos que a maioria das manifestações artísticas, como a música e a dança de origem africana, estão intimamente ligadas com a história da África e com a religiosidade, seja através de histórias de reis africanos, culto aos deuses africanos, como o da boa colheita, ou com comemorações em nascimentos.

Por fim, pudemos perceber que a África possui uma cultura bastante heterogênea e que por esse motivo não podemos falar em cultura da África, mas sim em “culturas” da África.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. Rio de Janeiro: Globo, 1950.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

FERREIRA e GALDINO. **Uma Música Afro-Brasileira: o Samba. Da repressão a malandragem à símbolo da identidade nacional**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/384-4.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

GUIMARÃES, Francisco (Série Vaga-Lume). **Na roda do samba**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

KI-ZERBO, Joseph (org) **História geral da África**, volume 1- metodologia e pré-história na África. São Paulo: Ática; [Paris]: Unesco, 1982.

LOPES, Nei. **A presença africana na música popular brasileira.** Revista Espaço Acadêmico, n 50, julho de 2005.

PAULA e SILVA, André Marcos. **História e cultura afro-brasileira e indígena.** Curitiba: editora Gráfica Expoente, 2008. Volume II.



# CAPÍTULO 3

## CONTRIBUIÇÕES AFRICANAS NA LINGUAGEM E NA CULINÁRIA

**A partir da perspectiva do saber fazer, neste capítulo você terá os seguintes objetivos de aprendizagem:**

- ✓ Entender os processos de hibridização da linguagem a partir do contato de duas culturas linguísticas: A africana e a brasileira.
- ✓ Perceber como a culinária atual recebeu influências da cultura africana.



## CONTEXTUALIZAÇÃO

A língua identifica um povo, é reflexo dele mesmo, transformada em palavras, em sons. A língua portuguesa no Brasil é o resultado de diversas culturas.

As raízes de nossa língua merecem um olhar mais atento. Neste capítulo vamos nos ater à influência da língua africana na nossa cultura, pela força que representa e pela temática do nosso estudo.

Precisamos salientar que tanto na língua quanto na gastronomia a influência africana não foi a única, a influência indígena e europeia, bem como outras culturas, também aparecem, porém, para o nosso estudo serão analisadas as influências africanas.

A nossa culinária também está impregnada de influências da culinária africana. Muito mais que produtos ou formas de preparo, a culinária africana foi incorporada em nosso dia a dia, se misturou com a culinária nacional e hoje parece genuinamente brasileira.

Convido você, caro pós-graduando, a embarcar nesse delicioso estudo!

## CONTRIBUIÇÕES NA LINGUAGEM

Sabemos que a vinda do negro para o Brasil, foi, infelizmente, por conta da escravidão. Estima-se que aproximadamente quatro a cinco milhões de africanos foram trazidos para o Brasil entre os séculos XVI e XIX. É inegável a influência dessa cultura, inclusive na língua.

Estudiosos apontam que durante o estabelecimento da população africana aqui no Brasil, os negros utilizavam duas línguas principais: o nagô ou iorubá na Bahia e o quimbundo em outras regiões. Sabemos que existem vários grupos linguísticos africanos e vários dialetos. Para esse estudo, observaremos os mais influentes na nossa cultura.

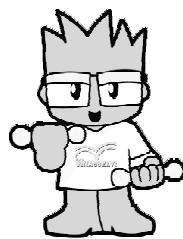
Estudiosos apontam que durante o estabelecimento da população africana aqui no Brasil, os negros utilizavam duas línguas principais: o nagô ou iorubá na Bahia e o quimbundo em outras regiões.

Nos primeiros tempos da colonização houve um processo de “aculturação” no que se refere à linguagem. Os índios e os negros, praticamente ao mesmo tempo, aprenderam a falar o português, por volta de 1532, segundo Nascentes (1957, p.132). Antes disso, ainda segundo o mesmo autor, surgiu uma linguagem mais simplificada, da necessidade imediata de comunicação. Uma linguagem crioula, como era chamada:

os crioulos são falares de emergência, com caracteres definidos e vida própria, que consistem na deturpação e simplificação extrema de uma língua, quando imperfeitamente transmitida e aprendida por gente de civilização inferior (SILVA NETO, 1988, p.436).

As gentes de civilização “inferior” a que Silva Neto se refere eram os escravos. Segundo Silva Neto (apud PUZZINATO e AGUILERA), essa linguagem simplificada foi desaparecendo e dando lugar a uma linguagem culta e aperfeiçoada. Para ele, alguns autores veem a contribuição da língua africana aqui no Brasil de maneira sempre exagerada. Segundo o autor, isso acontece na tentativa de se criar uma identidade no português brasileiro, diferente do português de Portugal.

Do lado oposto, existem outros críticos antes da década de 80 e 90 que “minimizam” a contribuição da língua africana à linguagem brasileira, como Amaral (1920) e Marroquim, analisados no estudo de Puzzinato e Aguilera.



#### Atividades de Estudos:

- 1) Quais são as duas principais línguas africanas utilizadas aqui no Brasil?

---

---

---

- 2) Tendo por base a afirmativa do linguista Silva Neto de que a influência da língua ou das línguas africanas na língua brasileira é sempre um exagero, responda:

- a) Como o autor chega a essa conclusão?

---

---

---

- b) Você concorda com a afirmativa do autor? Argumente.

---

---

---

Já na década de 90 do século XX, aparecem pesquisadores que afirmam e através de pesquisas comprovam a contribuição da língua africana na portuguesa, e consequentemente na brasileira. A contribuição da língua africana não se restringe ao vocabulário, é mais profunda e é incorporada à nossa cultura em decorrência de fatores históricos, processos sociais, resistências.

As mudanças na língua estão diretamente relacionadas ao contexto sócio-histórico-cultural. Os usos da língua manifestam todos os seus sentimentos linguisticamente. Essa concepção da língua como construção social vai estar mais presente nos escritos da década de 90, mas na década de 50 Silveira Neto já discutia essa questão (1952, p.13):

As línguas são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente efetuando aqui e ali. O acúmulo e a integral realização delas depende de condições sociológicas, pois, como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou lentidão das mudanças.

Nessa perspectiva, uma das obras mais importantes e mais consultadas sobre a influência da língua africana no Brasil é “Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro” da doutora Yeda Pessoa de Castro, estudiosa, que possui vários artigos publicados e pesquisa na Bahia, na Nigéria e na República Democrática do Congo.

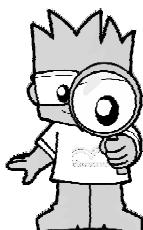
A autora relata que os povos africanos, trazidos para o Brasil ao longo dos quatro séculos, procediam de duas regiões subsaarianas: (I) o domínio banto, e englobando, entre outros, Camarões, Gabão, Congo, Angola, Namíbia, África do Sul, Botsuana, Uganda, Moçambique, Tanzânia, Zimbábue. (II) a África Ocidental, que vai do Senegal à Nigéria (CASTRO, 2002, p.39).

Segundo Castro (2001, p.21), existem contribuições da linguagem africana que a autora chama de contribuições antigas, associadas ao regime de escravidão, como banzo, mucama, viramundo e os introduzidos por elementos novos. Desses novos elementos podemos citar alguns:

- Fauna: acanga, caçote, calunga, caranguji.
- Flora: andu, dendê, moranga, maxixe, jiló.
- Alimentação (comidas e bebidas): mungunzá, moqueca, aluá, cachaça.

Já na década de 90 do século XX, aparecem pesquisadores que afirmam e através de pesquisas comprovam a contribuição da língua africana na portuguesa, e consequentemente na brasileira.

- Casa, habitação, família: cafua, cubata, senzala, babá.
- Doenças: caxumba, tunga.
- Usos e costumes: cafuné, cochilo, calundu, dengo.
- Religião, candomblé: macumba, inquice, orixá, Zambi, Oxóssi, Exu, peji.
- Crenças e superstições: quizila, tutu, zumbi, mandu.
- Objetos fabricados: quibando, munzuá, muxinga, moringue, caçamba.
- Instrumentos musicais: timbau, marimba, cuíca, berimbau, agogô.
- Recreação: samba, maxixe, lundu.
- Ornamentos e vestes: miçanga, balagandã, tanga, canga.
- Referentes ao corpo e funções de comportamento, equivalentes a gírias, porém considerados chulos e imorais: cabaço (hímen), binga (pênis), tabaco (vulva), languenza (clitóris), toba (ânus), xibungo (pederasta) e mengá (copular).



Sempre que nos referimos à influência da língua africana no Brasil, precisamos tomar o cuidado de não homogeneizar, pois na própria África existem inúmeras línguas e dialetos diferentes. Portanto, quando falamos nessa influência, devemos tomar o cuidado de falar das influências das línguas africanas, no plural.



#### Atividade de Estudos:

Para pensar:

- 1) Utilizando-se dos conhecimentos adquiridos nos capítulos anteriores, principalmente no que tange à historiografia africana, responda:

- a) Qual a importância da contribuição de Yeda Castro para o estudo da influência da língua africana no Brasil?

---



---



---



---

## INFLUÊNCIAS E GRUPOS

Figura 17 – Mapa da África



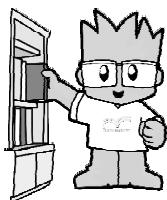
Fonte: Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/mapas/mp-africa.jpg>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

Há dois tipos de linguagem africana principais no Brasil: os bantos e os nagô-iorubá, já citados anteriormente. Os primeiros são os mais influentes por serem mais numerosos e terem se espalhado por diversas regiões no Brasil.

Os bantos, no Brasil, destacaram-se por sua superioridade numérica, permanência e a proximidade e a durabilidade de contato

Os primeiros são os mais influentes por serem mais numerosos e terem se espalhado por diversas regiões no Brasil.

com os portugueses colonizadores. Sua presença no Brasil foi tão marcante que, em 1697, é publicado o livro “A arte da língua de Angola”, do padre Pedro Dias, em Lisboa, considerada a mais antiga gramática de uma língua banto. Escrita na Bahia para uso dos jesuítas, o objetivo da obra era facilitar a doutrinação dos 25 mil negros angolanos que, segundo Antônio Vieira, estavam na cidade sem falar o português.



Para saber mais, consultar a obra de Silva Neto: “Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil”. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.

Dessas duas ramificações, bantos e os nagô-riorubá, no litoral se destacaram os baongo, os ambundo e os ovimbundo.

Os bacongos falavam o quicongo, língua com falares regionais na África e que correspondem à posição geográfica dos limites do antigo Reino do Congo. Os primeiros negros escravizados dessa região foram levados para Lisboa.

Os ambundo falavam o quimbundo e estavam localizados na região central da Angóla. Desse território, os negros escravizados foram trazidos para o Brasil por volta do século XVII.

Povos do oeste africano se caracterizam por uma variação maior de línguas em um espaço geograficamente menor, porém mais densamente povoado do que a região do grupo banto, onde foi estabelecido inicialmente o tráfico de escravos.

Os ovimbundo, falantes do umbundo, ficavam próximos à província de Bié, Huambo e Benguela, ao sul da Angóla. Esses negros escravizados foram trazidos para o Brasil, principalmente para Minas Gerais e o Rio de Janeiro.

Povos do oeste africano se caracterizam por uma variação maior de línguas em um espaço geograficamente menor, porém mais densamente povoado do que a região do grupo banto, onde foi estabelecido inicialmente o tráfico de escravos.

Esses territórios mais densamente povoados englobam os seguintes países: Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri, Serra Leoa, Libéria, Burquina-Fasso, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benim e Nigéria.

Desses territórios, a família linguística que se destaca por conta da

superioridade numérica é o grupo Kwa, e no Brasil o grupo ewe-fon, principalmente ioruba.

O grupo linguístico iorubá possui características regionais, que pouco se diferenciam de uma região a outra. No Brasil ela também é conhecida como Nagô. Esse povo foi trazido para Salvador a partir de 1830.

#### Atividade de Estudos:

- 1) Por que o grupo banto se destaca no Brasil?

---

---

---

---



- 2) Quais são as características da língua iorubá?

---

---

---

---

## INTERFERÊNCIAS NO VOCABULÁRIO

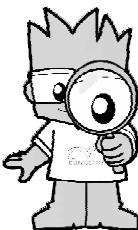
Em primeiro lugar, é necessário salientar que nem toda a influência da língua africana no Brasil é feita diretamente pelos negros vindos para o Brasil. Muitas dessas influências foram incorporadas já em Portugal, que também contava com a presença de negros africanos em seu país.

Algumas palavras foram incorporadas pela língua portuguesa, conservando forma e significados originais: sambar, xingar, muamba, tanga, sunga, jiló, maxixe, candomblé, umbanda, berimbau, maracutaia, forró, capanga, banguela, mangar, cachaça, cachimbo, fubá, gogó, mocotó.

*Palavras no português que tiveram o sentido modificado: mãe-de-santo (ialorixá), dois-dois (ibêji), despacho (ebó), terreiro (casa de candomblé).*

Palavras no português que tiveram o sentido modificado: mãe-de-santo (ialorixá), dois-dois (ibéji), despacho (ebó), terreiro (casa de candomblé).

Composições híbridas que possuem elementos africanos e portugueses: bunda-mole, espada-de-ogum, limo-da-costas, pó-de-pemba, cafundó de Judas, molecote, molecagem, cachimbada, forrozeiro, sambista, capangada, caçulinha, dengoso, bagunceiro.



Para conhecer mais sobre a influência africana nos dias atuais

Quimbundo da família linguística Kwa do grupo Banto	Pertence ao grupo Banto, inclui cerca de 3 mil dialetos e é falada em 2/3 da África negra. No Brasil, no contexto da escravidão, era a língua mais falada no Norte e no Sul do País.
Grupo Iorubá ou Nagô	Era utilizado na Bahia e estima-se que 90% dessa língua era usada para designar regionalismos, práticas religiosas, pratos quente, quitutes.
<b>Essas influências na nossa língua dão origem a diversas palavras já incorporadas em nosso vocabulário:</b>	
<b>Palavra</b>	<b>Significado</b>
Bagunça	Desordem, baderna.
Batucar	Repetir a mesma coisa inconsistentemente.
Berimbau	Arco musical, instrumento da capoeira.
Cachaça	Aguardente que se obtém mediante fermentação e destilação do mel ou barras de melaço.
Capenga	Manco, roxo.
Dendê	Palmeira ou fruto da palmeira.
Fuzuê	Algazarra, barulho, confusão.
Macumba	Denominação genérica para as manifestações religiosas afro-brasileiras.
Mandinga	Bruxaria, ardil, mau-olhado.
Quilombo	Povoação de escravos fugidos.
Titica	Fezes, coisa sem valor, excremento de aves.

Fonte: A autora.

## CULINÁRIA: CONTRIBUIÇÕES AFRICANAS NAS DIFERENTES REGIÕES BRASILEIRAS

Encontramos na culinária brasileira influências das culturas europeias, indígenas e africanas. Do índio, por exemplo, herdamos o hábito de comer mandioca, peixes e carne de caça. Com a chegada do europeu veio o pão, o queijo, os doces e os vinhos. Esses produtos foram sendo incorporados aos poucos à nossa alimentação, bem como a culinária africana, com a banana, a palmeira que produz o dendê e os temperos.

Durante a viagem do negro ao Brasil e no início de sua escravização, segundo Leal,

*Esses produtos foram sendo incorporados aos poucos à nossa alimentação, bem como a culinária africana, com a banana, a palmeira que produz o dendê e os temperos.*

Os negros não eram independentes para determinar o que comeriam. Da viagem da África até o Brasil, sua alimentação provinha do milho fresco ou assado, aipim, feijão, farinha de mandioca ou de milho, e às vezes, peixe salgado. Do milho, aprenderam a fazer o angu, preparado com água e fubá. As palavras angu e fubá foram introduzidas em nosso vocabulário pelos africanos (LEAL, apud SCHERER e ISAIA, 2003, p.5)

A culinária tradicional africana tem muitos pratos que são conhecidos como “comidas de santo”. Esses pratos eram utilizados para serem oferecidos às divindades religiosas cultuadas pelos negros e mais tarde se tornaram pratos típicos que representam a culinária brasileira. Como exemplos, podemos citar o acarajé, mungunzá, quibebe, farofa, vatapá, o cuscuz, angu, pamponha, feijoada, entre outros.

As escravas africanas cozinhavam nas cozinhas dos senhores de engenho. Adaptaram a sua culinária à culinária brasileira. Novos temperos, novas formas de preparo foram sendo incorporadas. As receitas africanas eram adaptadas com ingredientes brasileiros.

Podemos dizer que a religião africana colaborou para que a culinária se difundisse no Brasil. Os praticantes do candomblé acreditavam que deveriam servir a comida como oferenda para os santos. Como as religiões africanas se espalharam pelo Brasil, consequentemente a culinária também. Dessa forma, na sequência serão apresentados alguns exemplos de que tipo de comida era ofertado aos deuses.

Tabela 1 – Culinária para ser ofertada aos deuses

DEUS	CARACTERÍSTICA	ALIMENTO OFERECIDO
Exu	Está associado à comunicação e à sexualidade.	Farofa de azeite de dendê temperada com cebola, camarão e pimenta.
Ogum	Está associado ao progresso, ao avanço e à tecnologia.	Come inhame assado regado com azeite de dendê e feijoada.
Oxossi	Conhece o segredo de todas as folhas. Associado às matas, à caça e à pesca.	Milho cozido enfeitado com coco e frutas.
Omolu	Deus das doenças e das epidemias.	Pipoca.
Oxum	Deusa sensual do amor e da fecundidade.	Feijão fradinho cozido, camarão, ovos cozidos, inhame, azeite de dendê.
Iansã	Deusa dos ventos, das tempestades.	Acajá, abará.
Iemanjá	Mãe de todos.	Manjar, açaí (bolinho feito de canjica branca).

Fonte: A autora.

Muitos produtos também foram trazidos da África para o Brasil pelos senhores de escravos, como o quiabo, inhame, erva-doce, gengibre, açafrão, gergelim, amendoim africano, melancia e coco. Os mais conhecidos, como a banana e o azeite de dendê, são hoje como produtos tipicamente brasileiros.

A banana foi utilizada em larga escala no século XVI, aparecendo em plantações aqui no Brasil, cercando casas, ocas indígenas e também em grandes plantações.

O azeite de dendê, também uma importante contribuição, embora seja encontrado mais na região da Bahia, é conhecido em todo o Brasil. O dendezeiro é uma palmeira de origem africana, utilizado para fazer pratos como o caruru, o vatapá e o acarajé.

O azeite de dendê, também uma importante contribuição, embora seja encontrado mais na região da Bahia, é conhecido em todo o Brasil. O dendezeiro é uma palmeira de origem africana, utilizado para fazer pratos como o caruru, o vatapá e o acarajé.

As primeiras plantações dessas palmeiras apareceram no Brasil ao redor da cidade de Salvador, que concentrava o maior centro demográfico de presença africana da época.

O uso do dendê era transmitido pelos escravos e as negras que serviam nas residências dos brancos. Eles impunham o azeite de dendê como a cozinheira portuguesa impunha o uso do azeite de oliva. Quando o Rio de Janeiro se tornou capital do Brasil (1763) e a população aumentou, exigindo maior número de escravos para os serviços domésticos e plantio de açúcar, algodão e café nas regiões vizinhas, o azeite de dendê acompanhou o negro, seja nas frituras de peixe, ensopados, escabeches ou refogados. (<http://projetoculturaafro.blogspot.com.br/2008/10/contribuio-dos-africanos.html>).

Foi na Bahia que a culinária africana deixou sua maior influência. Obviamente que o restante do Brasil também foi influenciado por essa cultura culinária, mas não com tanta força quanto nesse local. Nas regiões de Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo, por exemplo, essa cultura não conseguiu se impor com tanta força.

Os negros africanos escravizados aqui no Brasil eram obrigados a cozinhar com o que sobrava da casa-grande. Restos de carne e todos os tipos de sobras iam para senzala. Incorporavam a esses “restos” temperos e os modos de fazer africanos.

Entre os temperos está a pimenta. Trazida pelos africanos, a pimenta malagueta era e é utilizada na culinária brasileira.

## ALGUNS PRATOS QUE SOFRERAM INFLUÊNCIA AFRICANA

A intenção aqui não é procurar origens históricas para os pratos que receberam essa influência, até porque historicamente seria impossível. A hibridização da cultura impossibilita sabermos com certeza a origem de cada alimento. Isso não deve ser visto de forma negativa, uma vez que o estudo dos processos, das transformações são mais importantes e ricos do que a própria origem das “coisas”.

Estudiosos se debruçam sobre o tema, concordam em determinadas questões e são controversos em outras. A feijoada é um exemplo. Para alguns autores, é tipicamente brasileira, oriunda das senzalas. Para outros, a feijoada já era feita na África e foi trazida para o Brasil. Alguns estudos ainda apontam alguma origem europeia.

*Para outros, a feijoada já era feita na África e foi trazida para o Brasil. Alguns estudos ainda apontam alguma origem europeia.*

O que acontece é que alguns pratos foram “nacionalizados”, uma tentativa de se construir uma identidade nacional, como já observamos quando estudamos a influência na música e na dança. O acarajé, por exemplo,

foi considerado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN patrimônio cultural imaterial do Brasil.

Embora saibamos dessas controvérsias, e é importante que tenhamos isso claro, vamos conhecer alguns desses pratos que foram “nacionalizados” e hoje incorporados à cultura brasileira. Alguns estudiosos justificam essa procura por origens e “nacionalização”, como Scherer e Isaia (2003):

A busca de raízes culturais através do prazer gastronômico é uma das motivações que levam os turistas a se deslocarem para determinadas regiões. Inúmeras cidades aproveitam-se de suas raízes tradicionais e expressões culturais refletidas na culinária, oferecendo um produto diferenciado. Esse interesse do turismo pela gastronomia ajuda a resgatar antigas tradições que estão desaparecendo, devido ao acelerado processo de globalização, que afeta a cozinha tradicional. Para que isto não se perca, a preservação da memória, através da identidade, é importante na valorização de indivíduos ou grupos, reforçando, assim, sua autoestima.

### a) A feijoada

*A história da origem da feijoada é controversa e conhecida no Brasil. Tornou-se um dos pratos mais famosos e característicos da culinária brasileira. É feito com base em carne de porco, farofa e outras misturas.*

A história da origem da feijoada é controversa e conhecida no Brasil. Tornou-se um dos pratos mais famosos e característicos da culinária brasileira. É feito com base em carne de porco, farofa e outras misturas.

Uma das versões é que, na época da escravidão, os senhores de engenho, quando comiam a carne de porco, não apreciavam as partes consideradas menos nobres do porco, como as orelhas, rabo, pés. Esses “restos” da casa grande eram dados aos escravos da senzala.

A base da alimentação dos negros das senzalas era praticamente isenta de carne, portanto, aproveitavam essas sobras, misturavam com o feijão, temperavam com sal e diversas pimentas, tudo era preparado no mesmo recipiente.

### b) O Acarajé

O acarajé surge dos cultos do candomblé. Conta a história que o alimento, feito à base de bolinho de feijão, era uma oferenda a Iansã, deusa dos raios e dos ventos. Na África, o acarajé é chamado de àkàrà, que quer dizer bola de fogo.

O acarajé é um bolinho de tabuleiro considerado um alimento sagrado, embora seja vendido hoje em um contexto profano. Essa venda em bares e por pessoas que não praticam o candomblé é bastante criticada pelos praticantes do Candomblé, que ainda veem o alimento como sagrado.

Mesmo ao ser vendido num contexto profano, o acarajé ainda é considerado, pelas baianas, como uma comida sagrada. Para elas, o bolinho de feijão-fradinho frito no azeite de dendê não pode ser dissociado do candomblé. Por isso, a sua receita, embora não seja secreta, não pode ser modificada e deve ser preparada apenas pelos filhos-de-santo (CANTARINO, 2005, p. 21).

---

---

#### Atividade de Estudos:

- 1) Você pode realizar uma pesquisa sobre outras influências da culinária africana na cozinha brasileira. Anote os resultados abaixo.

---

---

---

---

---

---

---



#### Memorial da Baiana de Acarajé

Inauguração do espaço será nesta terça-feira, dia 9, em Salvador.

Será inaugurado em Salvador nesta terça-feira, dia 9, às 16h30, o Memorial da Baiana de Acarajé (Rua Belvedere da Sé, s/nº), na Praça da Cruz Caída. O local terá um conjunto de espaços expositivos e de documentação com a finalidade de situar a tradição, a história e demais temas agregados ao ofício, registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura (Iphan/MinC) como Patrimônio Cultural do Brasil, em 14 de janeiro de 2005, no Livro de Registro dos Saberes.



O memorial integra o Pontão de Cultura criado em 2008, por meio de convênio entre o Iphan e a Associação das Baianas de Acarajé, Mingaus e Receptivos (Abam) com a finalidade de fortalecer ações de salvaguarda do ofício. Essas ações visam apoiar sua continuidade de modo sustentável por meio de melhorias das condições sociais e materiais de transmissão e reprodução.

Localizado no centro histórico da capital baiana, o memorial é resultado de ações empreendidas por uma rede de parceiros constituída pelo Iphan, responsável pela articulação das ações de salvaguarda orientadas por sua Superintendência na Bahia e que envolvem ainda a Secretaria de Cultura do estado, na figura do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, a Prefeitura Municipal de Salvador e o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) do Iphan, responsável pela elaboração do projeto expográfico para o memorial.

A reformulação da área expositiva do memorial era antiga demanda da Abam, parceira na realização do inventário que embasou o registro do ofício como patrimônio cultural e em outros projetos de apoio ao artesanato associado à imagem e ao trabalho da baiana de acarajé, como os fios-de-contas, pano-da-costas e a roupa de baiana, desenvolvidos pelo CNFCP.

Discutido com o grupo desde 2007, o projeto foi concebido para integrar os diferentes espaços do memorial, cozinha, sala de oficinas, salas de exposição, centro de referência, numa perspectiva que potencialize a difusão dos conhecimentos e modos de fazer associados ao ofício da baiana.

Neste mesmo evento também ocorrerá o lançamento do volume 6 da Série Dossiê Iphan 6, *Ofício de Baianas do Acarajé*. Composto por textos e fotografias, este livro reúne toda a história e a riqueza dos elementos que constituem este ofício. Com a publicação deste material, o Iphan prossegue com o trabalho de ampla divulgação dos bens culturais registrados como patrimônio.

Fonte: Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2009/06/08/memorial-da-baiana-de-acaraje/>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

## TEXTO 2

### Baiana de Acarajé

Presidente da República sanciona lei instituindo data comemorativa no calendário nacional

A edição desta quarta-feira, 20 de janeiro, do Diário Oficial da União traz a sanção presidencial para quatro leis que criam novas datas comemorativas no calendário brasileiro. Dentre essas, o Dia Nacional da Baiana de Acarajé, a ser celebrado em 25 de novembro.

Desde 2004, a profissão daquelas que se dedicam a fazer e vender a tradicional iguaria nas ruas das cidades do estado da Bahia, em especial, foi regulamentada. Assim como, também, o ofício já foi registrado como bem cultural de natureza imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. [...]

O acarajé, que surgiu como oferenda nos terreiros de Candomblé, é atualmente vendido por cerca de cinco mil baianas na capital soteropolitana. No ano passado, elas foram homenageadas com a inauguração do Memorial da Baiana de Acarajé, em Salvador, que apresenta a tradição e a história do ofício.

Datas Comemorativas - Também foram publicadas leis que instituem três outras datas comemorativas: o Dia Nacional da Câmara Júnior, 11 de dezembro; o Dia Nacional da Comunidade Ucraniana, 24 de agosto; e o Dia Nacional do DeMolay, 18 de março. Além de um dia de celebração, as datas são uma oportunidade para refletir sobre os temas de homenagem.

Fonte: Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2010/01/20/datas-para-celebrar/>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

---

---

---

#### Atividade de Estudos:

1) Terminada a leitura dos dois textos:

a) A inauguração do Memorial da Baiana do Acarajé



- b) O dia nacional da baiana do acarajé, reconhecido por lei

Você deve pesquisar e escrever a importância dos dois eventos que aparecem nos textos como uma conquista de minorias.

---

---

---

---

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Caro pós graduando, neste capítulo procuramos apresentar quais as contribuições na área da linguagem e da culinária os africanos trouxeram e deixaram aqui no Brasil.

No que se refere a linguagem compreendemos como as várias línguas africanas se mesclaram com o português, assim como as particularidades da língua e da cultura.

Já sobre a culinária, entendemos que essa contribuição está presente em diferentes regiões do nosso país, e dentre as comidas do nosso dia a dia, podemos destacar: a feijoada, a cocada, o vatapá, o acarajé, a baba de moça e a bala de coco com algumas das mais conhecidas que foram trazidas a nossa mesa pela cultura africana.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. 2a edição. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Ed. da USP, 1983 (2 vols.).

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**. Um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001.

CANTARINO, C. **Baianas do acarajé:** uma história de resistência. Rev Patrim. 2005.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca.** 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PUZINNATO, Ana Paula e AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A presença de africanismos na língua portuguesa no Brasil.** Trabalho de conclusão de curso orientado pela doutora Aguilera. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/afroatitudeanas/volume-1-2006/Ana%20Paula%20Puzzinato.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

SILVA NETO, Serafim da Silva. **Capítulos da História da Língua Portuguesa no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova presença, 1986.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.

SCHERER, Jociléia e ISAIA, Lúcia. **A influência gastronômica africana no Brasil:** seu aproveitamento como produto turístico. 2003. Disponível em: <<http://www.clubessociaisnegros.com.br/wp-content/uploads/2011/04/SCHERER-Jocil%C3%A3o-2003.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.





# CAPÍTULO 4

## RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE AFRICANA

**A partir da perspectiva do saber fazer, neste capítulo você terá os seguintes objetivos de aprendizagem:**

- ✓ Valorizar alguns elementos da religião e da religiosidade africana.
- ✓ Compreender os elementos da religião e da religiosidade africana.
- ✓ Ampliar o conceito de cidadania.
- ✓ Discutir questões, tais como: preconceito, respeito, diversidade e inclusão.



## CONTEXTUALIZAÇÃO

Os indivíduos e os grupos sociais estabelecem relações culturais, constroem e mantêm vínculos. Essas relações se manifestam das mais diversas formas: na língua, no comportamento, na dança, na música e na religião.

Portanto, é importante pensarmos as instituições religiosas também como espaço de cultura onde se constroem relações, normas de comportamento, solidariedade e concepções de mundo.

Para os africanos que desembarcaram como escravos no Brasil, essas questões vão ainda além: a religião como forma também de resistência à dominação cultural. Logo que desembarcavam aqui, eram batizados na Igreja Católica e recebiam nomes cristãos como João, Maria, José...

Os senhores, donos de escravos, também tomavam o cuidado para que missas fossem rezadas em suas fazendas, para que as crianças que nasciam fossem batizadas, os casamentos fossem realizados na Igreja e a fé católica fosse propagada.

Os atos de imposição do catolicismo, em geral, não atenderam às expectativas dos senhores, uma vez que a conversão na maioria das vezes era superficial. Logo, os africanos encontraram uma maneira de continuar praticando suas crenças (re) inventando, (re) criando e sincretizando a sua religião com a católica, dando origem a novas religiões aqui no Brasil.

Vamos conhecê-las?

## RELIGIÕES AFRICANAS

Como já vimos em capítulos anteriores, nesse estudo, a cultura africana não é hegemônica, ela apresenta características diferentes em várias regiões da África. Pensar a religião africana de maneira homogênea seria incorrer em grave erro, uma vez que a cultura africana e a própria colonização do território tiveram características bem específicas.

No que tange à religião, existem duas áreas geográficas e culturais distintas na África. Essa divisão acontece em detrimento das diferentes culturas e características desse povo.

- **África do norte:** vai do Atlântico e Mediterrâneo até o Saara, contando com o Egito e a Etiópia. Como a colonização nessa região é proveniente de culturas dos povos árabes e cristãos, as religiões desses povos influenciaram ou se tornaram as religiões oficiais desses locais.
- **África centro-sul:** vai da República dos Camarões, Quênia até o extremo sul. Diferentemente do norte, o que predomina nessa região são as religiões africanas denominadas tradicionais, embora também existam influências do cristianismo, do islamismo e do hinduísmo.

## ESTUDOS SOBRE A RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA

Os primeiros estudos dessa religiosidade afro aparecem no pensamento evolucionista do século XIX, que apresenta o conceito de que uma cultura é superior à outra, portanto, a religião de um povo pode ser “superior” a de outro. Sabemos de antemão que essa perspectiva é incorreta, pois uma cultura é diferente da outra e não superior.

Nessa perspectiva, os povos africanos que chegavam ao Brasil eram convertidos ao cristianismo, tido como uma religião “superior” em detrimento da considerada “inferioridade” das religiões africanas, politeístas, que usavam o sacrifício de animais em seus cultos, denominadas de “atrasadas” ou “primitivas” pelo europeu.

Essa visão da religião cristã como superior vai perdurar por muito tempo, o próprio Vaticano, em pronunciamento em 1953, não havia superado a visão negativa que tinha desses cultos:

*Além do fetichismo dos nossos indígenas e daqueles povos provindos da Ásia e da Europa, nosso povo recebeu esta triste herança oriunda também da África, por intermédio dos antigos escravos negros. Hoje em dia, por uma insensata aberração e falta de espírito, cultiva-se até mesmo a macumba africana com um esnobe pretexto folclorístico. E se presta culto a uma tão bárbara superstição de magia negra justamente em centros que deveriam ser mais representativos da civilização brasileira, como Rio de Janeiro e Bahia. É uma ignomínia a prática de tais abusos entre cristãos... É triste constatar que a marcha do nosso progresso espiritual e cultural seja feita da senzala ao salão, e não do salão à senzala. A macumba é um dos maiores atentados contra a fé, contra a moral, contra os nossos direitos de educação, contra a higiene e contra a segurança. É a atestação alarmante da nossa ignorância religiosa e científica, e da insuficiência da proteção que a*

*polícia nos oferece* (Boletim Eclesiástico, julho de 1953).

Apesar de toda a discussão de inclusão e diversidade hoje existente, essas religiões ainda são vítimas de perseguição. Como exemplo podemos citar o que acontece com os terreiros de candomblé e umbanda no Distrito Federal. No ano de 2006, a praça dos orixás, local de cerimônias e festas dos seguidores do candomblé e da umbanda, que havia sido recém inaugurada, foi depredada.

---

Para saber mais sobre essa perseguição, acesse:  
<http://www.fac.unb.br/campusonline/cotidiano/item/2057-persegu%C3%A7%C3%A3o-a-religi%C3%B5es-afro-brasileiras-no-districto-federal>

---



### c) Principais características das religiões africanas

Trazidos como escravos para o Brasil, os africanos trouxeram também a sua tradição. Alguns grupos conseguiram manter seus rituais com mais rigor, enquanto outros reconstruíram a sua cultura com elementos da cultura indígena e portuguesa.

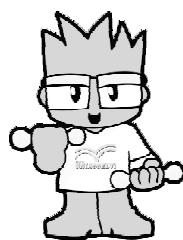
Os africanos, no Brasil, com medo das punições e perseguições, recriaram seus cultos aqui no Brasil. Algumas vezes se diziam católicos e se comportavam como tal, mas não deixavam de lado o seu culto de origem.

Portanto, além de praticar os rituais de seus ancestrais, os africanos aqui no Brasil também participavam dos ritos católicos, pois no Brasil do século XIX a religião oficial era a católica, não sendo tolerada nenhuma outra forma de expressão, como aponta o estudo de Reginaldo Prandi (2003, p.16):

Antes de mais nada é preciso observar que, no caso das religiões afro-brasileiras, o censo oferece sempre cifras subestimadas de seus seguidores. Isso se deve às circunstâncias históricas nas quais essas religiões se constituíram no Brasil e ao seu caráter sincrético daí decorrente. As religiões afro-brasileiras mais antigas foram formadas no século XIX, quando o catolicismo era a única religião tolerada no País e a fonte básica de legitimidade social. Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável antes de mais nada ser católico. Por isso, os negros que recriaram no Brasil as religiões africanas dos orixás, voduns e inquices se

diziam católicos e se comportavam como tais. Além dos rituais de seu ancestrais, frequentavam também os ritos católicos. Continuaram sendo e se dizendo católicos, mesmo com o advento da República, quando o catolicismo perdeu a condição de religião oficial.

Esse estudo nos mostra que o censo realizado para sabermos o número de praticantes dessas religiões muitas vezes não condiz com a realidade, pois muitos praticantes, ainda hoje, se dizem católicos ou espíritas.



### Atividades de Estudos:

- 1) Quais são as duas principais divisões no território africano em relação à questão religiosa?

---

---

---

---

- 2) Por que ainda hoje, alguns praticantes das religiões afro-brasileiras se dizem católicos ou espíritas? Por que esse dado deturpa a realidade?

---

---

---

---

A religião africana no contexto da escravidão não era apenas uma questão de fé, mas era também um motivo, uma “desculpa” para o encontro desses grupos, promovendo a interação dos mesmos. “As religiões afro-americanas foram ponto de agrupamento, elemento de organização e fontes de proteção e orientação do africano na diáspora, na luta contra o sistema escravista e os sistemas subsequentes” (NEVES, 1986, p.172).

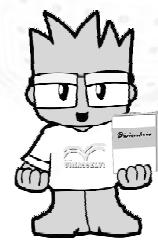
Para as religiões tradicionais africanas, dois aspectos (o visível e o invisível) da realidade são importantes. O aspecto físico e material, visível, e o espiritual, invisível. Para essa cultura, esses dois aspectos fundem-se. Portanto, é possível acreditar em espíritos nas pedras, nas árvores, no sol, na lua. Por esse motivo, a religião africana também é chamada de **animista**.

## Religiões animistas

Conceito introduzido em 1871 pelo antropólogo inglês Sir Edward B. Tylor, no estudo do fenômeno religioso, na obra *Primitive Culture*. Significa, segundo esse autor, uma manifestação religiosa a todos os elementos do cosmos (sol, lua, estrelas), elementos da natureza (rio, oceano, montanha) e fenômenos naturais (chuva, vento). Está ligado à energia, ao espírito e à alma. Para resumir um culto animista:

- “Todas as coisas são vivas”.
- “Todas as coisas são conscientes”.
- “Todas as coisas tem anima” (energia, espírito e alma)

Fonte: Disponível em: <<http://copa2010ieees.wikispaces.com/Religiao+de+Camaroes>>. Acesso em: 10 nov. 2012.



A harmonia com o universo e a ligação com o sobrenatural é de importância fundamental nas religiões africanas. A maior parte das decisões centrais da vida são tomadas depois que os ancestrais são consultados nos rituais africanos. Os praticantes da religião devem se comportar conforme as leis morais vigentes. A religião estava ligada à vida cotidiana, òrun (mundo sobrenatural); aiyé (mundo natural); iyé (vida) e ikéi (morte). As religiões são centrais na vida desses povos.

A religião tradicional africana é formada por ritos que estão presentes em momentos importantes da vida: nascimento, adolescência, matrimônio, morte, bem como em rituais de iniciação, purificação, comemoração e ação de graças.

Os ritos de passagem, marcam mudanças que acontecem ao longo da vida de uma pessoa. Esses, de caráter religioso, são essenciais para que uma pessoa seja inserida no grupo. Exemplos: no judaísmo - a circuncisão; no cristianismo – o batismo, a crisma; nas religiões africanas – a iniciação ou a feitura de santos.

Foi o antropólogo alemão Arnold Van Gennep quem popularizou o tema: ritos de passagem. Esse tema foi também utilizado por antropólogos e escritores europeus para definir rituais e cerimônias existentes em todas as culturas: antigas ou modernas; rurais ou urbanas.

Esses ritos também são inseridos nas religiões afro-brasileiras. Os mais comuns deles são o Culto de Ifá e Culto de Egungun.



### Candomblé de Egun

Os negros iorubanos originários da Nigéria trouxeram para o Brasil o culto dos seus ancestrais chamados Eguns ou Egunguns. Em Itaparica (BA), duas sociedades perpetuam essa tradição religiosa.

Os cultos de origem africana chegaram ao Brasil juntamente com os escravos. Os iorubanos - um dos grupos étnicos da Nigéria, resultado de vários agrupamentos tribais, tais como Ketu, Oyó, Ijexá, Ifan e Ifé, de forte tradição, principalmente religiosa - nos enriqueceram com o culto de divindades denominadas genericamente de orixás (1 - Por motivos gráficos e para facilitar a leitura, os termos em língua yorubá foram aportuguesados. Ex.: orisá = orixá.).

Esses negros iorubanos não apenas adoram e cultuam suas divindades, mas também seus ancestrais, principalmente os masculinos. A morte não é o ponto final da vida para o iorubano, pois ele acredita na reencarnação (àtúnwa), ou seja, a pessoa renasce no mesmo seio familiar ao qual pertencia; ela revive em um dos seus descendentes. A reencarnação acontece para ambos os sexos, é um fato terrível e angustiante para eles não reencarnar.

Os mortos do sexo feminino recebem o nome de Iami Agbá (minha mãe anciã), mas não são cultuados individualmente. Sua energia como ancestral é aglutinada de forma coletiva e representada por Iami Oxorongá, chamada também de Iá Nlá, a grande mãe. Esta imensa massa energética que representa o poder de ancestralidade coletiva feminina é cultuada pelas “Sociedades Geledê”, compostas exclusivamente por mulheres, e somente elas detêm e manipulam este perigoso poder. O medo da ira de Iami nas comunidades é tão grande que, nos festivais anuais na Nigéria em louvor ao poder feminino ancestral, os homens se vestem de mulher e usam máscaras com características femininas, dançam para acalmar a ira e manter, entre outras coisas, a harmonia entre o poder masculino e o feminino (veja a lenda sobre Odu).

Além da Sociedade Geledê, existe também na Nigéria a Sociedade Oro. Este é o nome dado ao culto coletivo dos mortos

masculinos quando não individualizados. Oro é uma divindade tal qual Iami Oxorongá, sendo considerado o representante geral dos antepassados masculinos e cultuado somente por homens. Tanto Iami quanto Oro são manifestações de culto aos mortos. São invisíveis e representam a coletividade, mas o poder de Iami é maior e, portanto, mais controlado, inclusive, pela Sociedade Oro.

Outra forma, e mais importante, de culto aos ancestrais masculinos é elaborada pelas “Sociedades Egungum”. Estas têm como finalidade celebrar ritos a homens que foram figuras destacadas em suas sociedades ou comunidades quando vivos, para que eles continuem presentes entre seus descendentes de forma privilegiada, mantendo na morte a sua individualidade. Esse mortos surgem de forma visível, mas camouflada, a verdadeira resposta religiosa da vida pós-morte, denominada Egum ou Egungum. Somente os mortos do sexo masculino fazem aparições, pois só os homens possuem ou mantêm a individualidade; às mulheres é negado este privilégio, assim como o de participar diretamente do culto.

Esses Eguns são cultuados de forma adequada e específica por sua sociedade, em locais e templos com sacerdotes diferentes dos dos orixás. Embora todos os sistemas de sociedade que conhecemos sejam diferentes, o conjunto forma uma só religião: a iorubana.

No Brasil existem duas dessas sociedades de Egungum, cujo tronco comum remonta ao tempo da escravatura: Ilê Agboulá, a mais antiga, em Ponta de Areia, e uma mais recente e ramificação da primeira, o Ilê Oyá, ambas em Itaparica, Bahia (veja quadro histórico).

O Egum é a morte que volta à terra em forma espiritual e visível aos olhos dos vivos. Ele “nasce” através de ritos que sua comunidade elabora e pelas mãos dos Ojé (sacerdotes) munidos de um instrumento invocatório, um bastão chamado ixã, que, quando tocado na terra por três vezes e acompanhado de palavras e gestos rituais, faz com que a “morte se torne vida”, e o Egungum ancestral individualizado está de novo “vivo”.

Fonte: Disponível em: <[http://www.candomble.i8.com/candomble\\_de\\_egun.htm](http://www.candomble.i8.com/candomble_de_egun.htm)>. Acesso em: 15 nov. 2012.

Outra questão importante dessas religiões é a sua relação com o tempo, bem diferente da nossa noção ocidental de tempo linear, do tempo do relógio. Para os praticantes dessas religiões místicas, o tempo é circular e acredita-se que a vida é uma repetição do que aconteceu no passado. Até hoje as religiões afro-brasileiras possuem uma visão de tempo bem diferente da nossa. Nos terreiros, o uso do relógio é descartado.

Pesquisadores que estão se iniciando em trabalho de campo se espantam muito com a ‘falta de horário’ das mães e pais de santo, tendo que esperar horas e horas, se não dias, para fazer uma entrevista que pensavam estar agendada para um horário bem determinado. Clientes que vão ao terreiro para o jogo de búzios ou outros serviços mágicos também podem se sentir incomodados pela forma como o povo-de-santo usufrui do tempo (PRANDI, 2005, p.25).

Outra característica importante das matrizes de religiões africanas aqui no Brasil é a capacidade de dialogar e respeitar as religiões dos outros. Exemplo disso são os vários santos e santas católicas que são cultuados e fazem parte das devoções dos iniciados no candomblé. Outro exemplo são as entidades dos povos indígenas que os africanos incorporaram, dando-lhes o nome de caboclo.



### Atividades de Estudos:

- 1) Qual a origem do termo “Rito de Passagem”?

---

---

---

---

- 2) Cite alguns ritos de passagem da religião que você é praticante, já que vimos nesse estudo que todas as religiões possuem ritos.

---

---

---

---

- 3) Para os povos africanos a religião está ligada à vida cotidiana. Cite esses elementos cotidianos.

---

Embora existam diferenças nos cultos das religiões tradicionais africanas, podemos verificar pontos comuns na sua prática:

- **Potências espirituais:** são os deuses como os orixás dos iorubas que se ocupam com as coisas mundanas.
- **Demiурgo (artífice):** é identificado muitas vezes como um antepassado mítico, fundador do povo.
- **Ritos de iniciação:** os ritos de iniciação estão presentes em todas as religiões e a africana dá especial importância.
- **Danças:** dão expressão às atividades do grupo, ritmo e dinamismo aos cultos.
- **Curandeiros:** pessoas que cuidam da saúde do povo com incisões, aplicações de ervas.
- **Culto:** normalmente, os africanos não possuem imagens e nem templos. Os sacrifícios de animais são recorrentes (porcos, cães, cabritos e aves) e não são oferecidos a deus, mas sim aos orixás, que são espíritos intermediários. Para os africanos, o sangue é a comunicação dos vivos com os orixás.
- **Moral:** a moral africana está diretamente ligada à religião. Todas as ações que põem em risco a convivência do grupo são punidas pela autoridade da tribo ou reparadas por ritos religiosos.
- **Oralidade:** os conhecimentos dessas religiões são passados ao iniciante de forma oral e gradual. Todo o ritual é ensinado enquanto o iniciado participa do culto. As religiões africanas não se baseiam em livros sagrados, como a Bíblia, o Torá e o Alcorão.
- **Orixás, voduns ou inquices:** são os orientadores de toda a ação humana em sua vida terrena. São heróis divinizados que fundaram linhagens e reinos e que os organizaram política e socialmente. A dança e a música são fundamentais para que o iniciado entre em transe e as entidades espirituais se manifestem. Para os povos de origem ioruba, essas entidades recebem o nome de Orixás, no Jeje correspondem aos voduns e nos terreiros de Angola são conhecidos como inquices. Dos milhares de orixás existentes nas religiões

africanas, apenas alguns são cultuados no Brasil e poucos são conhecidos. Dos conhecidos popularmente podemos citar Iemanjá. A este orixá são feitas oferendas na passagem do ano novo.



### Atividade de Estudos:

- 1) Como podemos explicar as diferenças e as similaridades presentes nas diversas religiões africanas?

---

---

---

---

---

## SINCRETISMO RELIGIOSO

Quando os africanos chegaram ao Brasil, a matriz de pensamento predominante era a do cristianismo, como já pudemos observar. Portanto, os ritos de matriz africana foram duramente perseguidos no país até meados do século XX.

A primeira perseguição foi feita pela Igreja Católica através da Inquisição nos séculos XV e XVI. Logo após, o próprio Estado proibiu as manifestações religiosas de cultura afro, principalmente o culto aos orixás.

Obviamente que essas proibições não davam conta de acabar com a crença religiosa dos africanos e esses foram buscando maneiras de “burlar” a fiscalização, como por exemplo, associar um orixá a um santo católico, dando origem ao sincretismo religioso.

Vários historiadores, antropólogos, sociólogos se debruçam sobre o tema do sincretismo religioso e alguns, inclusive, o veem de forma negativa, como “aculturação”.

Vários historiadores, antropólogos, sociólogos se debruçam sobre o tema do sincretismo religioso e alguns, inclusive, o veem de forma negativa, como “aculturação”. Já Sérgio Ferreti (2006) vê no sincretismo religioso adotado pelo negro uma “estratégia de sabedoria”:

Essa disponibilidade para mesclar culturas era um imperativo de sobrevivência, exercício de sabedoria também refletida na habilidade demonstrada pelos quilombolas de compor alianças sociais, as quais inevitavelmente se traduziam em transformações e interpenetrações culturais. É óbvio que escravos e quilombolas foram forçados a mudar coisas que não mudariam se não submetidos à pressão escravocrata e colonial, mas foi deles a direção de muitas dessas mudanças, pois não permitiram transformar-se naquilo que o senhor desejava. Nisso, aliás, reside a força e a beleza da cultura que escravos e quilombolas legaram à posteridade (REIS *apud* FERRETTI, 2006, p.124).

Maldonado, na mesma perspectiva que Ferreti, percebe o sincretismo religioso de maneira positiva: para ele, a sincretização é a releitura dos significantes originários, enriquecendo-os de outros novos, para que o significado primeiro não seja perdido.

Hoje o sincretismo não se faz mais necessário, devido à liberdade de culto, mas algumas crenças africanas, como a Umbanda, mantêm essa tradição, pois as práticas de rituais umbandistas são justamente baseadas na mistura da cultura indígena, africana e elementos do cristianismo. As próprias Irmandades existentes dão conta de propiciar um espaço adequado para que se mantenha esse sincretismo.

Um exemplo desse conceito de sincretismo são: Irmandade Ordem Terceira de Nossa Senhora do Rosário dos homens de cor do pelourinho; Irmandade Bom Jesus dos Necessitados e da Redenção dos homens negros e Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.

Podemos observar que o sincretismo vai além da aproximação entre orixás e santos, os próprios membros das religiões afros participavam dos ritos e da vida na Igreja Católica. Várias festas católicas são reinterpretadas pelos praticantes das religiões afro-brasileiras: no dia de São Bartolomeu, Exu é festejado; no dia de São Jorge, Ogum; no dia de Santa Bárbara, Iansã, para citar alguns.

Hoje o sincretismo não se faz mais necessário, devido à liberdade de culto, mas algumas crenças africanas, como a Umbanda, mantêm essa tradição, pois as práticas de rituais umbandistas são justamente baseadas na mistura da cultura indígena, africana e elementos do cristianismo.

### As Irmandades

As irmandades são instituições religiosas compostas por leigos que tinham como objetivo ajudar os seus membros e a comunidade. As irmandades obedeciam a regras sancionadas pela Igreja e tinham as suas contas verificadas anualmente por um dignitário religioso.



Estas instituições, que existiam na Europa desde a Idade Média, aparecem no Brasil a partir do século XVIII, em especial na região de Minas Gerais. A corrida ao ouro levara inúmeros aventureiros em busca de fortuna, mas o estabelecimento das populações não foi acompanhado pela construção de igrejas ou conventos que pudessem dar assistência religiosa às populações. As irmandades e confrarias religiosas surgiram para colmatar esta falha e são um fenômeno tipicamente urbano. Em 1711, existiam já dez irmandades em Minas Gerais.

As diversas irmandades eram compostas por membros muito heterogêneos, já que qualquer pessoa podia ser membro de uma dessas associações, homens livres ou escravos, ricos ou pobres, homens ou mulheres de todas as raças. Para se ser membro, tinha que se ter uma conduta moralmente aceita, cumprir os seus deveres para com a Igreja e contribuir financeiramente com a irmandade.

Fonte: Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$irmandades-religiosas-no-brasil](http://www.infopedia.pt/$irmandades-religiosas-no-brasil)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

---

---

As religiões de matriz africana no Brasil são adaptações, interações e reinvenções das religiões oriundas da África. Essas religiões se organizam em comunidades-terreiros no espaço físico e ao mesmo tempo representam uma memória viva da cultura africana.

Vários foram os movimentos em que os africanos lutaram contra o sistema opressor, uma forma de resistência à escravidão. O projeto de escravização era muito bem arquitetado pelo sistema: a fragmentação dos grupos e o enfraquecimento de qualquer movimento de resistência.

As religiões de matrizes africanas de certa forma colaboraram para a união de grupos que compactuavam de ideologias comuns.

*As religiões de matrizes africanas de certa forma colaboraram para a união de grupos que compactuavam de ideologias comuns.*

**Atividades de Estudos:**

- 1) Para a religião africana “sobreviver” no Brasil, seus praticantes precisaram adotar algumas medidas, entre elas está o sincretismo religioso. O que significa sincretismo religioso?

---



---



---



---



- 2) Pesquise em livros e na *internet* alguns santos da igreja católica que foram “adotados” pelos praticantes das religiões afro aqui no Brasil e o que eles significavam. Depois, anote abaixo os resultados da sua pesquisa.

---



---



---



---

## ALGUMAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS No BRASIL De ORIGEM AFRICANA

Nesta seção iremos apresentar algumas manifestações religiosas de origem africana que estão incorporadas no Brasil. Dentre elas, iremos nos aprofundar no: candomblé, batuque e umbanda.

### a) Candomblé

A origem do Candomblé é africana, da cidade de Ifé (sudoeste da atual Nigéria). Foram os negros iorubas que trouxeram esse culto para o Brasil. Os principais deuses (orixás) do candomblé são: Obalúaye Òsúmàré, Nàná Buruku, Sàngó, Oya, Oba, Essú, Ògun, Osossì, Osanyin, Ewa, Osun, Yemanjá, Logun Ede, Oságuian e Osàlufan. Dentro do candomblé a autoridade máxima

é o pai ou a mãe de santo. Os pais e mães de santos são escolhidos pelos próprios orixás, segundo a crença. Fatos precisam acontecer na vida das pessoas, que devem ser pessoas “iluminadas”, para que elas se tornem pai ou mãe de santo.

*Os pais de santo são donos de uma roça, local onde os orixás são cultuados e onde estão plantados todos os axés (energia que emana dos orixás, que precisa ser renovada e acumulada).*

Normalmente, os pais de santo são donos de uma roça, local onde os orixás são cultuados e onde estão plantados todos os axés (energia que emana dos orixás, que precisa ser renovada e acumulada). No barracão são realizadas grandes oferendas aos deuses. Esses barracões são de construções rústicas retangulares e seu telhado é coberto de palmas, com casinholas construídas ao redor para assentar os santos.

Na roça, onde acontecem os cultos e as oferendas, a divisão de tarefas é hierárquica:

- **Pais de santo:** autoridade máxima dentro do culto.
- **Pais pequenos:** normalmente é filho ou filha da casa.
- **Ekedes:** são mulheres escolhidas pelos orixás para cuidá-los.
- **Ogans:** responsáveis por tocar atabaque e a ajudar o Babalorixá.
- **Ya Bace:** responsável por tomar conta da cozinha e todas as comidas oferecidas aos santos.
- **Ya Efun:** dona do efun (pemba), encarregada de pintar os Yaôs, que são iniciantes recolhidos para fazerem o Orixá.
- **Filhos de Santo:** pessoas que rasparam a cabeça (conhecidos como “raspe o santo”) a um santo a pedido do mesmo.

Durante o culto, vez ou outra o Santo ou o Orixá incorpora em algumas pessoas, mas não é necessária essa incorporação para que uma pessoa “raspe o santo”. Para saber se é necessário fazer o ritual, é preciso consultar o jogo de búzios, jogados pelos pais ou mães de santo.

Os deuses no candomblé possuem sentimentos humanos como ciúme, vaidade e, no culto, para cada orixá há um tipo de toque, de canto, um ritmo, uma dança, uma oferenda, um local próprio e uma saudação diferente.

As cerimônias são realizadas com cânticos na percussão de atabaques. Há sacrifícios de animais e são feitos despachos. Nesses despachos são utilizados azeite de dendê, farofa, cachaça e outras coisas consideradas necessárias.

No Brasil existem várias ramificações do Candomblé. Queto, na Bahia; Xangô, em Pernambuco; Batuque, no Rio Grande do Sul; Angola, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na maioria das vezes, os cultos de cada candomblé se diferenciam na maneira de tocar o atabaque, na língua em que o culto é conduzido e no nome dos orixás.

Como em todas as religiões, no candomblé, o mito de origem também existe. Como o mito da criação do Reino de Ifé.

*No Brasil existem várias ramificações do Candomblé. Queto, na Bahia; Xangô, em Pernambuco; Batuque, no Rio Grande do Sul; Angola, em São Paulo e no Rio de Janeiro.*

### Criação do Reino de Ifé



O grande Deus Olodumaré enviou Osalufã (orixá) para que criasse o mundo. A ele foi confiado um saco de areia, uma galinha com 5 dedos e um camaleão. A areia deveria ser jogada no oceano e a galinha posta em cima para que ciscasse e fizesse aparecer a terra. Por último, colocaria o camaleão para saber se estava firme.

Osalufã foi avisado para fazer uma oferenda ao Orixá Essú antes de sair para cumprir sua missão. Por ser um Orixá, Osalufã se achava acima de todos e sendo assim, negligenciou a oferenda. Essú, descontente, resolveu vingar-se de Osalufã, fazendo-o sentir muita sede. Não tendo alternativa Osalufã furou o tronco de uma palmeira. Um líquido refrescante dela escorreu, era o vinho de palma. Ele saciou sua sede, embriagou-se e acabou dormindo.

Olodumaré, vendo que Osalufã não cumpriu sua tarefa, enviou Odùdùwa para verificar o ocorrido. Ao retornar e avisar que Osalufã estava embriagado, Odùdùwa recebeu o direito de vir e criar o mundo. Após Odùdùwa cumprir sua tarefa, os outros deuses vêm se reunir a ele, descendo dos céus.

Apesar do erro cometido, uma nova chance foi dada a Osalufã: a honra de criar os homens. Entretanto, considerou os homens incorrigíveis, embriagou-se novamente e começou a fabricar anões e albinos.

Odùdùwa interveio novamente, anulou os monstros gerados Osalufã e criou os homens bonitos, sãos e vigorosos, que foram insuflados com vida por Olodumaré.

Essa situação provocou uma guerra entre Odùdùwa e Osalufã. O último foi derrotado e então Odùdùwa tornou-se o primeiro ONI (rei) de Ifé. Distribuiu seus filhos e os enviou para criar novos e vários reinos fora de Ifé.

Mais tarde, os Orixás retornaram a Orum, deixando na terra seus conhecimentos e como deveriam ser cultuados seus toques, comidas e costumes, para que fossem cultuados pelos seus descendentes. Então o ser humano começou a fazer pedido aos Orixás e para que cada pedido fosse atendido eles ofereciam comida em troca.

Ao contrário do que se pensa, nem todos os pedidos são atendidos, embora os Orixás sempre aceitem as oferendas. Quando um orixá recebe um pedido, ele o leva a Olodumaré e este decide se o pedido vai ou não ser atendido. Este julgamento vai ser baseado no merecimento da pessoa que faz o pedido.

O povo continua fazendo oferendas aos Orixás até hoje, pois os Orixás procuram sempre fazer o melhor para as pessoas.

O círculo dos deuses é constituído segundo o número 16, número sagrado no candomblé. Ele se encontra em toda parte: no número de búzios, no número de chamas da lâmpada dos sacrifícios, na numeração dos membros físicos e psíquicos, quer dizer, das forças e das partes que possui o homem na organização hierárquica.

Fonte: Disponível em: <<http://dofonodelogum.sites.uol.com.br/historia.html>>. Acesso em: 12 nov. 2012.



#### Atividades de Estudos:

- 1) Qual é a origem do Candomblé?

---

---

---



---



---

- 2) Nesse capítulo, vimos que a divisão de tarefas no candomblé é hierárquica. Cite e comente sobre essa hierarquia.

---



---



---



---



---

### b) Batuque

O batuque tem origem nos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, ligados às nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô. No Brasil é praticada principalmente no estado do Rio Grande do Sul se estendendo para o Uruguai e a Argentina.

*No Brasil é praticada principalmente no estado do Rio Grande do Sul se estendendo para o Uruguai e a Argentina.*

É no século XIX, entre os anos de 1883 e 1859, que o batuque se organiza no Rio Grande do Sul. A historiografia indica que os primeiros terreiros surgiram em Pelotas e Rio Grande. Em Porto Alegre, as notícias indicam a partir de 1850, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos.

Um dos principais representantes do batuque no Brasil foi Príncipe Custódio de Xapanã. O nome original da crença era Pará. O nome batuque foi atribuído pelos brancos.

Essa crença é baseada no culto aos deuses africanos como o Yorùbá, chamados de Orixás e ligados à natureza. Seus cultos acontecem nos terreiros onde estão guardados em parte toda a vestimenta para a realização do mesmo e onde são invocados os orixás.

*Seus cultos acontecem nos terreiros onde estão guardados em parte toda a vestimenta para a realização do mesmo e onde são invocados os orixás.*

Segundo o batuque, todos nascem sob a proteção de um orixá, que regula seu destino. Esse orixá exige uma certa dedicação, que pode ser realizada nos cultos, ou a pessoa pode se tornar um babalorixá ou ialarixá, cargo mais alto dentro de uma casa de santo.

### c) Umbanda

Para eles, esses Pretos-Velhos eram antigos escravos que eram incorporados e que davam conselhos e consolavam os novos escravos da sua condição.

Segundo umbandistas, essa religião foi criada pelo Médium Zélio Fernandino de Moraes em 1908, sob a influência do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Mas a historiografia aponta que antes dessa data já apareciam no Brasil, na época das senzalas, os negros escravos que costumavam incorporar espíritos e que hoje são conhecidos como Pretos-Velhos.

Para eles, esses Pretos-Velhos eram antigos escravos que eram incorporados e que davam conselhos e consolavam os novos escravos da sua condição.

Apesar de existirem essas manifestações antes de 1908, foi nessa data e através de Zélio que a Umbanda organizou-se como uma religião que continha rituais e regras bem definidas.

Como no período da criação da nova crença não havia liberdade religiosa no Brasil, todos os praticantes de rituais que apresentavam semelhanças com os cultos africanos eram perseguidos, seus locais de culto, como os terreiros, destruídos e alguns praticantes, presos.

Vários foram os episódios na história do Brasil que afirmaram essa intolerância religiosa, mas um merece destaque. O episódio ficou conhecido como “Quebra de Xangô”, aconteceu em 1912, em Maceió-Alagoas. Uma Liga dos Republicanos combatentes destruiu os mais importantes terreiros de Xangô existentes na capital alagoana. Pessoas que praticavam essa religião e seus líderes foram espancados.

Depois desse episódio, um longo caminho foi percorrido para que a Umbanda fosse livre de perseguição. Em 1939 foi fundada a Federação Espírita de Umbanda, em 1941 acontece o I Congresso Brasileiro de Espiritismo e Umbanda e somente em 1945 José Alves Pessoa, um dos líderes de uma casa de Umbanda, consegue que seja aprovado no Congresso Nacional a legalização da prática da Umbanda.

No culto da Umbanda deve-se usar o branco, cobranças não são permitidas.

No culto da Umbanda deve-se usar o branco, cobranças não são permitidas. O objetivo é evangelizar e sacrifícios humanos não são permitidos nos cultos. Nessa prática, as entidades espirituais são chamadas de “guias”, que representam as figuras como o caboclo, o preto-velho e a pomba-gira.

A umbanda é formada também pela influência de outras religiões: do

catolicismo, temos a identificação dos orixás com os santos católicos, que foram sincretizados pelos negros africanos; do espiritismo, a possibilidade de contato dos vivos com os mortos e a crença na evolução espiritual como a ideia de reencarnação, karma e progresso espiritual; dos ritos indígenas, as práticas mágicas e os elementos ligados à natureza.

De maneira geral, a Umbanda prega a paz e o respeito ao ser humano, a Deus e à natureza. Os umbandistas têm o hábito de respeitar todas as religiões e qualquer manifestação de fé.

*De maneira geral, a Umbanda prega a paz e o respeito ao ser humano, a Deus e à natureza. Os umbandistas têm o hábito de respeitar todas as religiões e qualquer manifestação de fé.*

Como as raízes da Umbanda são uma mistura de culturas, a religião tem um caráter pluralista e valoriza a diversidade e as diferenças. Os dogmas e as liturgias normalmente adotados em outras religiões não são adotados na Umbanda. Essa prática permite certa liberdade e manifestações de várias crenças e diversas formas de culto. O preceito da Umbanda é: “Dê de graça, o que de graça recebestes: com amor, humildade, caridade e fé”.

#### Atividades de Estudos:

- 1) Qual é a origem da Umbanda?

---



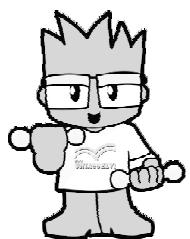
---



---



---



- 2) Por que a Umbanda é “recheada” de sincretismo religioso?

---



---



---



---

- 3) Qual episódio, marca de maneira significativa, a perseguição religiosa no Brasil em relação a Umbanda?

---



---



---



---

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste quarto capítulo estudamos a questão da religião e da religiosidade africana, e como os seus costumes influenciaram nas religiões conhecidas nos dias atuais. De forma geral exploramos mais sobre o candomblé, o batuque e a umbanda.

O candomblé surgiu no sudoeste da atual Nigéria, e os pais e mães de santos são escolhidos pelos próprios orixás, segundo a crença. As cerimônias são realizadas com cânticos na percussão de atabaques. Há sacrifícios de animais e são feitos despachos. Nesses despachos são utilizados azeite de dendê, farofa, cachaça e outras coisas consideradas necessárias.

Já no batuque aqui no Brasil é praticado principalmente no estado do Rio Grande do Sul, e se estende pelo Uruguai e a Argentina. Segundo o batuque, todos nascem sob a proteção de um orixá, que regula seu destino. Esse orixá exige uma certa dedicação, que pode ser realizada nos cultos, ou a pessoa pode se tornar um babalorixá ou ialorixá, cargo mais alto dentro de uma casa de santo.

E, por fim, o culto da Umbanda deve-se usar o branco, cobranças não são permitidas. O objetivo é evangelizar e sacrifícios humanos não são permitidos nos cultos. Nessa prática, as entidades espirituais são chamadas de “guias”, que representam as figuras como o caboclo, o preto-velho e a pomba-gira.

## REFERÊNCIAS

Card. MOTTA, **Combate ao Espiritismo**, em *Boletim Eclesiástico*, Arquidiocese de São Paulo (julho de 1953), p. 302. Apud R. ORTIZ, *A morte branca do feiticeiro negro*, p. 182.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural**. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jéferson (Org.). **Faces da tradição afro-brasileira**. Religiosidade, Sincretismo, Antisincretismo, Reafricanização, Práticas Terapêuticas, Etnobotânica e Comida. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas;Salvador: CEAO, 2006. p. 120.

MALDONADO L , **Introducción a la religiosidad popular**, Santander, Sal Terrae, 1985.

PRANDI, Reginaldo. **As religiões afro-brasileiras e seus seguidores**. Civitas. Revista de Ciências sociais, vol 3, n 1, 2003.

PRANDI, Reginaldo. **O Candomblé e o tempo**: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. RBCS, vol 16, n17, outubro de 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. Cia das letras, 2005.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Africano**. – 2<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Ática, 2007.





# CAPÍTULO 5

## ALGUMAS FORMAS DE RESISTÊNCIA

**A partir da perspectiva do saber fazer, neste capítulo você terá os seguintes objetivos de aprendizagem:**

- ✓ Estabelecer relações entre passado e presente, analisando as mudanças e permanências nas relações sociais entre africanos e brasileiros.
- ✓ Compreender como os movimentos de resistência criados pelos africanos no Brasil se organizavam.



## CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesse capítulo abordaremos algumas formas de resistência utilizadas pelos afro-descendentes aqui no Brasil. Uma delas, a capoeira, mostra como eles foram construindo e mantendo a sua cultura em um país distante de sua terra de origem.

Essas formas de resistências também apontam caminhos para que observemos que mesmo que uma ideologia dominante pretenda ser hegemônica, de fato, ela não o é. Pois sempre vão aparecer, outras vozes, outros discursos, outros personagens, que também escrevem a história, que também fazem parte da construção da cultura brasileira, mesmo que a contrapelo como dizia Benjamin.

Nessa perspectiva de escrita da história, mesmo que ainda sejam prenúncios, apresentamos nesse capítulo alguns escritores, jornalistas, poetas afro-descendentes, que fazem críticas em uma época em que o discurso dominante era o da relação de poder senhor-escravo, exercida pelo senhor e de um discurso de eugenia da população e da justificativa do negro como escravo.

Deixamos claro pós-graduando, que seus estudos devem ir além desse caderno, através de pesquisa, leitura e questionamentos.

Vamos embarcar nessa aventura?

## CAPOEIRA

No Brasil a história da capoeira começa no século XVI, com a mão de obra escrava africana trazida para o país pelos Portugueses.

Embora não se saiba exatamente onde surgiu a capoeira, acredita-se que provavelmente faça parte da cultura banto vindo dos escravos do Congo-Angola. Segundo Fraga e Albuquerque (2009, p. 110) “há muitas semelhanças entre formas de luta e dança dessa área cultural e a nossa capoeira”.

*No Brasil a história da capoeira começa no século XVI, com a mão de obra escrava africana trazida para o país pelos Portugueses.*

Chegando ao Brasil, os africanos sofriam repressões e violências dos senhores de escravos. Eram constantes os castigos, as humilhações que sofriam dos senhores de engenho.



### Atividades de Estudos:

- 1) Quais eram os objetivos da prática da capoeira no Brasil?

---

---

---

---

- 2) Onde surgiu a capoeira?

---

---

---

---

Não suportando tal situação muitos escravos fugiam das fazendas, quando não conseguiam chegar ao Quilombo eram capturados pelos capitães do mato de forma bastante violenta.

Os escravos fugiam, abandonavam as fazendas, engenhos e as casas dos senhores para estabelecerem no mato, criando a sua própria comunidade, os Quilombos, mantendo assim vivas as suas tradições culturais. Os senhores e as autoridades estavam sempre em guerra contra os Quilombos, mas nunca conseguiram extinguí-los completamente. A violência, mutilações e torturas contra o escravo não tinham limites. Dobrar o escravo às vontades e caprichos dos senhores e feitores tornava-os, algumas vezes, um assassino destes. (In: [http://www.brasilcapoeira.ch/sites\\_p/historia.htm](http://www.brasilcapoeira.ch/sites_p/historia.htm))



Sobre as comunidades quilombolas hoje no Brasil, seu direito a terra e sua organização ver: Programa Brasil Quilombola. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/.arquivos/pbq.pdf>

Os escravos eram proibidos de praticar sua cultura, qualquer tipo de luta ou dança. A capoeira, uma forma de luta de resistência do negro, passou a ser “mascarada” pela dança, principalmente no quilombos e nas senzalas e se transformou em um importante instrumento de resistência dos escravos brasileiros.

A capoeira era praticada em locais próximos às senzalas, e tinha como objetivo principal a manutenção da cultura, mostrar destreza e habilidade corporal para golpear os adversários nas tentativas de fugas ou em situações de conflitos.

A capoeira era praticada por escravos, libertos e homens nascidos livres que viviam às voltas com a polícia que os considerava desordeiros. Graças à forma como enfrentavam a polícia e manejavam a navalha, os capoeiristas passaram a ter fama de homens valentes, destemidos. (FRAGA e ALBUQUERQUE, 2009 p. 110).

Por conta desta fama, muitos capoeiristas no século XIX, acabaram sendo contratados como capangas de políticos, mesmo a capoeira não sendo bem vista pela sociedade e ser “caso de polícia”.

A prática da capoeira foi proibida no Brasil até os anos de 1930. Era vista até então como uma prática violenta e subversiva. Os capoeiristas eram denunciados e a polícia tinha permissão para prendê-los. Para se ter uma ideia, quem fosse pego praticando capoeira, poderia ser preso sob pena de dois a seis meses de prisão, previsto no código civil de 1890, como contravenção.

*Por conta desta fama, muitos capoeiristas no século XIX, acabaram sendo contratados como capangas de políticos, mesmo a capoeira não sendo bem vista pela sociedade e ser “caso de polícia”.*

Foi Getúlio Vargas, que após ver a luta apresentada pelo capoeirista, mestre Bimba (1900-1974), que a transformou em um esporte nacional brasileiro, incluindo a capoeira em 1933, como prática desportiva, sendo reconhecida como luta genuinamente brasileira.

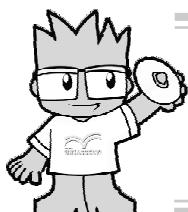
Mestre Bimba, na década de 1930, criou na Bahia a capoeira regional, incluindo golpes de lutas marciais orientais e acrobacias cínicas, sem extinguir as raízes africanas. A luta nessa época também representava uma prática desportiva e fundamental para a saúde.

### a) Três estilos da capoeira

A capoeira possui três estilos que se diferenciam nos movimentos e no ritmo musical de acompanhamento.

A capoeira possui três estilos que se diferenciam nos movimentos e no ritmo musical de acompanhamento.

- **Capoeira de angola:** O estilo mais antigo, criado na época da escravidão, é a capoeira angola. As principais características deste estilo são: ritmo musical lento, golpes jogados mais baixos (próximos ao solo) e muita malícia.
- **O estilo regional:** caracteriza-se pela mistura da malícia da capoeira angola com o jogo rápido de movimentos, ao som do berimbau. Os golpes são rápidos e secos, sendo que as acrobacias não são utilizadas.
- Já o terceiro tipo de **capoeira é o contemporâneo**, que une um pouco dos dois primeiros estilos. Este último estilo de capoeira é o mais praticado na atualidade.



Mestre Bimba, a capoeira iluminada (2002, documentário. Dir: Luís Fernando Goulart).



#### Atividades de Estudos:

- 1) Por que a capoeira durante muito tempo foi vista como subversiva?

---

---

---

---

- 2) Quais são os três estilos principais de capoeira?

---

---

---

---

- 3) Getúlio Vargas, “nacionalizou” a capoeira. Pesquise sobre essa afirmativa e faça suas anotações para posteriormente discutir essa nacionalização com seu professor tutor no *chat*.

---

---

---

---

- 4) Sabemos que a capoeira hoje, é praticada no mundo todo, por todo mundo e na sua cidade, existe algum grupo de capoeira? Qual? Que tal pesquisar?

---

---

---

---

## ESCRITORES AFRO-DESCENDENTES

Podemos citar inúmeros autores que se destacam na literatura afro-brasileira, em um breve resumo podemos listar:

**Século XVIII:** Domingos Caldas Barbosa; Basílio da Gama e Silva Alvarenga e mais os reunidos em Recife na Academia dos Homens Pardos.

**Século XIX:** Maria Firmino dos Reis; Castro Alves; Cruz e Souza; Francisco Otaviano; José do Patrocínio; Laurindo Rabelo; Luiz Gama; Machado de Assis; Natividade Saldanha e Tobias Barreto.

**Século XX:** Antônio Torres; Astério de Campos; Astolfo Marques; Auta de Souza; João do Rio; Lima Barreto; Mário de Andrade, Viriato Correia; Abdias Nascimento; Carlos de Assunção; Carolina Maria de Jesus; Dalcídio Jurandir; Domício Proença Filho; Joel Rufino dos Santos; Júlio Salomão da Silva; Milton Santos; Muniz Sodré; Osório de Castro; Raimundo Souza Dantas e Rosário Fusco.

Para esse estudo, destacaremos alguns desses autores:

### a) Maria Firmina dos Reis (1825-1917)

Importante destacar a contribuição dessa pioneira na literatura feminina afro-brasileira em um contexto de escravidão em que as chances de um negro freqüentar a escola eram remotas e para as mulheres negras ainda menos.

Importante destacar a contribuição dessa pioneira na literatura feminina afro-brasileira em um contexto de escravidão em que as chances de um negro freqüentar a escola eram remotas e para as mulheres negras ainda menos.

Nasceu no Maranhão em 1823, atuando como escritora, educadora e poeta. Prestou concurso para professora e entre os anos de 1847 e 1882 exerceu a profissão. Publicou o romance Úrsula em 1859, considerado o primeiro livro abolicionista escrito por uma mulher.

Ao publicar o livro, a autora usa o pseudônimo de “Uma Maranhense” estratégia utilizada por mulheres na época, por diversos motivos, entre eles o fato de terem mais liberdade para se expressar.

A temática do livro estava relacionada ao mundo escravista denunciando os problemas que escravos e libertos enfrentavam no Brasil. Um desses personagens é representado pela mãe Suzana, que conta sua história desde sua captura na África até sua vinda difícil dentro de um navio tumbeiro. Esse romance denuncia uma sociedade escravistas e os horrores que essa sociedade era capaz de cometer.

A obra da autora, desconstrói uma história literária etnocêntrica e masculina, mesmo em obras afro-descendentes.



#### Para saber mais:

(...)

O romance trata de uma trágica história de amor entre dois jovens: a pura e simples Úrsula e o nobre bacharel Tancredo, e, aparentemente, é uma clássica

história de amor impossível, como muitas de seu tempo. Porém, logo se nota, pelo tratamento dado aos personagens negros, às mulheres e à escravidão, que as preocupações presentes no romance são outras, pois, apesar de ter sido escrito num período de nacionalismo exacerbado, destoa da literatura produzida em sua época em muitos aspectos, já que não parece estar comprometido

com o projeto romântico que era fundar a idéia de nação, construindo através de suas narrativas um ser nacional.

(...)

A narrativa se articula a partir de um triângulo amoroso formado por Adelaide, Tancredo e seu pai. Esse triângulo é desfeito com a derrota de Tancredo. Cria-se, então, um segundo triângulo formado por Tancredo, Úrsula e seu tio. Mas há, também, uma tríade, formada por três personagens negros, que vão aparecendo ao longo da narrativa, cuja importância vai tomado proporções cada vez maiores: Túlio, Mãe Susana e Antero que, juntamente com o jovem Tancredo, dão o tom diferente à narrativa. Um leitor desavisado pode entender seus papéis como mero acessório para o drama dos demais personagens, porém, ao ler com o cuidado que o romance merece, percebe-se que o drama dos escravos vai tomado proporções cada vez maiores, a ponto de prender a atenção do leitor.

(...)

Todavia, o livro cresce na medida em que emergem os dramas dos escravos. A narrativa se inicia com o jovem Túlio – único cativo da decadente propriedade da mãe de Úrsula – salvando a vida de Tancredo num acidente. Não por acaso, o primeiro capítulo, destinado à apresentação do cenário e dos dois personagens, se intitula “Duas Almas Generosas” e logo sabe-se porquê. De imediato, destaca-se a humanidade condoída do sujeito afro-descendente, cujo perfil dramático e existencial vai além da mera força de trabalho ou do papel de porta-voz do ódio rancoroso dos quilombolas.

(...)

A composição do personagem já indica a perspectiva que orienta a representação do choque entre as etnias no texto de Maria Firmina dos Reis. A escravidão é “odiosa”, mas nem por isto endureceu a sensibilidade do jovem negro. Eis a chave para compreender a estratégia da autora de combate ao regime sem agredir em demasia as convicções dos leitores brancos. Túlio era vítima, não algoz. Sua revolta se fazia em silêncio, pois não tinha meios para confrontar o poder dos senhores. Não os sabotava nem os roubava, todavia, como os escravos presentes em *As Vítimas-algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo (1869). Seu comportamento pautava-se pelos

valores cristãos, apropriados pela autora a fim de melhor propagar seu ideário:

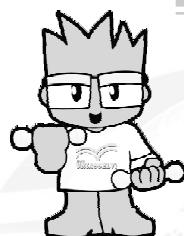
(...)

O negro não foi apenas colocado na trama em pé de igualdade frente ao rico cavaleiro. Mais que isto, ele foi a “base de comparação” para que o leitor aquilatasse o valor do jovem herói branco. Ou seja, no discurso do narrador onisciente, o negro é parâmetro de elevação moral. Tal fato se constitui em verdadeira inversão de valores numa sociedade escravocrata, cujas elites difundiam teorias “científicas” a respeito da inferioridade natural dos africanos. Assim fazendo, a voz que narra mostra-se desde o início comprometida com a dignificação do personagem, ao mesmo tempo em que expressa com todas as letras qual o território cultural e axiológico que reivindica para si: o da afro-descendência. Esse pertencimento se traduz ainda na simpatia que a autora devota a Túlio e aos demais personagens submetidos ao cativeiro.

(...)

O discurso anti-escravista perpassa praticamente toda a obra de Maria Firmina.

Fontes: Eduardo de Assis Duarte, Prof. de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da UFMG | Adriana Barbosa de Oliveira, Mestra no Programa de Estudos Literários – UFMG. Disponível em: <[http://www.passeiweb.com/na\\_ponta\\_lingua/livros/resumos\\_comentarios/u/ursula](http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/u/ursula)>. Acesso em: 10 nov. 2012.



### Atividade de Estudos:

- 1) Qual a importância de Maria Firmina dos Reis para a cultura afro-brasileira?

---

---

---

---

### b) Luís Gama (1830-1822)

Nasceu em Salvador e foi advogado, jornalista e escritor brasileiro. Foi transportado como escravo no patacho Saraiva até a cidade do Rio de Janeiro. Em 1840 foi vendido como escravo e trazido para São Paulo. Em 1847 aprendeu a ler e escrever com o estudante Antônio Rodrigues de Araújo, que havia se hospedado na fazenda onde Luís era escravo.

Em 1848 Luís Gama inscreveu-se nas milícias, dando baixa em 1854, na patente de cabo, por um ato considerado como insubordinação. Frequentou a faculdade de diretiro em 1850 e em 1856 retornou a Força Pública como funcionário da Secretaria de Repartição.

*Sua história é importante, pois dá indícios e ajuda a entender as formas de ascensão dos homens negros em pleno contexto da escravidão.*

Sua história é importante, pois dá indícios e ajuda a entender as formas de ascensão dos homens negros em pleno contexto da escravidão.

Torna-se jornalista nos anos de 1860, ligados ao círculo do Partido Liberal, colaborando com jornais de grande circulação e não somente em São Paulo: Diabo Coxo; Cabrião; Ipiranga; o Polichinelo.

Fundou ainda o Jornal Radical Paulistano com Rui Barbosa e participou da criação do Club Radical e da criação do Partido Republicano Paulista. Em 1880, foi líder da Mocidade Abolicionista e Republicana.

Por sua militância política, suas publicações de poemas, crônicas, sempre irônicos, por conta de seus textos de ferrenha militância abolicionista, tornou-se conhecido em todo país e considerado um “ícone negro”, líder da luta pela liberdade.

Um dos alvos da ironia de Gama era os que, tendo descendência africana, se faziam passar por brancos. Vejamos o que ele diz em um de seus poemas:

Se os nobres desta terra, empanturrados,  
Em Guiné têm parentes enterrados;  
E, cedendo a prosápia, ou duros vícios,  
esquecem os negrinhos seus patrícios;  
Se mulatos de cor esbranquiçada,  
Já se julgam de origem refinada,  
E, curvos, à mania que os domina,  
Desprezam a vovó que é preta-mina;  
Não te espantes, ó leitor da novidade,  
Pois que tudo no Brasil é raridade.

(Sortimentos de Gorras, Trovas burlescas de Getulino, apud Elcine Azevedeo, Oefeú de Carapinha, p.61. In: FRAGA e ALBUQUERQUE. Uma história da cultura afro-brasileira. São Paulo: Moderna, 2009. p. 85)

Luís Gama criticava quem negava suas origens africanas e ressaltava vários motivos para se orgulhar dela. Dentre eles o fato de que a mulher negra é bela.



### Atividade de Estudos:

- 1) Quais as principais críticas que Luís Gama fazia a sociedade da época?

---

---

---

---

---

### c) Machado de Assis (1839-1908)

Nasceu no Morro do Livramento, mulato em 21 de junho de 1839. Autor consagrado e conhecido da nossa literatura. Era filho de um pintor e de uma lavadeira. Quando ficou órfão, foi criado por sua madrasta que era cozinheira.

Fica conhecido pelas críticas que aparecem em suas obras da alma humana e das relações de poder que se estabeleciam em seu tempo, dando ênfase as relações senhores e escravos, nas quais os primeiros exerciam o poder..

Aprendeu francês e latim, foi tipógrafo e revisor de textos. Publicou em 1855, no jornal Mamota Fluminense, seus primeiros versos. Trabalhou também na Secretaria de Agricultura.

Fica conhecido pelas críticas que aparecem em suas obras da alma humana e das relações de poder que se estabeleciam em seu tempo, dando ênfase as relações senhores e escravos, nas quais os primeiros exerciam o poder.

Na maioria de seus textos, os personagens representavam a vida real: proprietários de escravos que estavam empenhados em serem obedecidos pelos seus escravos, empregados que ofertavam favores a pessoas poderosas para cobrá-los quando precisassem.

#### d) Lima Barreto (1881-1922)

Filho de João Henrques (escravo) e de Amália Augusta (filha de escrava), foi um jornalista e um dos mais importantes escritores libertários brasileiros. Lima Barreto era mulato no contexto em que a escravidão acabara de ser abolida. Teve oportunidade de boa instrução escolar no Liceu Popular Niteroiense, pois seu padrinho o Vinconde de Ouro Preto (personagem importante da época, usufruía de prestígio junto ao Imperador D. Pedro II) sustentou sua educação.

Em 1895, foi estudar no Colégio D. Pedro II e no ano seguinte admitido na Escola Politécnica, no Rio de Janeiro, foi obrigado a abandoná-la para assumir o sustento de seus irmãos. Em 1904, por concurso, entrou no Ministério da Guerra como amanuense.

Começou sua colaboração na imprensa já em 1902 no A Quinzena Alegre, depois no Tagarela, O Diabo e na Revista da Época. Em 1905, começou a escrever para o Correio da Manhã, para a Revista Fon –Fon; Jornal Gazeta da Tarde, Jornal do Commercio, Correio da Noite.

Em 1909, estréia como escritor com a obra Recordações do escrivão Isaías Caminha. Nessa obra critica a sociedade brasileira pós-abolição, denunciando o preconceito existente. Em 1911, escreve o Triste Fim de Policarpo Quaresma, considerada o prenúncio da literatura modernista no Brasil.

#### e) Carolina Maria de Jesus (1914-1977)

Nasceu em Sacramento, Minas Gerais, em 1914, filha de negros e mãe de três filhos. Estudou no Colégio Allan Kardek, primeiro Colégio Espírita do Brasil. Nessa época o colégio mantinha crianças sem condições de estudar através da ajuda de pessoas influentes. No caso de Carolina, era Maria Leite Monteiro de Barros, patroa de sua mãe, quem pagava seus estudos.

Seus escritos, de certa forma, são denúncias sócio-políticas de uma cultura hegemônica que exclui aqueles que são diferentes, que tem menos condições sociais.

Seus escritos, de certa forma, são denúncias sócio-políticas de uma cultura hegemônica que exclui aqueles que são diferentes, que tem menos condições sociais.

Sua obra mais conhecida é Quarto de Despejo. Sua primeira tiragem foi de dez mil exemplares, traduzida para 3 idiomas. Essa obra mostra uma face da vida

cultura brasileira no início da modernização da cidade de São Paulo e da criação de suas favelas.

Face cruel e perversa, pouco conhecida e muito dissimulada, resultado do temor que as elites vivenciam em tempos de perda de hegemonia. Sem necessidade de precisarem as áreas de onde vem os perigos, a elite que resguarda hegemonias não suaviza atos e consequências quando ameaçadas por “gente de fora” (leia-se, “gente de baixo”). Essa literatura documentária de contestação, tal como foi conhecida e nomeada pelo jornalismo de denúncia dos anos 50-60, é hoje a literatura das vozes subalternas que enunciam-se, a partir dos anos 70, pelos testemunhos narrativos femininos. (In: [http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/carolina\\_vida.html](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/carolina_vida.html))



#### Atividade de Estudos:

- 1) Cite as principais características que aparecem no texto de cada um desses autores, depois levante mais informações sobre eles, principalmente em relação a sua importância para a literatura afro-brasileira.

a) Machado de Assis

---

---

---

---

b) Lima Barreto

---

---

---

---

c) Carolina Maria de Jesus

---

---

---

---

---

---

## LUTA PELA IGUALDADE E DIVERSIDADE

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisas Econômicas Avançadas (IPEA), tem demonstrado, no Brasil atual, ainda o fosso existente entre a população afro-descendente e a não negra no Brasil.

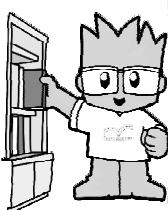
Segundo Lopes (2008), essa constatação fica ainda mais evidente nos anúncios de publicidade que aparecem na televisão. Segundo ele, a publicidade ainda tem preconceito em associar seu produto ao povo negro. Um exemplo disso, segundo esse mesmo autor, são as bonecas lançadas na televisão sempre brancas e de olhos azuis.

Um exemplo é o que aconteceu, no Brasil, com o comercial dos correios, quando Machado de Assis, aparece como um personagem branco:

São Paulo – Um dia depois de receber um pedido de providências pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), a Caixa Econômica Federal retirou a campanha publicitária que trazia o escritor Machado de Assis como personagem. A crítica de ativistas ligados ao movimento negro e da secretaria era ao fato de que a propaganda “embranquecia” um dos principais nomes da literatura brasileira, o que contribuía para a “invisibilização dos afro-brasileiros”.

Em nota, o banco público pede desculpas a toda a população, especialmente “aos movimentos ligados às causas raciais”. A Caixa sustenta que a diversidade racial brasileira sempre é retratada em peças publicitárias e cita ações realizadas em parceria com a Seppir e com movimentos sociais. ([In:<http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2011/09/caixa-pede-desculpas-a-negros-ao-retirar-prograganda-que-machado-de-assis-branco>](http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2011/09/caixa-pede-desculpas-a-negros-ao-retirar-prograganda-que-machado-de-assis-branco)).

Poderíamos citar ainda vários exemplos nesse estudo de desrespeito a diferença e a diversidade não só em relação ao afro-descendente mas a qualquer minoria, ao contrário, queremos mostras as lutas, as resistências e a persistência para que o conceito de igualdade seja efetivamente vivenciado em nossa sociedade.



A cor do preconceito de Carmem Lúcia de Campos, editora Ática e Racismo no Brasil de Lilia Moritz Schwarcz, Publifolha.

*A luta dos afro-brasileiros pela igualdade vem de longa data. Começa na formação dos primeiros quilombos, nas primeiras insurreições de escravos, nos terreiros de candomblé e na imprensaabolicionista.*

A luta dos afro-brasileiros pela igualdade vem de longa data. Começa na formação dos primeiros quilombos, nas primeiras insurreições de escravos, nos terreiros de candomblé e na imprensaabolicionista.

É necessário desmontar um discurso criado pela elite dominante para justificar a escravidão que, infelizmente, em alguns casos ainda perdura em nossa sociedade.

A luta começa a ganhar espaço e visibilidade no Brasil em 1929 com o 1 Congresso da Mocidade Negra no Brasil. Em 1931, funde-se a Frente Negra Brasileira (FNB) que tinha como objetivo claro “unir a gente negra para afirmar seus direitos históricos e reivindicar seus direitos atuais”, e em 1950 o I Congresso Negro Brasileiro.

#### Atividade de Estudos:



- 1) Neste estudo citamos apenas alguns movimentos de luta contra o preconceito e o reconhecimento do negro como integrante do processo histórico de construção da cultura brasileira, mas existem muitos outros. Um exemplo é a criação do Estatuto da Igualdade Racial. Busque informações sobre esse estatuto e explique como as propostas do documento modificam a realidade afro-descendente em nosso país.

---

---

---

---

---

---

---

Muito mais que lutar por igualdade essas organizações precisavam “derrubar” um discurso biológico e sociológico da superioridade da “raça branca”. Esse discurso foi um conjunto de ideias que foram elaboradas pela elite dominante, a fim de justificar a escravidão e a constituição de novas relações sociais no Brasil após a abolição.

Por ideologia, entendemos a partir do conceito da filósofa Marilena Chauí, que uma sociedade passa a ser hegemônica quando de maneira espontânea flui como verdade igualmente aceita por todos. A sociedade não precisa mostrar-se e não necessita de signos visíveis para se impor.

Ora, a classe que explora economicamente só poderá manter seus privilégios se dominar politicamente e, portanto se dispuser de instrumentos para essa dominação. (...) a ideologia é um desses instrumentos. Nesse sentido, a ideologia é (...) o processo pelo qual as idéias da classe dominante tornam-se idéias de todas as classes sociais, tornam-se idéias dominantes. (...), consiste precisamente na transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das idéias). (CHAUÍ, 1980, pp. 82-85).

Essa ideologia que se pretendia hegemônica, precisava justificar as atrocidades cometidas com a escravidão e ainda se utilizava de discursos que legitimavam tal atitude como o discurso da ciência que pregava desde 1885, que o negro era uma raça inferior no livro de Gobineau “Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas”, (1885), para citar um desses estudos, além do discurso da eugenio, do “branqueamento da população, difundido no Brasil durante muito tempo.

Segundo a Declaração sobre a raça da Associação Norte Americana de Antropologia de 1998:

As desigualdades atuais entre os chamados grupos raciais não são consequências de sua herança biológica, mas produtos de circunstâncias sociais históricas e contemporâneas e de conjunturas econômicas, educacionais e políticas. (Declaração sobre Raça da Associação Norte Americana de Antropologia de 1998).

Portanto, esse discurso, construído ao longo do tempo precisa ser modificado. Muito mais que lutar por leis, por espaços, os afro-descendentes lutam por uma mudança de comportamento da sociedade, muitas vezes ainda arraigada em discursos ilógicos e infundados.

A própria Constituição Brasileira de 1988, prevê:

Prevê o pleno desenvolvimento dos cidadãos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; garante o direito à escola para todos; e coloca como princípio para a Educação o “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um”.

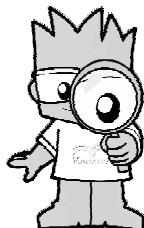
Prevê ainda crime para o racismo:

Art. 1: Serão punidos, na forma destas Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Art 4: Negar ou abster emprego em empresa privada.

Art. 20: Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Em 2003, a Presidência da República criava a Secretaria Especial de Promoção de Políticas para a Igualdade Racial (SEPPIR) e também incluía na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) o ensino da cultura Afro nas escolas.



#### Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96

- Art.26-A - Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira.
- § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
- § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em

especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

- O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’.

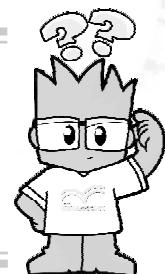
---

---

Embora leis sejam criadas, conquistas tenham sido feitas, será que dão conta de extinguir o preconceito? Será que a discriminação no Brasil é realmente punida como prevê a Constituição?

---

---



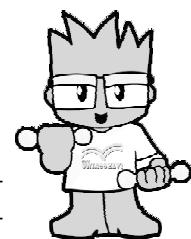
**Atividade de Estudos:**

- 1) Como Marilena Chauí define ideologia?

---

---

---



- 2) Pesquise o que é contra ideologia, anote sua pesquisa nas linhas abaixo e depois responda:

---

---

---

- a) Se observarmos o conceito de contra-ideologia e o conceito de ideologia, podemos dizer que a luta do afro descendente pela igualdade é contra hegemônica? Vai contra a ideologia dominante? Explique.

---

---

---

- b) Qual é o discurso dominante hoje no Brasil em relação a

igualdade e a diversidade?

---

---

---

3) Observe a charge abaixo e responda:

Figura 10 – Charge



Fonte: Disponível em: <<http://historiadb8.blogspot.com.br/2011/06/racismo-heranca-da-escravidao.html>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

a) Esta charge tem conotação racista?

---

---

---

---

b) Elabore um texto elencando os discursos que aparecem na charge e que já fora, estudados nesse capítulo.

---

---

---

---

- c) Cite alternativas que podem colaborar para o fim efetivo do preconceito?

---

---

---

---

---

---

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Caro pós graduando, estamos chegando ao fim desta disciplina, neste capítulo estudamos sobre a capoeira, alguns autores que retrataram em suas obras literárias os movimentos africanos para a conquista da liberdade e da igualdade na sociedade brasileira.

Além disso, neste caderno de estudos, procuramos apresentar o conceito de identidade das comunidades africanas e como isso influencia a nossa vida através da culinária, da arquitetura, dos movimentos artísticos e literários.

Esperamos que essa disciplina contribua com a sua prática docente, fazendo com que você reflita com os alunos a cultura africana e não apenas as majoritárias. Desejamos sucesso e bons estudos.

## REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FRAGA e ALBUQUERQUE. **Uma história da cultura afro-brasileira**. São Paulo: Moderna, 2009.

LOPES, Nei. **História e Cultura Africana e Afro-brasileira**. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

PAULA e SILVA, André Marcos. **História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**. Curitiba: editora Gráfica Expoente, 2008. Volume II.